

**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**A “SOCIEDADE BEJENSE” DE MEADOS DO SÉCULO XIX À  
PRIMEIRA REPÚBLICA : ELITES E VIDA ASSOCIATIVA**

**PAULA CRISTINA ALVITO MARQUES**

**ORIENTADORES: PROFESSORA DOUTORA MARIA JOSÉ STOCK  
PROFESSOR DOUTOR HELDER FONSECA**

**VOLUME I**

**ÉVORA**

**1997**

84583

# ERRATA

## ONDE SE LÊ

### Pág.1- (capa)

- Évora
- “Sociedade Bejense

### Pág.3-(Linha 9)

- área

### Pág.12 (Linha 13)

- constitiram

### Pág.17-(Linha 1)

- no que refere

### Pág.20-(Linha 7)

- defenida

### Pág.43 -(Linha 1)

- distingui-se

### Pág.54 -(linha5)

- tem a ver

### Pág.62 -(Linha 5)

- de reforçar de o que

### Pág.65-(Linha 10)

- implementada

### Pág.66-(Linha 14)

- nas actividadesde

### Pág.67- (Linhas 11e 12)

- o cruzamento dos dados relativos às profissões e participação na política e administração local e nacional

### Pág.68- (Linha 1)

- com base nos elementos fornecidos pelo gráfico

- (Linha 5)

- áreas

- (Linha 6)

- numéricas

### Pág.70- (Linha 3)

- verificar

### Pág.71- (Linha 7)

- também também contribuiu

- (Linha 8)

- unma

### Pág.73- (Linha 26)

- ou se

### Pág.75- (Linha 19)

- tabelaão ,delegadomdomtesouro ,oficialpda repartiçãoodeolfazendandonidistrito

### Pág.78- (Linha 18)

- que Beja detivesse

- (Linha 25)

- proprietários ,que representando

## DEVE LER-SE

- Évora

- “Sociedade Bejense”

- área

- constituíram

- no que se refere

- definida

- distinguiu-se

- tinham a ver

- de reforçar o que

- implementadas

- nas actividades de

- distribuição dos sócios fundadores por funções politico-administrativas

- com base nos elementos recolhidos

- áreas

- numéricas

- verificámos

- também contribuiu

- uma

- ou seja

- tabelaão,delegado do tesouro ,oficial da repartição de fazenda do distrito

- Beja tivesse

- proprietários representando

## ONDE SE LÊ

## DEVE LER-SE

Pág.83- (Linha 2)

-bacharéis que se distribuíram

-bacharéis se distribuíram

Pág.84- (Linha 15)

-Foi nos

-Foi-nos

Pág.85- (Linha 12)

-vítimas

-vítimas

Pág.89- (Linha 15)

-Benardo

-Bernardo

Pág.95-(Linha 22)

-assumi

-assumiram

Pág.101-(Linha 23)

elegíveis

-elegíveis

Pág.105-(Linha 12)

-referência

-referência

Pág.111-(Linha 12 e 13)

-tal podemos concluir

-podemos concluir

Pág.113-(Linha 3)

-socias

-sociais

Pág.115-(Linha 1)

-cerca oito

-cerca de oito

Pág.115 - (Linha 17)

-em termos

-em termos

Pág.119-(Linha 5)

-na forma cuidada com

-na forma cuidada como

Pág.120 -(Linha 29)

-facto se ficou

-facto que se ficou

Pág.121 (Linha 12)

-trinta e seis da vida

-trinta e seis anos da vida

Pág.122-(Linha 1)

-character

-carácter

Pág.127-(Linha 28)

-noticia

-notícia

Pág.129-(Linha 1)

-cojunto

-conjunto

Pág.130-(Linha 23)

-victimas

-vítimas

Pág.134-(Linha 13)

-apesar de tre

-apesar de ter

Pág.155-(Linha 1)

-contribuíram par

-contribuíram para

-(Linha 12)

-acrescentamos que

-acrescentamos a

-(Linha 23)

-antecedentes

-antecessores

-(Linha 28)

-ascensão

-ascensão

\*Pág.47 -no gráfico nº2 falta acrescentar a percentagem de 75% na classe dos valores de 0 a 100 réis

Pág.74-no gráfico nº20 deve acrescentar-se profissões no eixo das ordenadas

Pág.430-Vol.II.-não se deve considerar a nota que acompanha a relação se sócios

## AGRADECIMENTOS

Expresso ,primeiramente,o meu agradecimento aos orientadores da tese,Professora Doutora Maria José Stock e Professor Doutor Helder Fonseca ,pois sem o seu contributo seria impossível realizar este trabalho.

Agradeço,igualmente aos meus pais,irmão e amigos ,por todo o estímulo e apoio constantes .Uma palavra muito especial às colegas e amigas Carla Trindade, Helena Silva e Ana Cristina Mestre,pelo auxílio prestado ao longo da investigação e pela forma incondicional como participaram neste projecto.

Não posso deixar de agradecer também à Dr<sup>a</sup> Mariana Bernardo,que me estimulou a iniciar as investigações nesta área.Ao director e funcionários da Arquivo Distrital , funcionários da Biblioteca Municipal,bem como os directores das sociedades recreativas bejenses,nomeadamente a Sociedade Bejense,Sociedade Recreativa Artística Bejense e Clube Bejense,agradeço a extrema disponibilidade que demonstraram.

*A “SOCIEDADE BEJENSE” DE MEADOS DO SÉCULO XIX À  
PRIMEIRA REPÚBLICA :ELITES E VIDA ASSOCIATIVA.*

**ÍNDICE GERAL**

<b>Vol.I</b>	<b>Págs.</b>
Introdução .....	6
<b>I Capítulo</b>	
Conceitos,Problemas ,Metodologia e Fontes.....	15
<b>II Capítulo</b>	
A “Sociedade Bejense ”:Organização e Acção	
1.Caracterização Espacial :Um Espaço Distinto.....	29
2.Um Estatuto Elitista.....	33
<b>III Capítulo</b>	
A “Sociedade Bejense”:Um Clube de Elite	
1.Os Pioneiros.....	40
2.Os Sócios.....	72
3.A Liderança da Sociedade Bejense.....	111
<b>IV Capítulo</b>	
As Actividades :Reflexo de Uma Imagem de Esplendor	
1.Reuniões de Aparato.....	116
2.Os Bailes Como Encontros de Requite.....	124

3.A “Sociedade do Êspeto”:Um Espaço de Convívio Selectivo	Págs.
3.1.-Objectivos e Estatutos .....	133
3.2.-Actividades Desenvolvidas .....	139
3.3.-Membros Constituintes .....	146
4.Outras <sup>Actividades</sup> Implementadas.....	149
Conclusão.....	153

## **VOL.II**

### **Anexos**

Anexo I-Biografias.....	157
Anexo II-Dados Estatísticos.....	386
Anexo III-Outros Documentos.....	422
Fontes e Bibliografia .....	438

## Introdução

O propósito deste trabalho consistiu em estudar um dos espaços de sociabilidade bejense ,no período que medeia entre a data da fundação da sociedade em causa,1854, e o ano que marca o início da Primeira República (1910).

Em virtude das transformações radicais provocadas pelo regime republicano em todas as esferas da sociedade,considerámos a data limite do estudo em 1910,desta forma ,esta delimitação temporal permite-nos acompanhar a evolução que se fez sentir na cidade no período da *Regeneração*,que proporcionou ao País uma relativa estabilidade.

Como factores que determinaram a escolha deste estudo de caso ,salientamos o interesse suscitado pela temática da sociabilidade ,uma vez que existem poucos trabalhos nesta área .

Cumprе acrescentar que o interesse por este tema foi suscitado pela historiografia francesa na década de sessenta,a partir desta data desenvolveram-se debates tendo em vista a comparação dos resultados,principalmente,na Alemanha e Suíça(1).Em Portugal apesar de se ter manifestado interesse por esta questão,ainda persistem muitas lacunas nesta área .

O estado incipiente da investigação histórica,no que se refere à região do Baixo - Alentejo e à cidade de Beja em particular ,foi outra das condicionantes que determinaram a escolha deste tema .

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a história local e contribuir para dar a conhecer o esplendor adquirido no século passado pela Sociedade Bejense procurando desta forma,chamar a atenção para a importância desta instituição em termos sociais.Este destaque ficou a dever-se aos membros que constituíam a sociedade, por serem estes os agentes dinamizadores de todo um conjunto de actividades que lhe conferiam prestígio .

(1)-Maria Ana Bernardo,*Sociabilidade e Práticas de Distinção em Évora na Segunda Metade do Século XIX-O Círculo Eboense*,(Provas de Aptidão Pedagógica),Évora,Universidade de Évora,1992,pág.VI

A análise do tema implica uma breve descrição dos aspectos mais importantes que caracterizam a cidade neste período. No entanto, os elementos que dispomos relativamente à população e economia referem-se, sobretudo, ao ano de 1845, pelo que nos dão uma perspectiva da situação vivida em Beja antes da fundação da Sociedade Bejense.

Começamos por fazer referência à população existente em Beja no ano de 1845: "existiam 4.118 fogos e cerca de 8.000 almas"(2). Em termos de economia, acrescentamos que "a agricultura é a única fonte de riqueza d'este fertilíssimo torrão"(3). Importa referir que em 1862, cerca de 70% da população activa do distrito de Beja ocupou o sector primário, apenas 22% da população se dedicava ao sector secundário e 9% trabalhava no sector terciário(4).

No que diz respeito ao sector agrícola e em virtude da sua importância, consideramos relevante especificar esta análise. Desta forma, acrescentamos que existiam em Beja no ano de 1845, quatrocentos proprietários e em todo o concelho este número aumentou para mil e quinhentos. O número de lavradores na cidade era de quarenta e oito e no concelho eram cerca de trezentos e cinquenta(5), face ao predomínio das actividades relacionadas com o sector agrícola, é de assinalar a pouca representatividade das restantes profissões(6).

Para completar a caracterização económica de Beja, importa referir que a indústria estava pouco desenvolvida, apesar de existirem "officinas de ourives e de merceneiros, duas fábricas de solla, algumas de tijolo, telha, cal e louça de grosseiro barro, nada mais se pode mencionar..."(7).

(2)- José Silvestre Ribeiro, *Beja no Anno de 1845-Primeiros Traços Estatísticos Daquella Cidade*, Beja, 1847, pág. 62

(3)- *Relatórios Sobre o Estado da Administração Pública nos Districtos Administrativos do Continente do Reino e Ilhas Adjacentes em 1860*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1863 (citado por Helder Fonseca, *O Alentejo no Século XIX - Economia e Atitudes Económicas*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996, pág. 24)

(4)- Helder Fonseca, 1996, Op. Cit., pág. 25

(5)- José Silvestre Ribeiro, 1847, Op. Cit., pág. 57

(6)- Ver lista de profissões existentes em Beja no ano de 1845, anexo pág. 422

(7)- José Silvestre Ribeiro, 1847, Op. Cit., pág. 59

Acrescentamos que a indústria que estava relacionada com o sector agrícola se encontra também extremamente atrasada, embora existissem condições para que esta se desenvolvesse: "...clima excelente, fertilíssimos terrenos, abundância d'agoas e a par destas vantagens físicas, não nos falta o engenho, não careceis de natural talento!"(8).

Relativamente ao comércio, este encontra-se numa situação estacionária, sem que impere o desenvolvimento, situação que se ficou a dever a vários factores, nomeadamente "as ruins estradas, o nenhum espírito de associação e a falta absoluta de indústria"(9).

Recorremos a uma citação proveniente de uma notícia jornalística da época, por nos parecer espelhar concretamente a situação da cidade na segunda metade do século XIX: "...Beja não podia dormir por mais tempo reciclada ... sobre as glórias do passado ... cidade opulenta, capital de um dos mais importantes distritos do reino, não podia deixar de aspirar à glória de entrar na Liga Civilizadora deste século, que tem por cortejo as luzes e a instrução ..."(10).

O parágrafo anterior permite-nos concluir que Beja reuniu condições que lhe permitiram acompanhar as transformações próprias do liberalismo. Interessa descrever quais as inovações operadas na cidade e os efeitos destas transformações no dinamismo que se implementou.

Começamos por salientar que foram criadas na cidade as infraestruturas consideradas essenciais ao progresso da cidade, das quais fez parte a maior implementação de escolas. A este propósito o jornal faz um apelo à necessidade de desenvolver o ensino, "Aulas, escolhas, lyceus, bibliothecas, theatros, exemplos, estímulos, tudo falta, de tudo carece esta misera província, tão pobre e tão necessitada de tudo"(11).

No decorrer da segunda metade do século XIX foram criadas novas escolas no prosseguimento da política liberal que visou garantir a instrução dos cidadãos, importa realçar que na década de sessenta o liceu de Beja era considerado um dos melhores do País.

(8)-José Silvestre Ribeiro, 1847, Op. Cit., pág. 58

(9)-José Silvestre Ribeiro, 1847, Op. Cit., pág. 59

(10)-Jornal O Bejense, n.º 1, de 3 de Abril de 1860, pág. 1

(11)-Jornal O Bejense, n.º 1, de 3 de Abril de 1860, pág. 1

É de salientar,também ,que em 1850 se instalou em Beja a litografia Sousa Porto substituída,posteriormente,pela tipografia.Este evento remete-nos para o aparecimento da imprensa na cidade ,sendo este um dos motores do progresso .

Para reforçar a importância da imprensa ,acrescentamos uma notícia transmitida a este propósito: "*Situada na Província mais esquecida por todos os Governos carecia de ser representada na arena jornalística do Paiz por um periódico ,que advogando-lhe os interesses ,não deixasse esquecer muitos ,e mui importantes melhoramentos materiais ,que,entre nós ,se fazem sentir,com mais urgente necessidade* "(12).

Outro importante contributo para o desenvolvimento da cidade foi ,sem dúvida,a inauguração da linha de caminho -de -ferro em 1862 ,como medida do fontismo,facto que trouxe melhoramentos significativos à cidade.

O desenvolvimento urbano também se fez sentir nesta época ,abriram-se novas praças, alargaram-se as ruas ,construíram-se edifícios públicos importantes como seja o Museu Arqueológico ,inaugurado em 1892,o novo edifício da Câmara Municipal construído em 1881,lançaram-se os alicerces para o actual edifício do Governo Civil,em 1866 foram também iniciadas as obras para construção do Teatro(13).

As visitas régias constituíram acontecimentos que mereceram um destaque especial e foi notável a receptividade dos bejenses a estes eventos.Permitiu que estes se realizassem com bastante sucesso ,contribuindo ,desta forma, para a projecção da cidade e uma maior aproximação ao poder central.Visitaram a cidade na segunda metade do século XIX,D.Pedro V e seu irmão D.João ,Duque de Beja em 1860 e posteriormente em 1893,estiveram na cidade D.Carlos e D.Amélia(14).

Com base nestes elementos podemos avaliar a importância do novo ciclo de transformações que tiveram lugar em Beja a partir da década de sessenta do século XIX.Muitos outros aspectos poderiam ser referidos como mentores do progresso ,no entanto os propósitos da investigação contemplam apenas um breve resumo dos factos mais significativos.

(12)-Jornal **O Bejense**,nº1,de 3 de Abril de 1860,pág.1

(13)-**Guia de Beja** ,Beja ,Câmara Municipal de Beja,1950,pág.64

(14)-**Guia de Beja** ,Beja,1950,Op.Cit.,pág.64

Para efectuar o correcto e necessário enquadramento do estudo importa descrever a evolução das diferentes formas de sociabilidade ao longo do século XIX ,o percurso seguido pelo associativismo e a forma como Beja acompanhou essa evolução.

No século XIX surgiram diversos tipos de sociabilidade :os cafés ,os teatros ,os saraus ,as soirées ,as feiras ,o passeio público ,as comemorações e celebrações religiosas e profanas .Porém,o estudo em causa centra-se num espaço de sociabilidade de carácter selectivo,apesar de se enquadrar num universo mais vasto que corresponde às sociedades recreativas.

Tendo em vista o papel assumido pelas sociedades recreativas no campo das sociabilidades,começamos por fazer uma breve referênciã à sua origem e objectivos.Acrescentamos que estas sociedades se difundiram a partir de 1834 e eram orientadas para a convivialidade própria da burguesia(15).

Para melhor compreender a necessidade de satisfazer os interesses deste grupo social,importa salientar que as transformações operadas no período de transição do século XVIII para o século XIX conduziram à ascensão da burguesia em detrimento da nobreza ,que começou a perder importância .

A partir de 1820 ,proclamou-se a necessidade de acabar com a “ordem velha”,a nobreza,considerada pouco elegante em termos de maneiras,esta frequentava como espaços de distração as feiras ,procissões ,corridas de touros e passeios no rio(16).

Por sua vez,a burguesia ,como classe permeável à inovação ,veicula no século XIX uma nova mentalidade assente no alargamento da informação ,da instrução e recreio.Acrescentamos que este grupo social desenvolveu um novo estilo de vida,essencialmente, urbano .

Proliferam as sociedades culturais e recreativas ,bem como outros espaços de sociabilidade: cafés, saraus,tertúlias ,academias literárias e científicas.

A análise dos diversos espaços de sociabilidade que se desenvolveram no século passado,implica a distinção entre espaços públicos e privados ,bem como a diferenciação entre espaços de acção masculina e feminina.

(15)-Maria Ana Bernardo,1992,Op.Cit...,pág.34

(16)-Maria de Lourdes Lima dos Santos ,Para Uma Sociologia da CulturaBurguesa em Portugal no Século XIX,Lisboa,Presença,1983,pág.16

Os espaços considerados ,marcadamente, femininos na camada burguesa, restringem-se à igreja ,obras de caridade,acompanhamento do marido a festas e bailes e às sociabilidades domésticas ,como visitas de chá entre as senhoras .Relativamente ao mundo da sociabilidade e lazeres masculinos,destacamos os clubes e outras associações nas quais a mulher ,estatuariamente, não podia ser sócia (17).

Acrescentamos que, até meados da segunda metade de oitocentos,se difundiu uma sociabilidade privada ,praticada no plano doméstico e procurou-se cada vez mais os recintos fechados em detrimento da rua e dos espaços ao ar livre(18).

A partir de 1850 ,difundiram-se as associações culturais e recreativas consideradas espaços de sociabilidade intermédios ,uma vez que representavam a apropriação do espaço público por grupos particulares,que procuram responder aos seus próprios interesses e necessidades(19).

Na cidade de Beja surgiram várias associações recreativas,no período histórico em estudo,estas apresentavam características comuns às associações que se desenvolveram em diversas regiões do País e mesmo da Europa .

Apesar da especificidade que é própria de cada país ou região existem algumas características comuns no associativismo voluntário,como seja o facto de assentarem em tradições anteriormente implantadas e na formalização das associações com base nos estatutos.O domínio dos modelos desenvolvidos pela burguesia e aristocracia nos centros urbanos e a existência de critérios extremamente rígidos e selectivos ,como seja o facto de ser vedada a presença feminina como membro da instituição (20),figuraram também como denominadores comuns.

É possível analisar a forma como Beja acompanhou o movimento associativo, através da diversidade de associações que foram criadas durante a segunda metade do século XIX.

(17)-Gaspar Martins Pereira ,**Famílias Portuenses na Viragem do Século (1880-1910)**,Porto,Edições Afrontamento,1995,pág.252

(18)-Nuno Monteiro Madureira ,**Inventários ,Aspectos do Consumo e da Vida Material em Lisboa nos Finais do Antigo**

**Regime**,1989,pág.160(citado por Maria Ana Bernardo ,1992,Op.Cit.,pág.29)

(19)-Maria Ana Bernardo ,1992,Op.Cit.,pág.30

(20)-Maria Ana Bernardo ,1992,Op.Cit.,pág.50

Para completar a ideia expressa no parágrafo anterior, remetemos para a análise do quadro nº1 (21), o qual contempla as associações mais importantes implementadas na cidade, informação acrescida com as respectivas datas de fundação destes espaços.

Após esta contextualização, do estudo em causa, consideramos importante apresentar a estrutura do trabalho. Acrescentamos que este é composto por quatro capítulos fundamentais, o primeiro refere-se aos conceitos, problemas, metodologia e fontes, segue-se um capítulo respeitante à organização e acção da sociedade, no qual é feita a caracterização espacial e a análise dos estatutos.

No terceiro capítulo procedemos à caracterização dos membros que constituíram a Sociedade Bejense, tendo em conta o conjunto diversificado de atributos sociais considerados na análise. Este capítulo contempla um conjunto de referências importantes que se resumem à caracterização sociológica dos membros que constituíram a Sociedade Bejense. Com o objectivo de especificar a análise deste grupo de indivíduos, optámos por caracterizar, primeiramente, os pioneiros.

O universo dos sócios fundadores foi estudado em dois períodos cronológicos diferenciados, a primeira análise refere-se ao ano de 1854, data da fundação da sociedade. Posteriormente, foi feita a caracterização dos pioneiros ao longo do período temporal a que se refere este estudo, procurámos, desta forma, fazer uma análise evolutiva do percurso de vida seguido pelos fundadores.

Pretendemos demarcar o grupo de fundadores dos restantes sócios, pelo seu papel determinante como impulsionadores de um espaço distinto de convívio entre os sócios e suas famílias.

Procurámos também apreender o carácter imprimido por estes indivíduos à Sociedade Bejense, aquando da sua fundação e verificar se este perfil teve ou não continuidade, por parte dos sócios que se seguiram.

A caracterização geral dos sócios foi contemplada no ponto dois do terceiro capítulo, tendo em vista efectuar uma apreciação global dos membros que constituíram a Sociedade Bejense.

(21)-Ver quadro nº1, anexo, pág. 387

No terceiro e último ponto deste mesmo capítulo, caracterizámos os membros que desempenharam funções directivas na sociedade, descrevemos os seus atributos sociais e procurámos, desta forma, verificar se a preponderância assumida na Sociedade Bejense em particular, se fez também sentir na sociedade local.

A identificação de todos os membros que constituíam a sociedade em estudo foi feita com base na análise de elementos que conferiram um reconhecimento social, os quais foram simplificados em tabelas e gráficos que completaram a análise textual.

Estes elementos considerados na análise foram a quota tributária, a profissão, habilitação literária, bem como a sua acção pública que se reflectiu na participação em actividades de carácter local e também de âmbito nacional.

A idade e estado civil só foram analisados no caso específico dos sócios fundadores, no ano de 1854, por constituírem dados, dificilmente, controláveis num vasto conjunto de anos.

Na análise feita para a totalidade dos sócios, foram também descritos, embora de forma muito pouco aprofundada, os laços de parentesco estabelecidos entre os membros constituintes da Sociedade Bejense.

Foi analisado um outro elemento de distinção social protagonizado por alguns dos sócios da Sociedade Bejense, que tem a ver com a existência de sócios detentores de títulos de nobreza ou de outros graus honoríficos.

Analisámos também, embora muito sinteticamente, a forma como a imagem destes indivíduos se reflectia nas suas habitações, bem como o reflexo da condição social dos sócios e das suas famílias nas construções tumulares edificadas no cemitério.

A conjugação de todos estes dados permite-nos traçar o perfil dos membros que constituíram a Sociedade Bejense. O estudo das suas características, foi efectuado de forma particular para os diversos grupos de sócios, ou seja, para os fundadores, membros da direcção, membros da “Sociedade do Êspeto” e para a totalidade dos sócios, que contempla todos os elementos dos grupos, anteriormente, referenciados.

Com base nestes dados efectuámos comparações genéricas, a partir das características de cada um dos grupos em particular e procurámos apreender os traços essenciais que são comuns a todos. Estes mesmos elementos assumiram-se como um factor de coesão, que por sua vez contribuiu para definir a condição de sócio da Sociedade Bejense.

O conjunto de elementos analisados permitem-nos verificar se a Sociedade Bejense, como espaço de sociabilidade considerado distinto, deve ou não esse estatuto privilegiado aos seus membros constituintes e se a acção destes, para além de dinamizar a sociedade, tinha também em vista consolidar o seu poder.

Para fundamentar a hipótese anteriormente apresentada, importa ter presente a noção de elite. Neste sentido efectuámos uma sùmula das diversas teorias elitistas e procedemos à abordagem dos diferentes conceitos de elite, dos principais teóricos e seus contributos para o estudo desta temática. Todos estes elementos foram integrados no primeiro capítulo do trabalho.

Resta-nos acrescentar que no quarto e último capítulo, respeitante às actividades implementadas na sociedade em estudo, analisámos a importância das reuniões, dos bailes e de outras actividades, como elementos que refletiam a imagem de esplendor da Sociedade Bejense.

A “Sociedade do Êspeto” constituía um outro espaço de convívio que foi implementado, graças à acção de alguns dos membros da Sociedade Bejense. Face à sua relevância, no seio da sociedade em estudo, analisámos os seus objectivos, estatutos, as actividades implementadas e os membros que a constituíram.

Relativamente à estrutura do trabalho acrescentamos ainda que procurámos documentar e enriquecer alguns dos aspectos descritos ao longo do mesmo, com o recurso aos anexos, os quais foram organizados no segundo volume do trabalho. Acrescentamos que os anexos foram estruturados em três partes: o primeiro diz respeito às biografias dos sócios, o segundo anexo contempla os dados estatísticos, como sejam os quadros, gráficos e tabelas que ilustram o texto. Por fim no terceiro anexo encontram-se documentos fotográficos, plantas, listagem de sócios, etc. No segundo volume do trabalho encontram-se também as fontes e bibliografia.

## I CAPÍTULO

### **Problemas ,Metodologia Conceitos e Fontes**

A inexistência de trabalhos sobre este tema e os poucos estudos existentes no campo dos espaços de sociabilidade e elites bejenses ,constituíram, por um lado, um obstáculo inicial pelo receio de não encontrar elementos suficientes ,mas por outro lado funcionaram como incentivo na procura de novos conhecimentos sobre esta matéria.

A Sociedade Bejense, por constituir um espaço de sociabilidade privilegiado, engloba um conjunto diversificado de aspectos sociais,políticos,culturais e económicos,que nos permitiram fazer uma análise do subsistema local e das suas relações com o todo nacional.

As questões centrais deste trabalho relacionam-se com a caracterização de um dos espaços de sociabilidade existentes em Beja na segunda metade do século XIX.Outro aspecto tem a ver com a caracterização das elites que integraram e dirigiram a Sociedade Bejense e o seu grau de influência no funcionamento ,objectivos e organização deste espaço.

Face à existência de várias sociedades recreativas na cidade de Beja, neste período histórico, e em virtude da importância das mesmas ,deparámo-nos com um problema que tem a ver com a selecção de um destes espaços em detrimento dos restantes.

A delimitação do estudo à Sociedade Bejense justifica-se pelo seu carácter distinto,a que se deve a designação de “Clube dos Ricos ”,como ainda é conhecido actualmente.

A nossa escolha foi também condicionada pela antiguidade desta sociedade,facto que nos permitiu abranger um maior espaço temporal .A importância desta instituição radica ,necessariamente ,nos membros constituintes,tendo estes assumido um considerável destaque em termos económicos ,políticos e sociais,facto que nos levou a integrá-los no grupo de elite .

A diversidade de actividades implementadas por esta sociedade e o número de informações disponíveis foram também factores que determinaram a nossa escolha.

As restantes sociedades recreativas como seja, O Clube Bejense, Sociedade Artística Bejense e a Sociedade Capricho Bejense ,foram analisadas em termos superficiais, visto pretendermos ,unicamente,estabelecer uma comparação entre estes espaços e a Sociedade Bejense.

Pelo carácter da pesquisa efectuada, e em virtude dos objectivos e dados disponíveis, óptamos pela metodologia analítico-qualitativa .Sempre que possível ,recorremos a técnicas quantitativas com a utilização de alguns elementos de análise estatística,que permitiram simplificar a informação ,facilitando assim a comparação dos dados.

É importante referir que, face ao período em estudo ,não foi possível recolher informações directa, desta forma, para garantir a credibilidade dos próprios documentos,recorremos à crítica histórica ,sendo esta um elemento que assegura a exactidão e a autenticidade das informações.

Com o objectivo de identificar os atributos sociais dos membros que constituíam a Sociedade Bejense utilizámos o método prosopográfico.Em virtude da importância deste método na investigação ,importa fazer referência ao seu conceito ,fases de análise e ao seu contributo no estudo das elites.

Começamos por descrever os diversos conceitos de prosopografia e, necessariamente ,os diferentes autores que abordam esta temática.Acrescente-se a análise feita por Hubert Bodin que define prosopografia como “a reconstituição de um conjunto de biografias para detectar as características de um grupo social ou profissional”(1).

Este mesmo autor apresenta as diferenças entre este método e a biografia ,mas acrescenta que existe uma complementaridade entre estes dois métodos.A prosopografia incide sobre vários indivíduos e a biografia foca ,separadamente, cada um deles,”trata-se de a partir de personalidades ,preparar a definição dos tipos ,fazer sobressair os traços comuns e as diferenças -a partir do singular ,fazer do ‘singular plural’”(2).

(1)- Hubert Bodin,“La biographie peut-elle jouer un rôle en histoire économique contemporaine?”in **Problèmes et méthodes**, pág 182-183(citado por José Amado Mendes ,”O Contributo da Biografia Para o Estudo das Elites Locais :Alguns Exemplos”,in **Análise Social** ,Vol.XXVII,Nº116,117(2ª E 3ª séries,1992,págs.360)

(2)-L.Bergeron e G.Chaussinand -Nogaret,apud J.Andreau ,”Prosopographie “,pág.546(citado por José Amado Mendes.1992,pág.360)

No que refere à relação estabelecida entre prosopografia e biografia ,saliente-se que estas duas modalidades devem associar-se .A prosopografia tem de partir da biografia, de casos individuais para,seguidamente,focar o respectivo grupo em que aqueles estão integrados,o que contribui para entender a prosopografia como uma espécie de “biografia colectiva”(3).Este conceito foi considerado como “la acepción más común”(4).

A noção de prosopografia foi analisada tendo em conta um sentido mais genérico e um sentido considerado etimológico.Genericamente ,a prosopografia foi entendida como descrição de biografias individuais e colectivas,integra aspectos da vida familiar ou de grupos de interesse e de poder.Em sentido etimológico significa descrição dos aspectos externos(5).

Estes conceitos foram defendidos por Guillermo Gortázar ,este mesmo autor acrescenta que “la prosopografía se refiere a la descripción de las distintas formas de hegemonia de los grupos y subgrupos de poder en todos los àmbitos políticos ,sociales, económicos,etc (6).

Para completar as diversas abordagens feitas ao conceito de elite ,acrescentamos o contributo de Pedro Soto que faz referência à origem da palavra e opõe-se à definição de prosopografia apresentada por Gortázar,ao considerar que a prosopografia não é uma descrição de aspectos externos ,mas sim, a interpretação das relações internas de um sujeito colectivo(7)

(3)-José Amado Mendes ,1992,Op.Cit.,pág.361

(4)-Pedro Carasa Soto ,”La Recuperacion de la Historia Política y la Prosopografía”in **Elites .Prosopografía Contemporánea**, Valladolid,Secret.Public.Universidad de Valladolid,1994,pág.46

(5)-Guillermo Gortázar “Oligarquía ,Elites y Prosopografía:Tres Etapas en la Historia de los Grupos de Poder” in **Elites. Prosopografía Contemporánea** ,Op.Cit.,pág.37

(6)-Guillermo Gortázar ,1994,Op.Cit.,pág.36

(7)-Pedro Carasa Souto,1994,Op.Cit.,pág.46

Por sua vez , Stone identifica a prosopografia com “una investigación retrospectiva de las características comunes de un grupo de muestra de protagonistas históricos, mediante el análisis colectivo de un conjunto de variables uniformes acerca de sus vidas(nacimiento,muerte,matrimonio,familia,origen sociales,posición económica,status, heredado,residencia,educación,patrimonio,profesión,actividades económicas,religión, etc.)(8).

Com o objectivo de proceder à caracterização dos membros que constituíam a Sociedade Bejense,desenvolvemos as diversas fases que constituem o método prosopográfico .

Importa referir que,primeiramente,definimos o objecto de análise e formulámos um conjunto de questões,o passo seguinte tem a ver com a análise ,articulação e cruzamento das informações obtidas .Acrescente-se ainda que, para organizar os diversos elementos biográficos constantes em anexo,foi necessário também encontrar variáveis significativas,situá-las no contexto,tendo por base as suas correlações internas e relações com outras formas de comportamento e acção(9).

No que se refere à importância do método prosopográfico para o estudo em causa, consideramos que este assumiu um papel fundamental ,uma vez que a partir da caracterização individual de cada um dos sócios ,permitiu-nos estabelecer o cruzamento das informações ,combinar as diversas variáveis e depreender os aspectos comuns,que caracterizam o colectivo.

A prosopografia constituiu um instrumento capaz de desenhar o perfil típico de um grupo ou de esboçar um percurso exemplar(10).

Acrescente-se que, tanto a biografia ,que descreve cada um dos indivíduos em termos individuais,como a prosopografia que incide sobre os vários indivíduos, desempenham um papel, extraordinariamente, significativo no estudo das elites,uma vez que proporcionam um conhecimento mais completo deste grupo distinto.

(8)-Pedro Carasa Souto,1994,Op.Cit.,pág.46

(9)-Pedro Carasa Souto .1994,Op.Cit.,pág.46

(10)-Fernando Taveira da Fonseca,“Elites e Classes Médias”in *História de Portugal* ,(Dir.José Mattoso),Lisboa,Círculo de Leitores,1993,pág.475

Considerámos importante efectuar uma breve abordagem da noção de elite, para perceber se os sócios, que integram a sociedade em estudo, apresentam, ou não, as características que nos permitem integrá-los no grupo de elite. Neste sentido, efectuámos uma sùmula das diversas teorias elitistas e uma breve análise dos diferentes conceitos de elite, bem como dos principais teóricos e seus contributos para o estudo desta temática.

No estudo das elites salientámos alguns contributos importantes que resultaram de trabalhos de investigação efectuados em Espanha ,França ,E.U.A,Itália e Portugal,os quais se revelaram fundamentais na realização deste trabalho.

É de assinalar que o termo elite foi utilizado pela primeira vez no século XVII.No final desta centúria este conceito restringia-se à elite dos nobres e só posteriormente, no século XIX,foi alargado à classe dominante ou governante ,sendo este termo introduzido por vários analistas políticos e sociológicos(11).

O conceito de elite foi amplamente utilizado no final do século XIX e difundiu-se através das teorias sociológicas das elites ,especialmente através da obra de Vilfredo Pareto.

Um outro teórico importante foi Mosca que, apesar de não ter utilizado nos seus escritos o termo elite ,foi o primeiro a aprofundar esta temática.Mosca defende que em todas as sociedades existem duas classes de pessoas :as que dirigem (desempenham funções políticas ,monopolizam o poder e gozam de vantagens que o poder aufere)e as que são dirigidas e controladas pelas primeiras.Este domínio de uma minoria sobre a maioria justifica-se pela organização da minoria (12).

Por sua vez a definição de elite apresentada por Pareto ,talvez por influência de Mosca ,acentua a desigualdade de atributos individuais ,como o poder e influência, em todas as esferas da vida social .

(11)-Seymour Martin Lipset ,Aldo Solari ,*Elites in Latin America*,New York,Oxford University Press,1967,pág.vii

(12)-Mosca ,*The Ruling Class*,pág.50,(citado por Bottomore ,*As Elites e a Sociedade* ,Rio de Janeiro,Zahar Editores,1974,pág.10)

Este autor dividiu a população em dois estratos diferentes: um estrato inferior - não elite (aqueles que não possuem o poder, as massas) e um estrato superior considerado elite, esta por sua vez foi dividida em elite governante e elite não governante (13).

As teorias defendidas por estes dois teóricos representam os interesses e os propósitos de grupos importantes e influentes dentro da sociedade. Ambos consideram que, em todas as sociedades, é imprescindível a existência de uma minoria, defendida por classe política ou elite governante, que assume cargos de comando político. Desta forma, e de acordo com as suas teorias, acrescentamos que a elite governante compreende os ocupantes das posições reconhecidas do poder político numa sociedade (14).

Como aspectos que diferenciam estes dois teóricos salientamos o facto de Pareto acentuar mais a separação entre dominadores e dominados, enquanto que Mosca analisa de forma mais minuciosa a composição da própria elite e defende a interacção entre a minoria dirigente e a maioria (15).

Os estudos destes autores serviram de base à realização de trabalhos posteriores que reformularam as teorias e apresentaram novas investigações empíricas sobre esta temática.

Salientamos os casos de Mills, que foi influenciado por Mosca, e de Pareto, este último prefere utilizar o termo “elite do poder”, definida a partir dos meios de poder, constituída por aqueles que ocupam os postos de comando.

O autor apresenta uma noção de elite que distingue este grupo dos demais: “a elite é simplesmente o grupo que tem o máximo que se pode ter, inclusive, de modo geral dinheiro, poder e prestígio” (16).

Neste contexto, acrescentamos que Maria José Stock apresentou uma importante síntese das diversas teorias elitistas, descrevendo, primeiramente, as teorias de Mosca e de Pareto e, posteriormente, os contributos de um conjunto diversificado de teóricos importantes no estudo das elites.

(13)-V. Pareto, *The Mind and Society*, pág. 1429, (citado por Bottomore T.B., 1974, Op. Cit., pág. 9)

(14)-T.B. Bottomore T.B., 1974, Op. Cit. 30

(15) T.B. Bottomore, 1974, Op. Cit., págs. 13, 14

(16)-Wright Mills, *A Elite do Poder*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981, pág. 17

Para completar o que foi proferido no parágrafo anterior salientamos que foram também diferenciadas as concepções elitistas ditas monistas e as concepções pluralistas. Mills defende uma concepção monista das elites, considera-as como um grupo coeso com homogeneidade, que desenvolve a sua acção a partir de objectivos comuns(17).

Os monistas consideram que a “elite do poder” tem as mesmas atitudes, traços psicológicos, interesses e ascendência comum (18), no entanto, seguidamente apresentamos as teorias que se opõem à concepção monista das elites.

Na obra de Bottomore encontramos a referência ao teórico Carl Friedrich que defende que um dos pontos mais problemáticos de todas as doutrinas de elites é a suposição de constituírem um grupo coeso(19).

Por sua vez, para os pluralistas como Dahl e Lasswell não existe uma “elite do poder” mas sim várias elites, cada uma delas dirigindo um sector particular da sociedade, quer seja económico, militar, religioso, etc.

Importa acrescentar que para estes autores pluralistas “o domínio de determinada elite num quadro específico da sociedade não acarreta, necessariamente, o seu domínio em qualquer outro”(20).

É de salientar que Raymond Aron considera a elite como uma minoria governante, mas procura estabelecer uma relação entre a elite e as classes sociais, defendendo também a concepção pluralista das elites(21).

(17)-Wright Mills, *La Elite do Poder*, Mexico, Fondo de Cultura Economica 1957, pág. 260, (citado por Maria José Stock, *Elites Facções e Conflitos Intra-Partidários-O P P D / P S D e o Processo Político Português de 1974 a 1985*-Dissertação de Doutoramento em Sociologia, Universidade de Évora, 1989, pág. 168

(18)-Maria José Stock, 1989, Op. Cit., pág. 168

(19)-Carl Friedrich, *The New Image of the Common Man*, pág. 259-60, (citado por Bottomore, 1974, Op. Cit., pág. 32)

(20)-Maria José Stock, 1989, Op. Cit., pág. 172

(21)-Raymond Aron, “Social Structure and the Ruling Class, Part I” *British Journal of Sociology*, 1950, (citado por T. B. Bottomore, 1974, Op. Cit., pág. 15)

Num outro estudo sobre elites, foi salientada a posição pluralista de Manneheim, segundo este teórico as elites não constituem um bloco monolítico, distinguem-se as elites político-organizativas, intelectuais, artísticas, morais, religiosas(22).

Para completar a análise das diversas teorias elitistas acrescentamos a teoria de Maria Luisa Maniscalco ,a qual defende que a elite se define como um grupo que se encontra no vértice da hierarquia social e exercita funções importantes, valorizadas e reconhecidas publicamente ,na base do qual está um acesso maioritário e privilegiado ao bem social material(vantagem económica ,etc.)e imaterial(prestígio, privilégios,honra)(23).

Outro teórico ,Von Beyne, considera que se trata de um conceito sociológico que designa os membros que ocupam as posições de liderança(24). Acrescentamos que Bottomore define elite ,como grupos funcionais ,sobretudo ocupacionais ,que possuem “status “elevado numa sociedade(25).A elite constitui uma minoria dirigente não apoiada numa base económica ,contrariamente ao que foi defendido no parágrafo anterior .

Numa das jornadas realizadas em Espanha, para reflectir sobre a temática das elites, considerámos importante destacar um dos escritos resultantes deste encontro. Salientamos a definição de Rocher ,segundo o qual a elite engloba “las personas y los grupos que ,dado el poder o la influencia que ejercen ,contribuyen a la acción histórica de una colectividad,ya sea por las decisiones que toman ,ya por las ideas ,los sentimientos o las emociones que expresan o simbolizan”(26).

(22)-K. Mannheim,“The Democratization of Culture “in *Essays on the Sociology of Culture* ,London,1956(citado por Maria Luisa Maniscalco “L’ Élite Tra Società e Storia :il Concetto e la Realtà”in A.Giovani ,L.Rossi (cord.)*Formazione e Ruolo delle Elites nell’età Contemporanea* ,Napoli ,Edizioni Scientifiche Italiane ,1995,pág.207)

(23)Maria Luisa Maniscalco ,1995,Op.Cit.,pág.223

(24)-Klaus Von Beyne “Elite “IN c.d. Kerning -*Marxism Communism and Society A Comparative Encyclopaedia* ,Herder and Herder ,1972,Vol.III,pág.134-137 (citado por Maria José Stock,1989,Op.Cit.,pág.182)

(25)-T.B.Bottomore ,1974,Op.Cit.,Pág.15

(26)-Antonio Morales Moya,“Consideraciones Sobre las Elites .Bibliografía Extranjera”in Pedro Carasa Soto (cord.),*Elites. Prosopografía Contemporánea* Valladolid ,Secret.Public.Universidad de Valladolid,1994,pág.74

Giovanni Busino constitui outra referência importante na investigação desenvolvida no que diz respeito às elites, este teórico apresenta uma definição concreta de elite. Para este autor a elite define-se como um conjunto de indivíduos que se encontram no vértice da hierarquia social e que desempenham funções importantes, sendo estas valorizadas e reconhecidas, publicamente, através de privilégios, prestígio adquirido, etc. (27).

O autor Fernando Taveira da Fonseca, no artigo sobre elites, define elite a partir do conceito de nobreza utilizado por um teórico francês que considera que esta classe social se define mais pela sua densidade social do que pelo seu volume. É avaliada pelo seu dinamismo, a sua existência é indissociável da imagem que é feita pela sociedade, esta segrega-a e sustenta-a através de um jogo de representações sociais que a tornam objecto de concorrência e/ou de imitação (28).

Como contributo importante para o estudo das elites em Portugal no século XIX, salientamos os trabalhos implementados pelo professor Helder Fonseca, que defende que a noção de elite tem inerente todas as formas de poder social (estatuto económico, político, cultural) e não só o exercício do monopólio ou influência sobre o poder político (29).

Para finalizar esta síntese cumpre referir que a análise da elite não se esgota na definição do seu conceito, é necessário identificar os indivíduos que integram a elite, a partir da análise das suas características. Foi este o objectivo do terceiro capítulo deste trabalho, cuja denominação é “A Sociedade Bejense”: Um Clube de Elite”, e que exprime, claramente, os propósitos enunciados anteriormente.

(27)-Giovanni Busino, “La Classe Dirigente Comme Réalité e Comme Mito” in Antonio Alvarez de Morales e Constantino García (coord.), *Les Classes Dirigentes*, Madrid, Edersa, 1992. (citado por Fernando Taveira da Fonseca “Elites e Classes Médias” in *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), Vol. V, Círculo de Leitores, 1993, pág. 459)

(28)-G. Chaussinand-Nogaret, *La Noblesse au XVIIIe Siècle. De la Féodalité aux Lumières*, Paris, Hachette, 1976 (citado por Fernando Taveira da Fonseca, 1993, Op. Cit., pág. 460)

(29)-Helder Fonseca, “Sociedade e Elites Alentejanas no Século XIX”, in *Economia e Sociologia* nº45, 46, Évora, 1988, pág. 66

Tendo em vista a compreensão do papel assumido pelas sociedades recreativas, no campo das sociabilidades, cumpre efectuar uma breve abordagem do conceito de sociabilidade.

É à luz da sociabilidade que se pode compreender o relacionamento entre os homens, esta constitui algo de natural e intrínseco ao ser humano, é a condição de relacionamento com os outros, significa que não se está isolado (30).

Este relacionamento implica, necessariamente, a aceitação de regras de convivência e a alienação de uma parte da sua liberdade pessoal. Esta necessidade de convívio conduziu ao aparecimento de diversas associações, nomeadamente de carácter cultural e recreativo, relacionadas com o lazer e a festa.

Com base no que foi exposto anteriormente podemos definir a sociabilidade como “a aptidão geral dos indivíduos( e dos grupos ) para viverem de modo mais ou menos intenso as variadas relações que se estabelecem em qualquer sociedade organizada”(31).

Em virtude deste estudo se referir a uma das sociedades recreativas existentes em Beja na segunda metade do século XIX, importa tecer algumas considerações sobre a relação entre esta prática associativa e as manifestações de sociabilidade. Para explicitar esta ideia acrescentamos uma citação de um periódico eborense:”*Pelo proprio instinto de sociabilidade,é o homem levado a procurar no convívio com os seus semelhantes as distracções quer espirituales quer físicas,assim como mesmo o seu auxilio nas epochas psicologias em que tal coefficiente se lhe torne necessario a vida.Assim vemos fundadas e mais ou menos florescentes,diversas associações,quer recreativas,quer d’auxilio mutuo,quer mesmo religiosas*”(32).

Importa,contudo,referir que o estudo da sociabilidade implica ter presente um outro conjunto de aspectos ,de entre os quais salientamos a análise dos diversos tipos de sociabilidade existentes e a forma como se implantaram, análise que foi feita no ponto introdutório(33).

(30)-João Francisco de Almeida Policarpo,*O Pensamento Social do Grupo Católico“A Palavra”-1872-1913*,Lisboa,Instituto Nacional de Investigação Científica,1992,pág.75

(31)-Rui Casção,” Vida Quotidiana e Sociabilidade”in *História de Portugal*, Vol. V,1993,Op.Cit.,pág.517

(32)-Ana Maria Bernardo,1992,Op.Cit.,pág.

(33)-Ver pág.10 e 11

Resta-nos ainda acrescentar que a escolha de um problema de investigação é condicionada não só pela relevância do mesmo ,como também pelas possibilidades de desenvolvimento de pesquisa ,ou seja, depende da disponibilidade das fontes.

Analisámos,seguidamente,os núcleos documentais que serviram de base à realização deste trabalho.Merecem particular destaque os registos paroquiais que se assumiram como fonte imprescindível para efectuar a caracterização dos membros da Sociedade Bejense.

Com o objectivo de explicitar,concretamente,as informações fornecidas pelos diferentes tipos de registos paroquiais consultados no Arquivo Distrital de Beja,apresentamos ,de seguida,o contributo destas fontes em termos de informações .

Relativamente aos registos de baptismos ,estes apresentam o nome do baptizado,a filiação ,avós paternos e maternos e padrinhos ,estes dados eram acompanhados pela referência à naturalidade ,profissão e por vezes residência dos pais e padrinhos.

Quanto aos registos paroquiais de casamento ,encontramos o nome e apelido dos noivos,idade ,estado civil ,profissão e naturalidade ,nome dos pais,naturalidade e profissão dos mesmos,também surgia referência às testemunhas ,tendo em conta o estado civil e profissão .

Os registos de óbitos apresentam como informações :o nome , idade e profissão do falecido, data do óbito,filiação , nome do cônjuge,número de filhos e se deixou ou não testamento,em caso de menores surge também a referência aos avós maternos e paternos .

Os recenseamentos eleitorais foram outra das fontes essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.A partir destes documentos conseguimos elementos que nos permitiram,caracterizar os membros que constituíam a Sociedade Bejense.Recolhemos informações relativos à profissão ,estado civil ,idade ,morada e rendimentos colectados e por vezes fazem também referência à habilitação literária dos eleitores e elegíveis.

Consultámos também os cadernos de actas da eleição de deputados e constituição das mesas eleitorais nas diversas assembleias .

Estes acervos documentais permitiram-nos identificar os principais protagonistas que participaram na vida política e ao mesmo tempo acrescentar alguns dados à caracterização dos membros que constituem o universo em estudo.

O recurso aos Livros de Vereações Câmara Municipal, teria permitido dispor de um núcleo importante de documentação, que completaria o estudo em causa, no entanto, o incêndio verificado na Câmara de Beja, no ano de 1942, provocou o desaparecimento de fontes preciosas. É de referir que consultámos apenas um livro referente aos anos 1853/54.

Não foram estas as únicas fontes manuscritas consultadas, no entanto pelo conjunto de informações concedidas, mereceram particular destaque na realização deste trabalho.

A proliferação dos periódicos fez-se sentir a partir da segunda metade do século XIX e constituem uma valiosa fonte de informação, sem a qual não teria sido possível realizar este trabalho.

Um outro recurso privilegiado foi, sem dúvida, a imprensa local, nomeadamente o jornal **O Bejense**, único periódico disponível na Biblioteca Municipal de Beja, relativamente ao período em estudo.

Importa estabelecer a comparação entre o período de vigência do jornal e a delimitação temporal do estudo, saliente-se que o primeiro número deste jornal data do ano de 1860, pelo que nos primeiros seis anos de vigência da Sociedade Bejense, não foi possível recolher informações a partir desta importante fonte de informação.

Prolongámos, cronologicamente o estudo até 1910, no entanto o recurso ao uso destas fontes jornalísticas só foi possível até ao ano de 1897, data a partir da qual não encontramos quaisquer periódicos, existindo no entanto exemplares do jornal **O Bejense** a partir de 1911. Este período histórico em que deparamos com a ausência de fontes jornalísticas, foi analisado a partir de uma obra fundamental da autoria de um dos sócios da Sociedade Bejense intitulada **-O Êspeto**.

É de salientar que recorremos também à análise de alguns jornais eborenses, nomeadamente o **Pharol do Alentejo**, no qual se encontram referências à Sociedade Bejense.

Procedemos a uma recolha exaustiva de dados provenientes da imprensa, que nos concederam uma diversidade de informações relativas à sociedade local. Permitiram-nos conhecer as estruturas sociais, as personalidades de destaque local e desta forma, identificar e caracterizar os membros da Sociedade Bejense. Também nos foi possível perceber a forma como estes indivíduos interviam na vida local.

Os periódicos destacam-se como úteis repositórios informativos, que possibilitaram o conhecimento dos nomes de prestígio em termos culturais, políticos, económicos e sociais, permite assim “cruzar informações e abrir novas pistas e novos caminhos, para dar uma maior amplitude à história local, quer a nível individual, quer a nível de instituições”(34).

Como contributo da imprensa importa especificar, as informações recolhidas no que se refere aos diferentes espaços de sociabilidade e de lazer, os saraus, reuniões familiares, teatro, etc. e também nos permitiu detectar algumas relações de parentesco.

Apesar do precioso papel da imprensa como repositório informativo, não podemos deixar de salientar que existem, necessariamente, diferenças significativas entre a investigação que é feita a partir de fontes originais e aquela que resultada análise da imprensa. A informação veiculada através da imprensa resulta de uma intencionalidade, ao registo dos factos está subjacente a filtragem e interpretação dos mesmos, que é feita pelos intervenientes no jornal.

Para reforçar o que foi referido no parágrafo anterior, acrescentamos que o facto de existirem membros da Sociedade Bejense, que assumiram funções no jornal local, reforçou, necessariamente, o papel assumido por esta sociedade em termos de imprensa, o que contribuiu para a projectar a imagem deste espaço de sociabilidade.

(34)-Ana Maria Cardoso de Matos, Maria de Fátima Nunes, "Percurso de Vida e de Sociabilidade. Notas Para a História de Portalegre no Século XIX" in **Actas do II Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre**, Lisboa, A.P.H., 1996, pág. 271

O jornal **O Bejense** ,revelou-se uma fonte imprescindível para a realização deste trabalho,pelo que ,as informações retiradas da imprensa ,colmataram as dificuldades iniciais resultantes da ausência de documentação no arquivo da Sociedade Bejense (à excepção dos estatutos).

A recolha e análise das informações contidas nas fontes consultadas ,têm em vista o cumprimento dos objectivos gerais que presidiram à investigação:caracterizar os protagonistas que constituem a Sociedade Bejense ,analisar os objectivos e actividades implementadas por esta instituição.

Os dados disponíveis permitiram-nos também comprovar a hipótese inicial do trabalho :na cidade de Beja na segunda metade do século XIX e primeira década do século XX,existia um espaço de sociabilidade ,socialmente,distinto que resultou da acção voluntária de um grupo de elite ,para perpetuar o seu poder.

## II CAPÍTULO

### A “Sociedade Bejense”: Organização e Acção

#### 1.-Caracterização Espacial :Um Espaço Distinto

O espaço assume uma intervenção importante em termos de vida social, a apropriação que é feita de um determinado espaço e a forma como este se encontra estruturado constituem elementos estratégicos na ascensão ao poder.

A escolha de um determinado espaço definitivo para berço da Sociedade Bejense, neste caso um palácio, reflectiu, necessariamente, o carácter elitista dos elementos que compunham esta associação. Também a dimensão espacial do edifício e a ornamentação que o compunha constituíram fontes de legitimação do poder por parte dos membros que compunham a sociedade.

A Sociedade Bejense ficou sediada, provisoriamente, num edifício na Praça D.Manuel, na data da fundação, ou seja, a catorze de Janeiro de 1854. Passados sete anos, no primeiro dia do mês de Dezembro de 1861, localizou-se na Rua do Touro, onde se mantém actualmente. Ocupou um edifício que constituía o Palácio dos Alcoforados, este espaço data do século XVI e adquiriu grande importância, quer pela sua riqueza arquitectónica, quer por nele ter nascido, em 1640, a célebre Mariana Alcoforado, posteriormente religiosa do convento de Nossa Senhora da Conceição, que ficou conhecida pelas “Lettres Portugaises”(1)

Este nobre edifício foi, profundamente, modificado na segunda metade do século XIX, em virtude da ocupação que foi feita pela Sociedade Bejense neste espaço.

Da construção original manteve-se um belo pátio de abóbadas quadripartidas, também constituído por salas de planta irregular, construídas em grossa alvenaria, com arcadas redondas e existia, igualmente, um formoso portal decorado com motivos vegetalistas (2).

(1)-Estas famosas cartas foram publicadas pela primeira vez em Paris, no ano de 1659 e dirigidas ao cavaleiro francês Noel Bouton, marquês de Chamilly

(2)-Túlio Espanca, *O Inventário Artístico de Portugal*, Lisboa, Academia Nacional de Belas, 1992, Vol.I, Pág.211

Este pòrtico renascentista ou loggia ,como também era conhecido ,reveste-se de notória importância , salientando-se a beleza das suas colunas constituídas por capitéis, ricamente ,decorados (3).

A Sociedade Bejense ocupou um espaço muito mais vasto do que aquele que foi, anteriormente ,ocupado pelo Palácio dos Alcoforados,conforme indica a planta que consta em anexo(4),estabelecendo ,desta forma ,uma proximidade de cerca de dois metros com a Igreja de S.João.

Esta igreja foi demolida ,posteriormente, em 1920,permitindo desta forma,uma maior projecção da Sociedade em termos de espaço,tornando-a , mais visível,apesar deste edifício ficar localizado numa das zonas preferencias da cidade (5).

Era comum a instalação destes clubes ,como vulgarmente ,eram conhecidos ,em edificios luxuosos situados nas zonas mais elegantes das cidades ,no caso da cidade de Lisboa ,estas instituições localizavam-se ,sobretudo,na zona do Chiado(6).

Salientamos que a também na cidade de Évora ,o Circulo Eborense ,ficou sediado desde a sua fundação até à actualidade ,numa casa nobre ,que pertencia inicialmente à família de um dos sócios fundadores desta associação(7).

Um viajante da época,Carlos Basto,residente em Lisboa,deslocou-se com a sua esposa e o pai à cidade de Beja,curiosamente,foi recebido por um dos sócios da Sociedade Bejense,Caetano José da Fonseca.Como iremos comprovar ao longo do trabalho,este viajante apresentou no seu diário uma valiosa descrição e uma magnífica imagem do edificio da Sociedade Bejense(8).

A sede assumiu-se como um espaço vital de convívio entre os sócios e permitia, igualmente,a sua diferenciação ,relativamente à restante população bejense ,que não tinha acesso a este espaço.Funcionando ,desta forma,como um elemento que proporciona a coesão do grupo.

(3)-Ver anexo pág.423'

(4)Ver anexo , pág.424

(5)-Ver a planta da cidade de Beja no século XIX,no anexo, pág.425

(6)-Maria de Lourdes Lima dos Santos,1983,Op.Cit.,pág.41

(7)-Maria Ana Rodrigues Bernardo ,1992,Op.Cit.,pág.116

(8)-Ver imagem do edificio da sociedade,anexo , pág.426

Existiam um conjunto de procedimentos próprios de um espaço considerado privado ,a que só acediam os indivíduos que preenchiam os requisitos enumerados nos estatutos (9) ,estas determinações fizeram-se também notar na estruturação que foi feita em termos espaciais.

Toda a organização e decoração do espaço reflectiram o carácter de distinção que era veiculado pela Sociedade Bejense e pelos membros que a frequentavam.A majestuosidade do edificio combinava ,perfeitamente, com todo o requinte decorativo implementado pelos membros da direcção.

Esta extrema luxuosidade e acentuado bom gosto foram evidenciados através das diversas referências que surgiram no jornal **O Bejense**,relativamente ao edificio e às actividades desenvolvidas.Estas referências contribuíram também para projectar a imagem da sociedade .

A organização dos diferentes espaços da sociedade reflectiu as actividades implementadas ,desta foram faziam parte do edificio um gabinete de leitura ,duas salas destinadas a jogos ,salão de baile,um espaço próprio para teatro , sessões musicais e /ou palestras,bar e um gabinete para as senhoras.

Existia a necessidade de mostrar todo o esplendor da Sociedade e o seu dinamismo, também visíveis na decoração do espaço físico.É de salientar que existia,nos membros da Sociedade, um interesse pela inovação e ao mesmo tempo estes procuravam também tornar público esse seu bom gosto .

É de assinalar que ao longo da segunda metade do século XIX,existiu uma mudança de gostos,especialmente,por influência da elite francesa,que permitiram a manutenção de um padrão de riqueza e estilo de vida não só elevados como melhorados(10).

Cumpre referir que no jornal **O Bejense**,numa das referências habituais à sociedade, destacaram a alvura das suas paredes ,a profusão de luzes e flores que animavam todo o espaço ,assim como a renovação que foi feita em termos de mobiliário(11).

(9)-Ver descrição feita na pág. 34

(10)-Helder Fonseca,**O Alentejo no Século XIX-Economia e Atitudes Económicas**.Lisboa,Imprensa Nacional Casa da Moeda,1996,pág.206

(11)Jornal **O Bejense**,de 2 de Outubro de 1886.nº1344 ,pág. 2

A existência de três lustres e a decoração feita com o recurso aos espelhos de Veneza e vários cadeirões lacados e estofados com ricos tecidos de fantasia, constituíram também exemplos de cuidado bom gosto, inspirando-se também nos modelos europeus.

Neste contexto, acrescentamos que a sociedade acompanhou a tendência que se fez sentir, ao longo da segunda metade do século XIX, uma vez que o quotidiano das famílias se tornou mais cómodo, em virtude da incorporação de mobiliário mais diversificado e sofisticado(12).

Existia uma preocupação em acompanhar as inovações vindas do estrangeiro, o que se reflectia não só na decoração do espaço, mas também, na maneira de vestir dos sócios e em diversos hábitos implementados pelos membros da Sociedade Bejense, como iremos comprovar através das descrições feitas ao longo deste trabalho.

(12)-Helder Fonseca, 1996, Op. Cit., pág. 215

## 2.-Um Estatuto Elitista

Os estatutos constituem um elemento fundamental a considerar no estudo das associações, neste documento estão explícitos os objectivos e a organização interna da associação a que dizem respeito.

Através da análise dos estatutos da Sociedade Bejense , pretendemos evidenciar o seu carácter distinto ,característica que a diferencia das demais sociedades existentes em Beja neste período.

Para concretizar este objectivo iremos descrever algumas das características mais importantes manifestadas pelas restantes associações ,tendo em vista estabelecer uma comparação, embora muito linear ,entre a Sociedade Bejense e as outras sociedades existentes na cidade neste mesmo período.

A aprovação superior dos estatutos da sociedade em estudo, constituídos por trinta e cinco artigos, foi efectuada por alvará de 27 de Julho de 1854 (13), este facto assume particular importância porque regulamenta e marca a legitimidade da associação .

Começamos por fazer referência ao objectivo da Sociedade Bejense .Este consistiu no honesto recreio e convivência dos sócios e de suas famílias, salientamos, no entanto que, para atingir plenamente este fim , foi proibida a discussão de assuntos relativos à política e religião.

Relativamente ao Clube Bejense só tivemos acesso aos estatutos aprovados em 1914, nos quais foi estabelecido que o objectivo desta associação era o recreio entre os sócios e as suas famílias , não se admitindo a discussão de assuntos políticos e religiosos, tal como ficou estabelecido para a Sociedade Bejense .No entanto o princípio da honestidade em termos de recreio e também a convivência entre os sócios foram, unicamente, apanágio da Sociedade Bejense .

No que concerne às restantes associações existentes em Beja neste período, cumpre referir que a estas presidiram objectivos muito diferentes daqueles que foram apresentados pelas duas associações referidas anteriormente.

(13)-Ver anexo , pág.427

Neste contexto, acrescentamos que nos estatutos da Sociedade Filarmónica Bejense, aprovados superiormente a 16 de Setembro de 1868, foi determinado que o seu objectivo consistiu em desenvolver o estudo, desempenho e execução de música, bem como a instrução e recreio dos seus sócios. Objectivos estes que se mantiveram em 1893, quando esta sociedade adquiriu a designação de Sociedade Artística Bejense.

Posteriormente, em 1913, quando esta sociedade adquiriu a designação de Sociedade Recreativa Artística Bejense manteve-se apenas o último objectivo, a perda da sua função musical levou ao aparecimento de uma outra sociedade em Beja .

A Sociedade Filarmónica Capricho Bejense, fundada em 1914, apresentou como objectivo primordial manter uma filarmónica, no entanto, destacou-se também pela sua acção cultural e recreativa.

Com base no que foi descrito, concluímos que a Sociedade Bejense diferiu das restantes associações em termos de objectivos. Seguidamente, iremos analisar os critérios de admissão de sócios e a categorização que é feita entre os sócios das diversas sociedades.

O número de sócios em todas as associações era ilimitado ,no entanto e como vamos demonstrar de seguida, os critérios de admissão de sócios e o tipo de sócios existentes divergiram. Neste contexto, acrescentamos que a Sociedade Bejense apresentou uma definição de sócio mais selectiva e rigorosa ,relativamente às restantes associações.

Salientamos que na sociedade em estudo, o estatuto de sócio restringiu-se aos indivíduos que pela sua decente educação e conducta ,mereceram a consideração pública.

No que diz respeito às outras associações, nomeadamente na Sociedade Filarmónica Artística Bejense, ficou estabelecido nos respectivos estatutos que assumiam a função de sócios, todos os indivíduos cujo procedimento fosse considerado irrepreensível.

A Sociedade Recreativa Artística definiu como sócios todos os indivíduos maiores de vinte e um anos que gozassem de boa reputação moral e civil .

O Clube Bejense apresentou como sócios todos os indivíduos maiores de vinte e um anos ou emancipados cujo procedimento fosse irrepreensível .

Salientamos que todas as sociedades adicionaram como critério o facto dos sócios ordinários possuírem residência fixa na cidade ,também referiram ,nos estatutos,as situações em que os sócios eram admitidos ,como sócios extraordinários,por não residirem ,fixamente, em Beja.

Outra divergência entre as associações tem a ver com o tipo de sócios existentes. Assim na Sociedade Filarmónica Artística Bejense ,para além dos sócios ordinários e extraordinários ,existiam também os sócios de mérito e honorários,os primeiros destacaram-se pelos serviços relevantes prestados à sociedade e os últimos faziam parte da filarmónica.

Na Sociedade Bejense , na Sociedade Artística Bejense e no Clube Bejense existia apenas a distinção entre sócios ordinários e extraordinários(14),enquanto que na Sociedade Filarmónica Capricho Bejense a divisão entre os sócios foi feita de forma diferente, existiam os sócios contribuintes ,os executantes ,os beneméritos e honorários(15).

Esta especificidade em termos da categorização dos sócios tinha,necessariamente,a ver com os objectivos das sociedades ,assim as sociedades que tinham outras funções para além do recreio e ou instrução dos sócios ,como seja a manutenção de uma banda musical , apresentaram uma divisão mais alargada .

(14)-Na Sociedade Bejense gozavam deste estatuto o governador -civil,o secretário e administrador do concelho,o juiz de Direito e delegado,os oficiais não reformados ,assim como quaisquer indivíduos que extraordinária e transitoriamente residissem na cidade ou nas freguesias rurais do concelho .

(15)-Sócios contribuintes-estavam sujeitos ao pagamento de quotas

-Sócios executantes-constituíam a filarmónica

-Sócios beneméritos -que tenham prestado à sociedade relevantes e dedicados serviços

-Sócios honorários-que tenham prestado serviços excepcionais à sociedade,pátria ou humanidade.

A admissão de sócios ,na Sociedade Bejense,tal como aconteceu nas restantes associações ,respeitava um conjunto de procedimentos que passaram pela realização de uma proposta por escrito dirigida à direcção e feita por um sócio ordinário,o proponente.

O nome do proposto estava patente numa das salas da sociedade,durante um período de cinco dias ,findos os quais ,no Domingo imediato,era feita a votação através de escrutínio secreto.

A validade deste processo radicava na presidência que era feita por um director, e no número de intervenientes que excedia sempre uma quarta parte dos sócios ordinários.A rejeição de um sócio proposto ocorria quando um terço dos votos lhe fosse contrário,nesta situação o sócio proponente podia apresentar uma reapreciação da proposta à assembleia geral.

Este recurso constituia um dos direitos reconhecidos aos sócios ordinários ,através dos estatutos,estes podiam ,igualmente ,apresentar em assembleia geral propostas úteis e convenientes à sociedade.

Os sócios ordinários e extraordinários tinham o direito de apresentar na Sociedade Bejense, como visitante ,qualquer indivíduo residente fora da cidade com a condição de que fossem titulares de uma educação e conducta decentes e que merecessem a consideração pública.Estes requisitos estavam também patentes na definição dos sócios e eram ,necessariamente,exigidos nos critérios de admissão de sócios.

Este processo implicava também a apresentação do novo sócio a um dos directores ,o qual registava no livro competente o nome do apresentante e do apresentado ,bem como a data da apresentação.

Os directores convidavam também para frequentar a sociedade ,indivíduos nacionais ou estrangeiros ,que estivessem de passagem pela cidade ,nomeadamente oficiais militares destacados em Beja,desde que reunissem as condições exigidas.

Com base no que foi referido podemos considerar que a admissão de sócios na Sociedade Bejense ,implicava um conjunto de procedimentos legais que eram também exigidos nas restantes sociedades,no entanto,a selecção rigorosa radicava nos requisitos exigidos para a admissão de sócios,anteriormente apresentados.

As restantes sociedades existentes em Beja,neste período, salientavam o procedimento irrepreensível e boa reputação moral e civil,como exigências na admissão dos sócios,tratavam-se de critérios mais gerais.

Na Sociedade Bejense existia uma selectividade rigorosa,desta forma é de salientar que os indivíduos candidatos a sócios deveriam ser reconhecidos, publicamente, pela sua decente educação e conducta (16).

O carácter distinto da Sociedade Bejense foi ,igualmente,evidenciado no aspecto económico,desta forma consideramos importante começar por referir que, apesar da base económica das associações radicar nas jóias e quotas pagas pelos sócios ,estas prestações divergiam consoante as associações e o tipo de sócios existentes.

A comparação com as restantes sociedades ,apesar de ser feita com dados relativos a anos posteriores,permite-nos concluir que a Sociedade Bejense exigia aos sócios um valor de quota mais elevado,o que evidenciava, claramente, o elevado poder económico dos mesmos (17).

O artigo doze dos estatutos descrevia todo o procedimento adoptado pela direcção quando o sócio não cumpria o pagamento.Assim ,quem não pagasse duas prestações mensais era avisado pelo secretário da direcção para fazer o pagamento e o seu nome estava patente numa das salas da sociedade durante oito dias ,findos os quais ,se não pagasse a dívida ,o sócio era excluído (18).

(16)-Estatutos da Sociedade Bejense,Beja ,1867,Tipografia de Sousa Porto & Vaz ,pág.6

(17)-Na Sociedade Bejense em 1867,o sócio ordinário pagava uma jóia de 4.800 réis e 480 réis mensais de quota ,os sócios extraordinários não pagavam jóia ,mas sim uma quota mensal de 480 réis.

Na Sociedade Filarmónica Artística Bejense em 1881 cobrava aos sócios ordinários uma jóia de 1.000 réis e uma quota mensal de 300 réis ,os sócios extraordinários só pagavam uma quota mensal de 400 réis .

Na Sociedade Recreativa Artística Bejense os sócios ordinários pagavam uma jóia de 1.000 réis e uma quota mensal de 200 réis ,os sócios extraordinários pagavam 300 réis de quota mensal.

(18)-Estatutos da Sociedade Bejense,1867,Op.Cit.,pág. 9

Todo o sócio que estivesse ausente da cidade ou concelho por mais de dois meses ficava dispensado de pagar a prestação correspondente a esse mês ou meses em que estivesse afastado da sociedade .

Outro aspecto determinante, em termos de organização interna da sociedade ,dizia respeito à assembleia geral que constituía a reunião de sócios ordinários .O cargo de chefia era assumido pelo presidente ou por um dos directores, preferencialmente o mais votado ,ou em caso de igual número de votos o cargo era ocupado pelo mais velho.

Quanto à periodicidade destas reuniões da assembleia geral, estas ocorriam em duas sessões ,uma no final de Dezembro e outra no fim de Junho ,em cada uma destas sessões era eleita uma nova direcção ,que lhe competia dirigir a sociedade durante seis meses.

A assembleia geral podia reunir-se em sessões ordinárias e extraordinárias ,estas últimas ocorriam sempre que fossem pedidas pela direcção ou quando um sócio ordinário pretendesse nova deliberação relativamente à proposta de um novo sócio que tivesse sido recusada.

As decisões da assembleia geral só eram válidas se nelas participassem pelo menos um terço dos sócios ,a pluralidade de votos fundamentava as decisões, tendo o presidente o voto de qualidade .

A gerência de todos os negócios inerentes à sociedade dizia respeito a uma direcção de cinco membros ,dos quais assumia a função de presidente o membro mais votado e em caso de igual número de votos ficava o director mais velho ,o secretário era nomeado entre os directores (19).

(19)-Estatutos da Sociedade Bejense ,1867,Op.Cit.,pág.13

A direcção era eleita em assembleia geral nas duas sessões anuais referidas anteriormente e tinha como funções promover uma administração eficaz em conformidade com os estatutos e resoluções da assembleia geral ,tomando para o efeito um conjunto de medidas diversificadas (20).

A organização das diversas sociedades ,com base na assembleia geral ,apresenta na sua generalidade ,traços comuns ,não se verificando diferenças significativas nos procedimentos adoptados.

Em termos da estrutura organizativa geral existiram diferenças pontuais entre as sociedades ,uma vez que os objectivos das associações eram divergentes.

Desta forma ,todos os procedimentos inerentes às actividades desenvolvidas,à organização do espaço e como já foi referido ,o próprio conceito de sócio, apresentaram dissemelhanças notórias,o que permitiu a demarcação da Sociedade Bejense relativamente às demais associações bejenses conseguindo ,assim, projectar-se com distinção na cidade.

No que se refere aos espaços que constituíam a Sociedade Bejense e às actividades desenvolvidas por esta associação ,apesar de estarem descritas nos estatutos, a sua análise foi feita em pontos específicos do trabalho.

(20)-Competia à direcção propor à assembleia geral as despesas extraordinárias que julgasse convenientes,contratar os criados ,fazer os convites na forma de estatutos ,gerir os rendimentos,fazer todo o processo de matrícula e admissão de sócios,inventariar os objectos pertencentes à sociedade .

### III CAPÍTULO

#### “A Sociedade Bejense ”:Organização e Acção

##### 1.Os Pioneiros

Os sócios fundadores,designados neste ponto específico do trabalho por pioneiros, assumiram um papel determinante como impulsionadores da Sociedade Bejense. Constituíram-se como elementos dinâmicos ,cuja acção se traduziu na realização deste projecto ambicioso que visou dar resposta às solicitações de um grupo de indivíduos e de suas famílias,uma vez que estas sentiram necessidade de criar um espaço destinado ao recreio e ao convívio.

A compreensão e a análise da Sociedade Bejense assentam na caracterização sociológica dos fundadores ,uma vez que o carácter ,organização e funcionamento da sociedade reflectiram ,necessariamente,o perfil sociológico destes personagens.

Interessa-nos avaliar, através da caracterização destes sócios ,se os atributos sociais que definem os sócios -fundadores se generalizaram a todos os sócios no período de 1854/1910?Será que este perfil condicionou o recrutamento de novos sócios?.

Com o objectivo de responder a estas questões cruciais ,optámos,por desdobrar a análise dos sócios em duas fases distintas.Numa primeira fase foi feita a caracterização dos pioneiros no período da fundação.Verificámos ,contudo, que o perfil sociológico dos fundadores sofreu alterações ao longo dos anos ,pelo que foi também feita uma breve análise evolutiva do percurso seguido pelos fundadores no período temporal em estudo ,ou seja desde 1854 a 1910.

Pretendemos desta forma,apreender a dinâmica inicial implementada aquando da formação da sociedade e perceber ,posteriormente,a evolução sociológica dos pioneiros.Importa acrescentar que,num total de sessenta e dois fundadores identificados,conseguimos elementos que nos permitiram identificar cinquenta e oito sócios,o que corresponde percentualmente a 94%.

Recorremos, fundamentalmente, à análise dos cadernos de recenseamento eleitoral, por constituírem a única fonte disponível para caracterizar os sócios fundadores na época da fundação. O periódico local -**O Bejense**, precioso repositório de informações, apesar de ter a sua primeira publicação em 1860, continha algumas informações, embora escassas, que nos permitiram caracterizar a acção dos pioneiros na política e administração local e nacional em 1854.

Nesta documentação encontramos um registo dos cidadãos que reuniram as condições de elegíveis e eleitores para os anos de 1853, 1856/57, 1859. Estas datas foram escolhidas por constituírem os anos que mais se aproximam da data de fundação da sociedade, 1854, uma vez que para este ano específico não dispomos de fontes.

Estes documentos revestiram-se de uma importância determinante para a caracterização dos sócios, porque nos permitiram ter acesso a um conjunto diversificado de informações, como seja: o rendimento auferido pelos sócios, profissão, estado civil, morada dos eleitores e /ou elegíveis.

Estes elementos permitiram-nos também conhecer os diversos critérios censitários ou capacitários que definem a elegibilidade e a condição de eleitor e ao mesmo tempo identificar os sócios que reuniram as condições exigidas.

Para melhor especificar esta questão começamos por descrever, embora brevemente, as exigências estabelecidas por lei que regulamentaram e definiram a condição de eleitor e de elegível no período em estudo.

A evolução do sistema eleitoral acarretou, necessariamente, alterações nos requisitos em que assentava a elegibilidade e a condição de eleitor. Importa referir que a lei eleitoral de 1822, estabeleceu um sufrágio vasto, pelo que foi atribuído o direito de voto aos cidadãos portugueses naturalizados que tivessem vinte cinco anos de idade ou vinte anos sendo casados.

É de registar que, apesar de ser um sufrágio bastante alargado, foram excluídos do direito de voto os criados de servir, os desempregados, mulheres e membros das ordens monásticas(1).

A Carta Constitucional de 1826 foi considerada como bastante mais rígida, porque estabeleceu um sufrágio restrito com base censitária, que foi mantido através da Carta Constitucional de 1838. A capacidade eleitoral activa, a partir da Regeneração, foi definida no Acto Adicional de 1852 (2).

Desta forma o Decreto-Lei de trinta de Setembro de 1852 e posteriormente a Lei de vinte e três de Novembro de 1859, estabeleceram como requisito para exercer o direito de voto, que o eleitor obtivesse uma renda líquida anual de 100 mil réis.

Este valor pode ser proveniente de bens de raiz, capitais, indústria, comércio, emprego. Foi ainda definido que os cidadãos com título literário fossem dispensados da prova de censo(3).

No que se refere à idade exigida para ser considerado eleitor, importa acrescentar que embora tivesse sido adoptada como regra geral a idade mínima de vinte cinco anos, o Acto Adicional fixa o limiar de vinte e um anos para as categorias particulares, como seja o caso dos bacharéis, os indivíduos casados, oficiais do exército e os clérigos(4).

É de sublinhar que, na data de 1867, foi promulgado o Código Civil estabelecendo a maioria aos vinte e um anos, posteriormente, em 1878 através da Lei de oito de Maio esta foi considerada, de forma generalizada, a idade mínima para adquirir a condição de eleitor(5).

(1)-Isabel Nobre Varges, Maria Manuela Tavares Ribeiro, "Estruturas Políticas, Parlamentos, Eleições, Partidos Políticos e Maçonarias" in **História de Portugal**, (Dir. José Mattoso), Vol. V, 1993, pág. 192

(2)-Pedro Tavares de Almeida, **Eleições e Caciquismo no Portugal Oitocentista**(1868-1890), 1991, pág. 33

(3)-Pedro Tavares de Almeida, 1991, Op. Cit., Pág. 34

(4)-Pedro Tavares de Almeida, 1991, Op. Cit. Pág. 34

(5)-Pedro Tavares de Almeida, 1991, Op. Cit., Pág. 34

A lei, anteriormente, evocada distingui-se como bastante inovadora na regulação do direito de voto ,por ter contribuído para um aumento substancial do eleitorado.No período que medeia entre 1878 e 1894 ,assistimos a um sufrágio alargado que resulta da combinação dos requisitos censitários e capacitários(saber ler e escrever)e o facto de serem chefes de família.

A própria lei eleitoral reconheceu a importância da instrução e da condição de chefes de família,como factores de promoção económica ,uma vez que se basearam no princípio de que os indivíduos que reunissem estas condições possuíam recursos económicos equivalentes aos exigidos pelo censo eleitoral(6).

Importa acrescentar que o aumento do número de eleitores se ficou a dever ao facto de ser concedido o direito de voto aos chefes de família ,uma vez que, face ao elevado analfabetismo ,o número de indivíduos com o grau mínimo de instrução era pouco significativo.

A partir de 1894 e até 1910 foram considerados apenas os requisitos censitários e capacitários ,pelo que o Decreto -Lei de vinte e oito de Março de 1895 retira o direito de voto aos chefes de família e reduz também a quota censitária para metade ,ou seja 500 réis (7).

Os requisitos,anteriormente,descritos são específicos da condição de eleitor.Iremos de seguida,apresentar os requisitos exigidos para se conseguir a elegibilidade,sendo de salientar que,por se tratarem de estatutos distintos ,existe uma notória clivagem social entre eleitores e elegíveis.

Começamos por referir que na Constituição de 1822 não foram especificados os requisitos censitários que eram exigidos aos elegíveis,embora tivesse estabelecido que estes tinham que ser independentes em termos económicos.Para este efeito deveriam usufruir de uma renda suficiente ,que poderia ser proveniente de bens de raiz, comércio,indústria ou emprego(8).

(6)-Pedro Tavares de Almeida .1991,Op.Cit.,Pág.37

(7)-Pedro Tavares de Almeida ,1991,Op.Cit.,Pág. 231

(8)-Pedro Tavares de Almeida ,1991,Op.Cit.,Pág.39

Os textos constitucionais que se seguiram foram unânimes em estabelecer uma renda líquida anual de 400.000 réis ,para ser considerado elegível,do pagamento desta renda apenas se isentaram os indivíduos que detinham um título ou grau académico.

Na Carta Constitucional e no Acto Adicional ficou estipulado que os elegíveis só podiam candidatar-se nas circunscrições provinciais onde tivessem nascido ou residido num espaço de tempo mínimo de cinco anos.Acrescente-se ,no entanto ,que apenas a eleição de deputados não estava sujeita a qualquer restrição de naturalidade ou de domicílio(9).

Com base nas descrições feitas anteriormente,podemos concluir que existem nítidas diferenças entre eleitores e elegíveis ,sendo estas fruto das restrições censitárias diferenciadas.Este desnível verificado entre eleitores e elegíveis ,não se registou nos diferentes países europeus,Portugal tornou-se singular neste aspecto.

Estas restrições tinham subjacente uma selectividade rigorosa dos indivíduos ,facto que, aliado aos elevados encargos eleitorais e aos reduzidos subsídios pagos aos eleitores ,exigia da parte dos elegíveis uma razoável fortuna pessoal ou qualquer tipo de apoio (10).

Definidas as condições exigidas em termos de participação dos cidadãos na vida política importa proceder à análise das informações existentes nos cadernos de recenseamento eleitoral. Estes dados foram estruturados tendo em conta a proporção de pioneiros que reuniram a condição de eleitores e elegíveis ,os rendimentos auferidos,profissão,habilitação literária ,idade e residência ,demarcando as diferenças entre eleitores e elegíveis nos anos de 1853,1856/57 e 1859.

Começamos por analisar os dados referentes ao ano de 1853,no entanto,este ano por estar temporalmente próximo da data da fundação da sociedade ,revestiu-se de um significado especial.Acrescentamos que foi neste ano que se iniciaram as primeiras movimentações para a fundação da sociedade,foi no primeiro dia do mês de Abril de 1853 que surgiu a ideia de constituir a Sociedade Bejense .

(9)-Pedro Tavares de Almeida,1991,Op.Cit.,Pág.40

(10)-Pedro Tavares de Almeida ,1991,Op.Cit.,Pág.17

Na acta da primeira reunião provisória ,que se encontra actualmente exposta na Sociedade Bejense ,foi deliberado que fossem convidados quarenta cavalheiros para formarem o núcleo da sociedade.Estes,juntamente com os outros indivíduos presentes nesta primeira reunião ,impulsionaram a realização desta ideia que se concretizou, definitivamente,no ano de 1854.

A análise da importância económica dos sócios constituiu um dos aspectos fundamentais para a caracterização sociológica dos mesmos ,contudo ,não nos foi possível proceder à confirmação da hipótese do recrutamento dos sócios ter sido feito com base nas listas dos quarenta maiores contribuintes ,uma vez que só tivemos acesso às listas publicadas no jornal **O Bejense** a partir do ano de 1867.

Como já foi referido ,os cadernos de recenseamento,constituem as fontes que nos permitem caracterizar os sócios -fundadores no período da fundação .Interessa acrescentar que,para o ano de 1853,dispomos apenas da relação de elegíveis e eleitores,a documentação analisada não inclui quaisquer outras indicações.

Os dados simplificados no quadro nº2(11),permitem-nos concluir que, do total de sessenta e dois sócios -fundadores considerados na análise no ano de 1853,reuniram a condição de elegíveis para cargos municipais um total de vinte e três indivíduos ,o que percentualmente ,corresponde a 37%.

No que diz respeito à condição de eleitor ,por implicar requisitos censitários menos elevados ,engloba ,necessariamente,um maior número de sócios .Registou-se um total de quarenta e oito sócios com direito de voto ,o que equivale em termos percentuais a 73%.

A consulta da listagem de elegíveis e eleitores permitem-nos concluir que ,os sócios-fundadores considerados elegíveis,reuniam também as condições de eleitores,no entanto, vinte e cinco indivíduos reuniram ,unicamente,os requisitos de eleitores,o que corresponde a 41% dos pioneiros.

(11)-Ver quadro nº2 ,anexo ,pág.388

Procedemos ,seguidamente,à análise dos elementos.refêrentes ao biénio de 1856/57, que constam nos cadernos de recenseamento eleitoral.Podemos concluir que num total de sessenta e dois sócios -fundadores ,trinta e um indivíduos reuniram a condição de elegíveis para cargos municipais ,o que corresponde a 50% .

O conjunto de eleitores era mais vasto ,uma vez que englobou todos os elegíveis juntamente com mais vinte e um sócios que obtiveram apenas a categoria de eleitores,o que totaliza cinquenta e três sócios com direito de voto.

Os dados relativos a estes dois anos permitem-nos analisar também os rendimentos dos sócios e a sua proveniência,no entanto ,antes de procedermos ao levantamento destes elementos ,importa fazer uma breve referência à importância do estudo destas contribuições.

Começamos por referir que nos cadernos de recenseamento,figura a designação de quota de décima e contribuições provenientes de “juros ,foros e pensões, emprego,prédios rústicos e urbanos arrendados,prédios rústicos e urbanos não arrendados e indústria ,imposto de 4% sobre as casas e subsídio literário congrua paroquial” .

Importa referir que a décima ,entendida como contribuição geral sobre a propriedade , implicava que os proprietários contribuíssem a 10% de qualquer fazenda que lhes pertencesse.Devido à acção de Mouzinho da Silveira a décima foi substituída, em 1832 ,por novas modalidades de contribuição.

A partir desta data , surgiu a décima de prédios, que incidia sobre os rendimentos dos prédios ,dos capitais e das rendas .A décima de foros recaía sobre os prédios cujo domínio útil estivesse separado do domínio directo ,existia ainda uma décima especial por cultura ou exploração de prédios rústicos que atingia os indivíduos que cultivassem terras suas ou alheias.Todas estas contribuições foram,posteriormente,no reinado de D.Maria II,substituídas pela contribuição predial(12) .

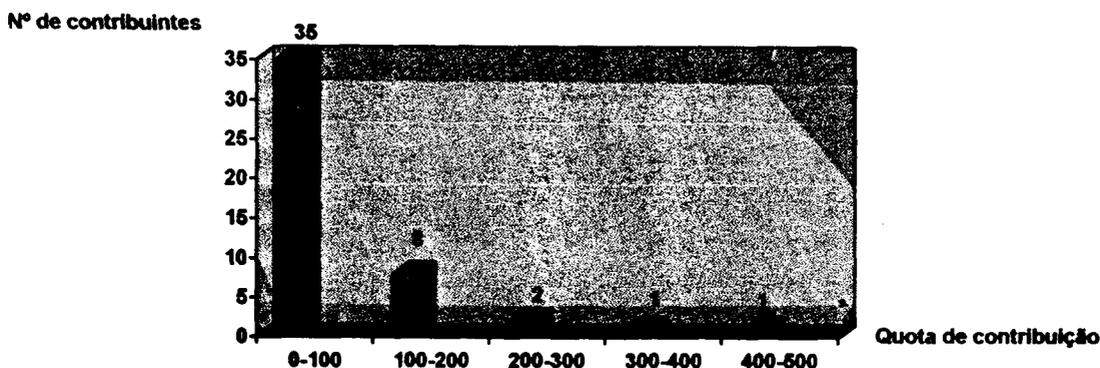
(12)-Rui de Abreu Torres,“Décima”in **Dicionário de História de Portugal**(dir.Joel Serrão),Vol.II,Porto,Livraria Figueirinhas,1985,pág.274-275

Os valores colectados, permitem-nos avaliar a importância económica dos sócios - fundadores e conhecer a proveniência desses rendimentos. No que concerne aos dados disponíveis para o ano de 1856/57, cumpre acrescentar que não tivemos conhecimento dos rendimentos, respeitantes a quinze dos pioneiros, o que num total de sessenta e dois indivíduos corresponde a 24%.

Relativamente ao montante do rendimento colectado, por cada um dos contribuintes, simplificámos esta análise através do gráfico nº1 que contempla a distribuição do número de indivíduos por cada uma das classes de valores consideradas no biénio de 1856/57.

**GRÁFICO Nº1**

**Distribuição dos sócios -fundadores por cada uma das classes de valores, com base nos rendimentos colectados pelos eleitores e elegíveis em 1856/57.**

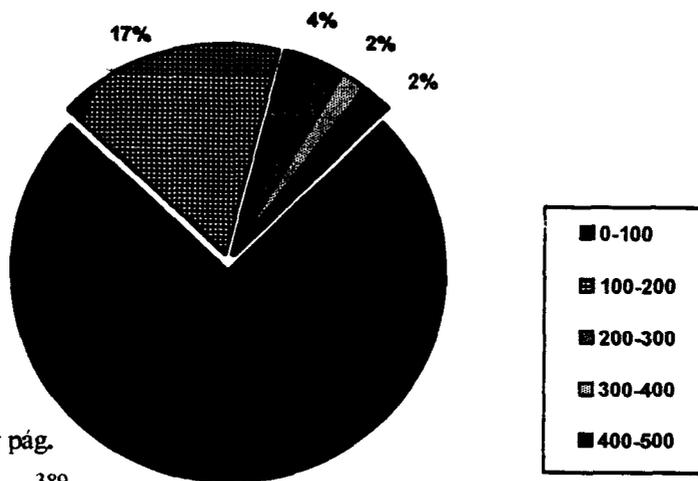


FONTE:Quadro nº3, ver pág. 389

Para completar esta análise, apresentamos ainda, os valores percentuais correspondentes aos dados numéricos presentes no gráfico nº1.

**GRÁFICO Nº2**

**Análise percentual da distribuição dos sócios-fundadores por cada uma das classes de valores, com base nos rendimentos colectados por eleitores e elegíveis em 1856/57.**



FONTE:Quadro nº3, ver pág.

389

Podemos concluir que os pioneiros se distribuíram ,maioritariamente,pela classe de valores considerada inferior ,ou seja, que medeia entre os zero e os cem mil réis ,a partir dos duzentos mil réis o número de contribuintes é pouco significativo.

Para reforçar o que anteriormente foi dito acrescentamos que,em 1856/57, a média dos rendimentos dos contribuintes é de 53.028 mil réis ,número que corresponde à classe de valores que medeia entre os zero e os cem mil réis.

Os montantes que os fundadores da Sociedade Bejense detinham ,no biénio de 1856/57, provinham ,essencialmente , de “subsídio literário congrua paroquial”( 87% dos sócios),bem como da “posse de prédios rústicos e urbanos não arrendados e indústria”,o que corresponde a 74% dos sócios e ainda derivados do “imposto de 4% somente sobre as casas”( 64% dos pioneiros).

Antes de terminar a análise do papel dos pioneiros na sociedade censitária no biénio de 1856/57,importa acrescentar que,para dois dos elegíveis e um dos eleitores ,não foram apresentados os rendimentos.Facto que se justifica ,no caso dos elegíveis ,por serem detentores de habilitação académica superior .Esta condição dispensa a prova de censo ,da qual ficaram isentos dois advogados:José Jacinto da Cunha Rivara e Fortunato Frederico de Melo .

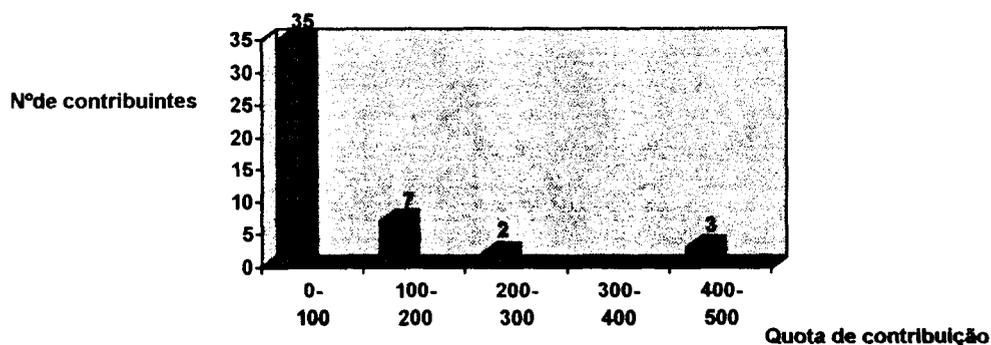
Relativamente ao ano de 1859 ,dispomos apenas dos dados referentes aos eleitores que participaram nas eleições para deputados.Começamos por referir que dos sessenta e dois fundadores ,cinquenta e um reuniram a condição de eleitores ,número que representa uma percentagem de 82%.

Acrescentamos ainda que,para quatro destes eleitores,não dispomos do valor dos rendimentos ,número que adicionado aos onze fundadores, que não foram identificados como eleitores ,nos permite analisar os rendimentos de quarenta e sete dos pioneiros.

Apresentamos ,seguidamente ,a simplificação destes dados feita através dos gráficos nº3 e nº4.

### GRÁFICO Nº3

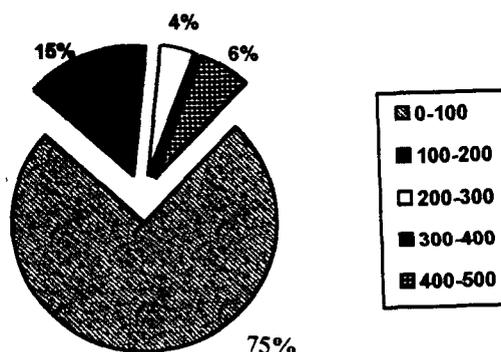
Distribuição dos sócios -fundadores por classes de valores ,tendo em conta os rendimentos colectados pelos eleitores no ano de 1859



FONTE:Quadro nº4 , anexo.pág. 391

### GRÁFICO Nº4

Análise percentual da distribuição dos sócios-fundadores ,por classes de valores ,tendo por base os rendimentos colectados pelos eleitores no ano de 1859.



FONTE:Quadro nº 4 ,anexo pág. 391

No que se refere à média dos rendimentos dos eleitores esta situa-se nos 65.338 mil réis ,estes valores são, ligeiramente, superiores à média paga no biénio de 1856/57 que, como foi referido, era de 53.028 mil réis.

Os rendimentos do grupo de eleitores provêm ,sobretudo, de “subsídios literários congrua paroquial, imposto de 4% somente sobre as casas” e ainda em virtude dos rendimentos provenientes de “prédios rústicos e urbanos não arrendados e indústria”.

Com o objectivo de completar estes dados, efectuamos uma análise comparativa entre o grupo de eleitores e elegíveis ,salientando as diferenças existentes em termos de profissão exercida ,idade e habilitação literária.

Nos anos de 1853 e 1856/57 verificámos que os cidadãos elegíveis para cargos municipais ocuparam, predominantemente, funções relacionadas com o sector agrícola. No primeiro ano considerado registou-se uma percentagem de 74% dos sócios com profissões ligadas à terra, enquanto que, no biénio de 1856/57, esta percentagem aumentou para 77%. Salientaram-se os proprietários como a categoria profissional de maior destaque, encontramos, no conjunto de elegíveis, outras profissões com menor representatividade, como seja o caso dos médicos, advogados, juizes, professores.

As fontes consultadas não contêm informações específicas referentes à habilitação literária dos sócios, no entanto, através da identificação da profissão dos mesmos, podemos avaliar o peso dos bacharéis.

No ano de 1853, os indivíduos com instrução superior representaram 30% do conjunto de elegíveis, esta percentagem aumentou para 44% no biénio de 1856/57.

Em termos etários não se verificaram diferenças entre o grupo de elegíveis e de eleitores. É de registar que a faixa etária que se situa entre os vinte e um e os quarenta anos, engloba um maior número de indivíduos, pelo que, os cidadãos participantes na vida política, se assumiram como um grupo relativamente jovem.

É de registar que relativamente ao local de residência, os fundadores na época da fundação residiram, maioritariamente na cidade, apenas três dos sócios moravam nas suas quintas ou herdades. Acrescentamos que o sócio Diogo Passanha residia em Ferreira, António Doria Senior morava nas Neves e Joaquim Filipe Fernandes residia na Almocreva (13).

No conjunto de eleitores denotamos, em termos profissionais, uma significativa aproximação entre o número de profissões ligadas ao mundo agrícola e o número de funcionários. É de salientar que a categoria ocupacional de funcionário prevaleceu no conjunto de cidadãos considerados simples eleitores, sem se assumirem, simultaneamente, como elegíveis.

Para completar esta análise comparativa entre elegíveis e eleitores, resta-nos confrontar a média de valores pagos por cada um dos membros que pertenciam a estas categorias.

(13)- Ver Quadro nº5, anexopág.392 que integra a síntese de todos os elementos considerados essenciais na caracterização social dos pioneiros.

Assim, podemos afirmar que, ao conjunto de elegíveis, corresponde uma média de rendimentos de 84.056 mil réis(14), sendo este montante superior à média de valores de contribuição pagos pelos eleitores em 1856/57 (53.028) e 1859(65.338) mil réis.

Estes elementos comparativos permitem-nos concluir que existe uma distinção entre a condição de votar e de ser eleito. Em termos sociais podemos adiantar que os elegíveis assumem um maior prestígio que provém, sobretudo, da categoria profissional, sendo este um dos vários factores que lhe conferiram um rendimento superior.

As conclusões expressas no parágrafo anterior estão em conformidade com a lógica censitária que foi posta em prática no nosso país, com base na qual assistimos a uma distribuição desigual do poder político, facto que revela o pendor exclusivista da elite política(15).

Com base na análise do papel dos fundadores na sociedade censitária, nos diferentes anos contemplados neste estudo, podemos concluir que existiu uma homogeneidade, em termos das características assumidas, particularmente, pelo grupo de eleitores e pelo grupo de elegíveis. O facto de não existirem disparidades nas análises efectuadas, demonstra que se destacam, como grupos coesos, no decorrer dos diferentes anos considerados.

Esta estabilidade, que se verifica quer no grupo de elegíveis quer no grupo de eleitores, ficou a dever-se também ao facto de existir um núcleo composto por vinte sócios-fundadores que mantiveram sempre a mesma participação nas eleições realizadas nos diferentes anos(16). Para reforçar esta ideia salientamos que para além dos vinte sócios atrás referidos, verificámos que igual número de sócios mantiveram apenas a condição de simples eleitores ao longo dos diversos anos considerados.

(14)-Este valor corresponde ao biénio de 1856/57, uma vez que foi a única data que nos cadernos de recenseamento consultados, inclui os valores do rendimentos colectados pelo grupo de elegíveis.

(15)-Pedro Tavares de Almeida, 1991, Op. Cit., pág. 179

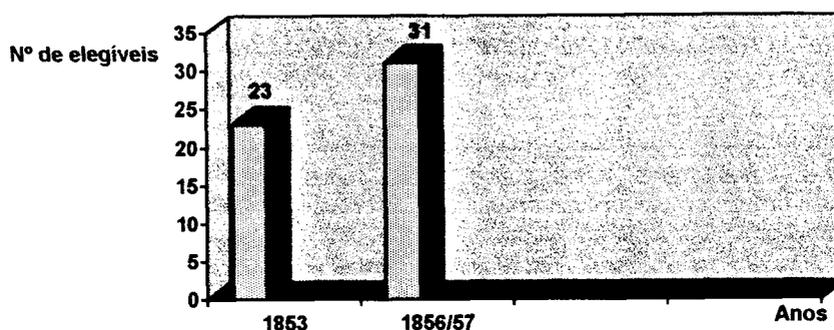
(16)-Ver Quadro nº6, anexo ... pág. 394

Apesar desta homogeneidade, que se verificou em 32% do corpo de elegíveis e em 64% dos eleitores, existiram, necessariamente, modificações na composição destas duas categorias.

Os gráficos, seguidamente apresentados, permitem-nos conhecer as alterações verificadas no número de eleitores de 1853, 1856/57 e 1859 e no número de elegíveis para cargos municipais apenas para os anos de 1853 e 1856/57, por não dispormos dos Cadernos de Elegíveis referentes a 1859.

#### GRÁFICO N.º 5

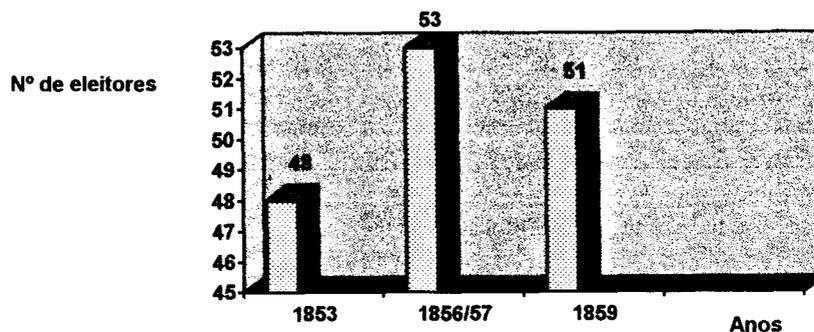
Distribuição do número de sócios-fundadores considerados elegíveis nos anos de 1853, 1856/57.



FONTE:Quadro n.º 6 pág.394

#### GRÁFICO N.º 6

Distribuição do número de sócios-fundadores considerados eleitores no ano de 1853, 1856/57, 1859



FONTE:Quadro n.º 6 pág.394

Com base nos elementos fornecidos pelos gráficos ,podemos concluir que nos primeiros anos considerados no estudo , existiu um aumento do número de eleitores e elegíveis .No ano de 1859 diminuiu,ligeiramente, o número de eleitores ,tendo em conta os dados de 1856/57.

Importa referir que,nos anos que mais se aproximaram da data de fundação da Sociedade Bejense,existiu uma significativa representatividade dos pioneiros nos actos eleitorais.Esta sua participação nas eleições assenta num conjunto de requisitos, anteriormente enunciados,no entanto, resta-nos tecer algumas considerações relativas aos diferentes critérios adoptados neste processo.

Podemos verificar, através da análise dos valores constantes nos cadernos de recenseamento, que os sócios - fundadores auferiram de rendimentos muito inferiores, ao montante exigido por lei para obter a condição de eleitor e de elegível,sendo estes de 100 mil réis e 400 mil réis,respectivamente.

Esta situação parece-nos contudo,uma realidade comum na época e remete-nos para um conjunto de aspectos inerentes a todo um ambiente de irregularidades que ocorreram nas eleições oitocentistas.

Cumpre-nos efectuar uma breve referência à organização dos recenseamentos feitos, muitas vezes ,sem qualquer rigor ,facto que impede que se considerem,estas fontes como inteiramente válidas .

As irregularidades eram ,sobretudo,comuns nos círculos rurais ou pouco urbanizados ,uma vez que os caciques locais exerciam a sua influência não só sobre o eleitorado ,como também sobre as autoridades administrativas.Ocorria,com frequência, a “exclusão indevida de potenciais eleitores ” bem como a “ inscrição fraudulenta de indivíduos legalmente desprovidos de capacidade eleitoral activa”(17).

Outro dos aspectos,que pode estar na base das diferenças entre os rendimentos colectados e os valores exigidos por lei ,tem a ver com o facto de não existir uma conformidade entre os”lançamentos e os mapas das repartições e os princípios da justiça relativa ”(18).

(17)-Pedro Tavares de Almeida,1991,Op.Cit.,pág.41

(18)-Pedro Tavares de Almeida ,1991,Op.Cit.,pág.45

Consideramos ainda importante avançar com outra hipótese, que não veio pôr em causa a existência de um censo uniforme em todo o País, mas que nos remete para a existência de desigualdades territoriais, apesar de pouco relevantes .

Pedro Tavares de Almeida afirma que estas diferenças, entre os meios urbanos e rurais em termos censitários, tem a ver com o facto dos cálculos, sobre o valor colectável , não assentarem apenas nas contribuições directas do Estado, mas também nos diferentes impostos locais(19).

Para reforçar o que foi proferido no parágrafo anterior, acrescentamos que era facultativo às corporações administrativas lançarem, sobre certas contribuições do Estado , a percentagem adicional que considerem necessária para obter determinado rendimento(20).

Estas breves descrições demonstram-nos que existia uma certa fragilidade em todo o sistema eleitoral, apesar de todos os procedimentos que lhe estão subjacentes , se revestirem de extrema importância , nomeadamente em termos da definição dos indivíduos que detém ou não capacidade eleitoral.

O quadro traçado ao longo deste primeiro ponto do trabalho, permite-nos concluir que os sócios-fundadores manifestaram uma participação notória nos actos eleitorais, que decorreram na época da fundação da sociedade.

Saliente-se que existiu um estreito contacto e influência na vida política local , facto que proporcionava um acréscimo de prestígio social nestes indivíduos e que, simultaneamente, contribuía para engrandecer a imagem da Sociedade Bejense.

O exercício de funções político-administrativas constituía uma variável importante para a caracterização dos sócios pois, com o advento do liberalismo e o sistema censitário , existiu uma tendência para que a elite política coincidissem com a elite económica (21).

(19)-Pedro Tavares de Almeida, 1991, Op.Cit. .pág.35

(20)-Pedro Tavares de Almeida, 1991, Op.Cit..pág.35

(21)-Helder Fonseca. 1988, Op.Cit.pág.67

A consulta dos cadernos de actas de eleição, para deputados de algumas assembleias da cidade, permitiram-nos conhecer os cidadãos mais votados para exercer os cargos municipais. Nos anos considerados na análise, denotamos que os sócios-fundadores se assumiram como os cidadãos mais votados.

Acrescentamos que, no biénio de 1856/57, obtiveram maior votação o sócio José Manuel Guedes Pimenta, imediatamente seguido, de João Bernardo Neto Doria e de António Anacleto Paes. Com menor número de votos encontravam-se José Maria Rosado e Joaquim Bernardo Urbano da Fonseca.

No ano de 1859 consideramos importante referir que foi eleito, para deputado, o sócio -fundador Mariano Joaquim de Sousa Feio, com trezentos e vinte e seis votos, nesta mesma eleição importa fazer referência também a José da Rocha Ferreira Gavião que obteve apenas um voto.

Como cidadãos eleitos, para exercerem o cargo de vereadores da Câmara Municipal do concelho, salientaram-se João Bernardo Neto Doria, seguido por António Anacleto Paes e José Manuel Guedes Pimenta, como indivíduos mais votados.

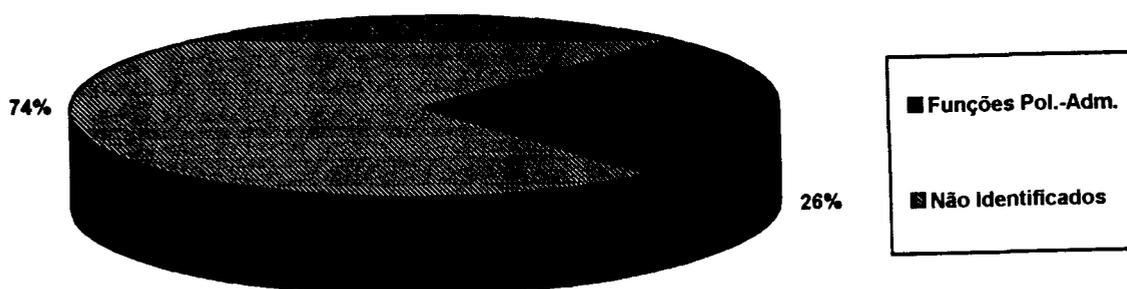
Estes elementos permitem-nos consolidar a ideia de que existia uma estreita ligação entre os fundadores da Sociedade Bejense e as estruturas político-administrativas locais.

Cumprido, no entanto, salientar que estes dados não se referem ao período exacto da fundação da Sociedade Bejense (1854), pelo que acrescentamos algumas informações, relativas aos sócios que exerceram funções político-administrativas nesta data.

A ausência de fontes, referentes a esta data específica, constituiu um dos obstáculos que impediu uma caracterização sociológica mais precisa dos pioneiros. Para além dos recenseamentos já analisados, encontramos também algumas informações “avulsas” sobre os sócios, provenientes do periódico local. Apesar do jornal, **O Bejense** só ter surgido na década de sessenta, apresenta também informações, embora escassas, que antecederam a sua fundação.

Esta insuficiência de elementos fez com que existisse uma percentagem bastante elevada de sócios, conforme indica o gráfico seguinte, sem que tivesse sido possível identificar a sua actividade político-administrativa em 1854, o que não significa que não tivessem exercido esta função.

**GRÁFICO Nº7**  
**Análise percentual das funções político administrativas desenvolvidas pelos sócios fundadores (1854)**



FONTE: Tabela nº1, anexo pág.398

Em virtude da percentagem reduzida de sócios que exerceram estas funções, optámos por não especificar o tipo de cargos exercidos. No entanto, estes elementos encontram-se referenciados na caracterização biográfica feita para cada um dos sócios (22).

Para completar esta análise, consideramos importante descrever algumas das funções desenvolvidas pelos sócios-fundadores no período da fundação da Sociedade Bejense, assim destacaram-se, principalmente, como membros do Conselho Municipal e da Junta de Repartidores da Contribuição.

Salientamos, a título de exemplo, o papel de destaque assumido por alguns dos sócios na vida política local. Começamos por referir o caso de Mariano Joaquim de Sousa Feio que assumiu, nesta data precisa, o cargo de vereador da Câmara Municipal, procurador à Junta Geral do Distrito e vogal do Conselho Municipal.

(22)-Ver anexo Pág.157 / 385

Acrescentamos que, o sócio, Francisco Pessanha de Mendonça Furtado exerceu no período de fundação, o cargo de Presidente da Câmara Municipal e que António Henriques Doria Junior, nos anos de 1853/54, acumulou os cargos de vogal da Junta de Repartidores da Contribuição Directa, jurado e secretário da Comissão de Recenseamento.

Destacaram-se também, pelas suas funções, os sócios Francisco António Penedo, como administrador do concelho de Alvito e José Luciano Nogueira como procurador à Junta Geral do Distrito.

Este protagonismo constituiu um dos garantes do prestígio social alcançado por este grupo de fundadores, que promoveram também a imagem da Sociedade Bejense, sendo esta, simultaneamente, factor de reconhecimento da identidade do grupo.

Apesar dos diversos aspectos abordados neste ponto do trabalho, que se assumiram como, significativamente, importantes para conhecer o perfil sociológico dos pioneiros na época da fundação da sociedade, importa completar esta análise com outros elementos de carácter social.

Para além dos rendimentos auferidos e da sua acção em termos político-administrativos, aspectos anteriormente tratados, procedemos à análise de outros indicadores, igualmente importantes, tais como a actividade profissional, habilitação literária, idade, estado civil dos pioneiros.

Recorremos, fundamentalmente, aos cadernos de recenseamento eleitoral de 1853, 1856 e 1859, para proceder à análise dos indicadores enumerados no parágrafo anterior.

Antes de proceder à caracterização profissional dos pioneiros, cumpre esclarecer alguns aspectos que justificam a organização destes elementos. Optámos por apresentar a diversidade de profissões referenciadas na documentação, sem proceder ao agrupamento das mesmas.

Este tipo de abordagem,por implicar uma maior especificação ,contribui para um conhecimento mais detalhado da ocupação dos indivíduos,ao mesmo tempo,permite-nos conhecer o tipo de curso seguido na formação superior ,uma vez que as profissões consideradas liberais não foram agregadas(23).

Os dados referentes ao estatuto ocupacional dos sócios-fundadores permitem-nos concluir que ,os proprietários e os funcionários ,constituíram as categorias de maior destaque, relativamente,aos restantes grupos profissionais.

As actividades profissionais,que se relacionavam com o espaço agrário ,assumiram uma representatividade de 53%,tendo em conta o total de sócios -fundadores.No sentido de especificar esta análise ,acrescentamos que,cerca de 40% dos sócios exerceram a ocupação de proprietários ou de lavradores como única actividade,enquanto que os restantes 13% acumularam uma destas funções com outra actividade profissional.

Desta forma,existiram proprietários que desempenharam,cumulativamente,a função de juizes ,médicos ,funcionários e militares,no grupo dos lavradores registou-se apenas um lavrador/advogado,que consta na categoria de outras profissões.

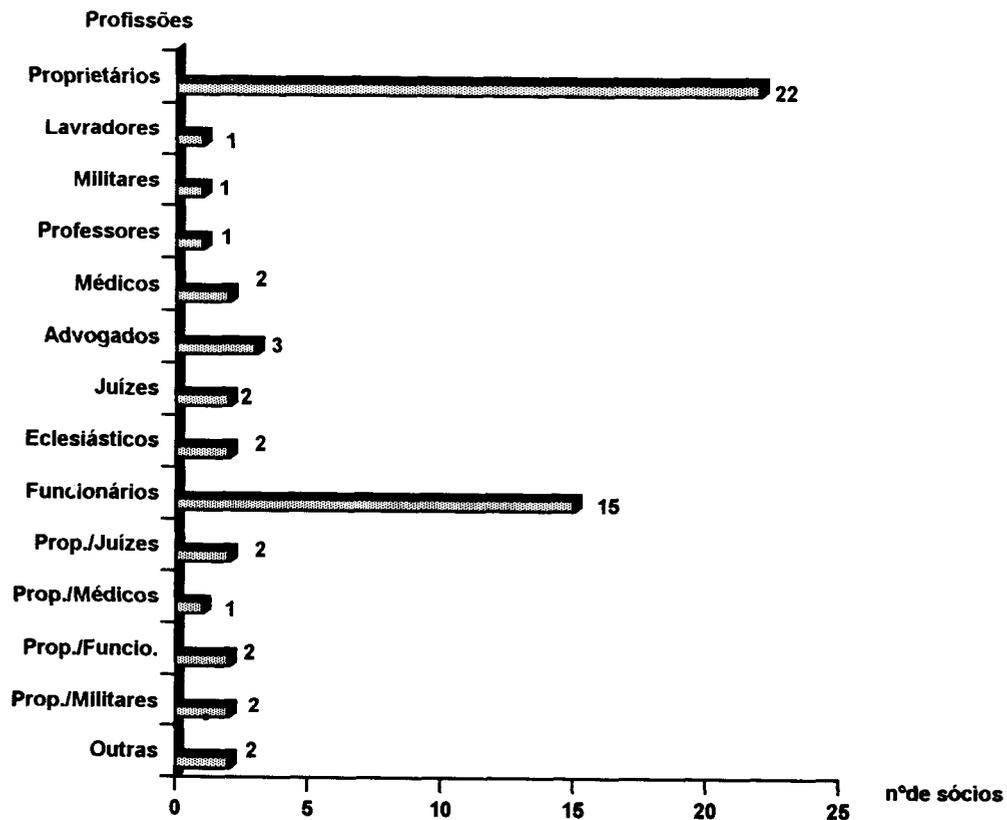
Apesar de existir um predomínio dos proprietários e funcionários,não podemos deixar de assinalar que no grupo de sócios-fundadores se destacou também pela pluralidade de actividades profissionais existentes.

Encontrámos profissões relacionadas com a saúde,com a vida militar,com o ensino,carreira jurídica e eclesiástica ,embora o número de indivíduos que se dedicaram a estas actividades seja pouco significativo ,pois não vai além dos três sócios por profissão,conforme indica o gráfico nº 8,o que corresponde a uma percentagem que varia entre os 2% e os 4%.

(23)-Ver Tabela nº1,anexo Pág.398

## GRÁFICO Nº8

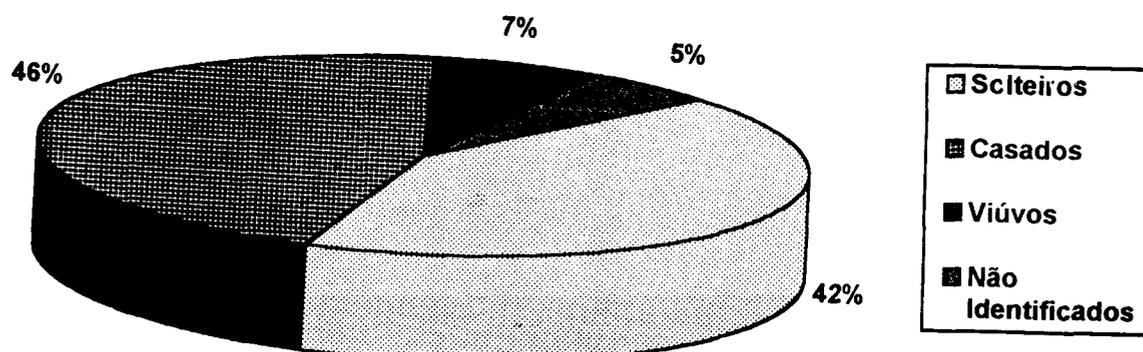
### Caracterização profissional dos sócios fundadores (1854)



FONTE: Tabela nº1, anexo pág.398

Outra das variáveis analisadas foi o estado civil dos pioneiros no período de fundação da sociedade. Com base nas informações disponíveis, concluímos que existiu uma aproximação entre o número de sócios casados e o número de solteiros, embora os primeiros tivessem atingido uma maior representatividade, conforme podemos ver a partir do gráfico nº9.

**GRÁFICO N°9**  
**Análise percentual do estado civil dos sócios fundadores**  
**(1854)**



**FONTE:**Tabela nº1 ,anexo I,|pág.398

Quanto ao nível de instrução dos pioneiros ,importa referir que os cadernos de recenseamento nos anos próximos da fundação,principais fontes consultadas para caracterizar os sócios neste período,não contêm informações relativas à habilitação literária dos eleitores e elegíveis.

Registou-se uma insuficiência de dados no que diz respeito à habilitação literária,pelo que avaliámos apenas o peso dos bacharéis,a partir da análise das profissões que exigiam grau académico superior.

É de assinalar que doze dos sócios -fundadores detinham o grau de bacharéis ,o que corresponde a uma percentagem de 19%.Salientamos que é bastante significativo o número de sócios cuja habilitação não foi identificada,estes representam uma percentagem de 81%.

É de assinalar que este grupo,com formação superior,assumiu um papel importante na sociedade local ,em geral, e na Sociedade Bejense,em particular .Como já foi referido no decorrer deste trabalho do grupo de cidadãos elegíveis ,30% dos sócios eram bacharéis,esta representatividade aumentou para 44% no biénio de 1856/57.

Facto que reforça a ideia de que a instrução se assumiu como um factor importante de integração e promoção sócio-política(24). No entanto, importa acrescentar que, só a partir de 1878 ,se inovou a regulação do direito de voto,ao ser reconhecido o papel da instrução.Desta forma,foram acrescentados aos requisitos censitários ,os requisitos capacitários(saber ler e escrever)(25).

Para finalizar a caracterização dos pioneiros no período da fundação da sociedade,resta-nos analisar os dados referentes à estrutura etária destes indivíduos.Do conjunto de sócios-fundadores caracterizados ,foi possível identificar a idade de cinquenta e quatro destes indivíduos ,o que corresponde a 93%.

A variável idade assumiu um papel importante para compreender toda a dinâmica que marcou a fundação da sociedade ,bem como o seu carácter e funcionamento posteriores.

Podemos considerar que os pioneiros se destacaram como um grupo jovem,cuja faixa etária predominante se situava entre os vinte e um e os quarenta anos.Existe,em termos percentuais, um nítido destaque dos indivíduos que se integram nesta faixa etária,pois representam 57% do total de fundadores.

Conforme indica o gráfico nº10,os restantes pioneiros,distribuíram-se pela faixa etária que se situa entre os quarenta e um e os sessenta anos e assumiram uma representatividade de 30%.

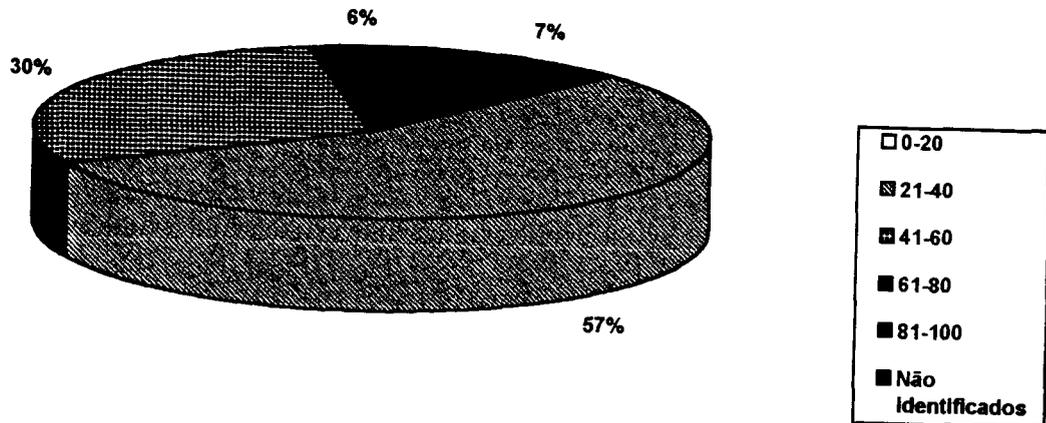
Uma percentagem de apenas 6% dos sócios,encontra-se entre os sessenta e um e os oitenta anos.Acrescentamos ainda que não nos foi possível identificar a idade de apenas quatro sócios-fundadores,o que corresponde percentualmente a 7%.

(24)-Fernando Luis Gameiro,*Ensino e Educação no Alentejo Oitocentista* ,Lisboa,Universidade Nova de Lisboa,1995,pág.163

(25)-Pedro Tavares de Almeida .1991,Op.Cit.,pág.18

### GRÁFICO Nº10

#### Análise percentual da estrutura etária dos sócios fundadores (1854)



FONTE:Tabela nº1,anexo pág.398

Estes elementos são significativos porque nos permitem considerar os fundadores como um grupo jovem ,que se encontra em tranjectória de vida .A fundação da sociedade resultou do acentuado dinamismo e espírito de inovação,características deste grupo extremamente jovem que anseava projectar-se socialmente.

Com o objectivo reforçar de o que foi exposto no parágrafo anterior,acrescentamos que dez dos sócios fundadores encontravam-se entre os vinte e trinta anos,enquanto que os restantes vinte e três sócios situavam-se na faixa etária que medeia entre os trinta e os quarenta anos,conforme podemos comprovar no quadro nº5 (26)

Neste nível etário bastante jovem,no qual se inserem mais de metade dos pioneiros,encontramos um considerável número de indivíduos solteiros ,cerca de 50%, o que contribuiu para a aproximação que se verificou entre o número de sócios-fundadores solteiros e casados ,apesar destes últimos prevalecerem.

É ainda de registar que apenas 36% destes indivíduos,que tinham entre vinte e um e quarenta anos,desenvolveram actividades político-administrativas,desta forma o factor idade contribuiu também para justificar o baixo índice de notabilidade dos pioneiros no período da fundação da Sociedade Bejense .

(26)-Ver Quadro nº5 ,anexo pág.392

Por se tratar de um grupo jovem ,sem que a tranjectória de vida estivesse definida em 1854,torna-se pertinente introduzir alguns elementos que nos permitem conhecer o percurso seguido por estes personagens ,desde a data da fundação até 1910.

Os elementos introduzidos ,nomeadamente em termos da maior ligação dos pioneiros à vida política ,a sua forte acção pública e o aumento considerável do número de bacharéis,comprovam a ideia de que a Sociedade Bejense foi fundada por um grupo em ascensão.

Importa realçar que, para efectuar esta caracterização,contámos com uma maior diversidade de informações provenientes,sobretudo,dos cadernos de recenseamento,registos paroquiais e do precioso contributo da imprensa local.

Começamos por comparar os dados referentes às categorias profissionais dos fundadores nos dois períodos históricos em análise.Entre os anos de 1854-1910 verificámos que existiu uma diminuição do número de proprietários e de funcionários, como profissão única.

Registou-se,contudo,um aumento do número de proprietários que desenvolveram,simultaneamente,a profissão de juízes,funcionários,militares,médicos e aumentou também o número de advogados/professores e juízes /lavradores(27).

Salientamos o aumento das profissões de âmbito agrícola associadas a profissões que exigiam formação superior,nomeadamente relacionadas com o curso de Direito.Acrescentamos que a representatividade das profissões jurídicas passou de 11% em 1854,para 25% entre os anos de 1854/1910.

É notório o acréscimo do número de bacharéis ,estes aumentaram cerca de 13% em relação ao ano de 1854,pelo que representaram no período em estudo 32% do total de sócios fundadores.Para evidenciar o peso dos bacharéis acrescentamos que,os restantes sócios assumiram uma representatividade muito diminuta nas outras categorias consideradas.Desta forma 4% sabiam ler ,3% detinham a instrução secundária e apenas 2% frequentavam a instrução primária.

(27)-Ver tabela nº2,anexo pág.399

Estes dados permitem-nos concluir que, na data da fundação da sociedade, alguns dos fundadores eram estudantes daí, talvez, o seu interesse pelo associativismo para conseguirem projectar a sua imagem social. Salientamos que 13% dos sócios - fundadores seguiram um percurso académico que lhes conferiu uma habilitação de grau superior.

Para a correcta análise de outras variáveis, como seja a acção pública dos indivíduos e o desempenho de actividades político-administrativas, importa ter presente os elementos anteriormente analisados, bem como a importância económica dos fundadores que também foi incluída neste ponto do trabalho.

Começamos por avaliar a importância destes personagens na sociedade local, a partir das diversas actividades implementadas. Desta forma, analisámos a acção pública dos sócios, tendo em conta a sua participação em actividades de beneficência e caridade, actividades culturais, de recreação, as actividades relacionadas com o ensino, política e administração local e nacional e por fim as actividades de âmbito privado que têm a ver com a promoção de interesses materiais e atitudes económicas.

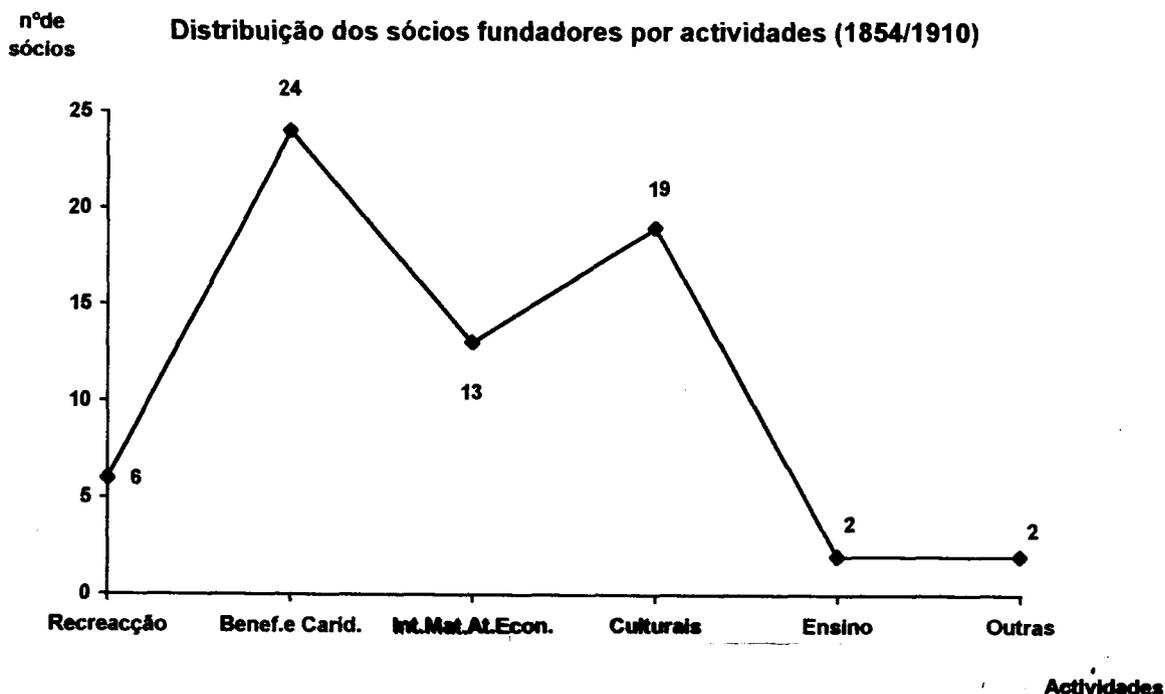
Como podemos verificar a partir dos dados biográficos dos sócios, grande parte destes desempenharam, simultaneamente, várias actividades de acção pública, pelo que a soma do total de cada uma destas actividades não corresponde ao número total de sócios - fundadores (28).

Importa assinalar que à excepção dos elementos referentes às actividades político-administrativas e à acção pública de um dos sócios, não obtivemos outras informações para o ano de 1854, pelo que não podemos efectuar comparações abrangentes.

A partir da data de fundação da sociedade, os pioneiros desempenharam, sobretudo, actividades de beneficência e caridade, culturais, actividades relacionadas com os interesses materiais e atitudes económicas e destacaram-se também no âmbito da recreação, conforme indica o gráfico nº11.

(28)- Ver tabela nº2, Anexo . pág.399

GRÁFICO Nº11



LEGENDA: Benef. Carid.-actividades de beneficência e caridade

Int. Mat. At. Econ.-actividades que promovem interesses materias e atitudes económicas

FONTE: Tabela nº2 , anexo , pág.399

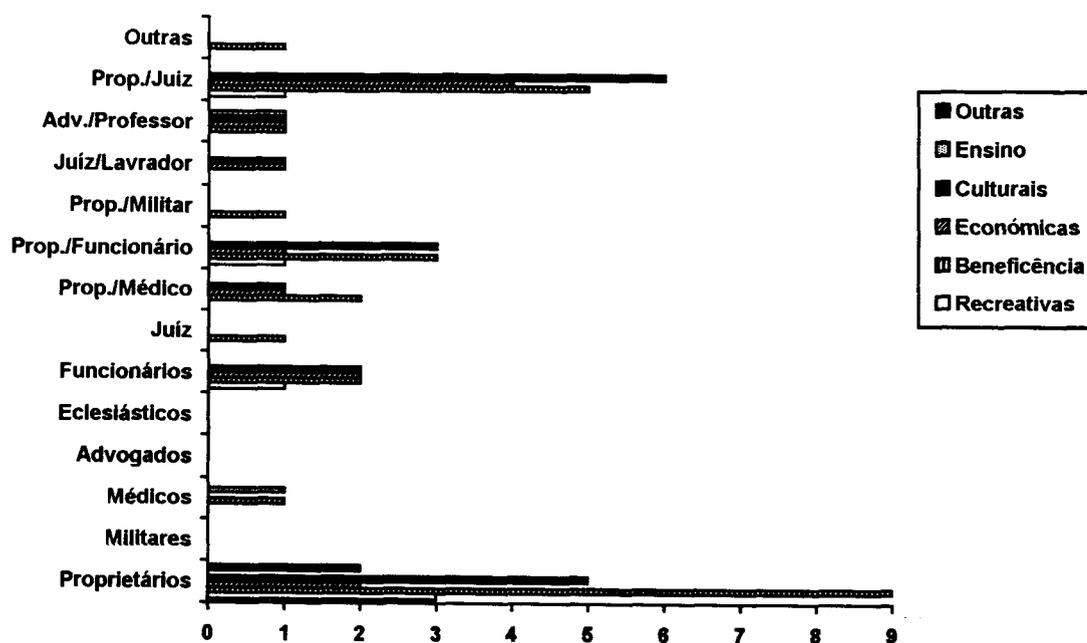
A sua participação nestes diversos âmbitos ,demonstra-nos que se tratava de um grupo de indivíduos com fortes ligações às instituições locais ,facto que lhes conferia uma imagem de prestígio.

Importa,contudo referir que este destaque em termos de acção pública se manifestou,sobretudo ,a partir da data de fundação da sociedade.O factor idade contribuiu para justificar esta situação ,uma vez que se tratava de um grupo jovem ,no qual o associativismo constituiu um factor inicial de ascenção e que posteriormente consolidou o seu prestígio social .

Ao estabelecermos o cruzamento entre os dois indicadores:profissões e actividades de acção pública(gráfico nº12) implementada pelos pioneiros,consideramos apenas as categorias profissionais que assumiram um maior destaque.

GRÁFICO Nº12

Distribuição dos sócios fundadores por categorias profissionais e actividades desenvolvidas entre 1854/1910



FONTE: Tabela nº 2, anexo pág. 399

Concluimos que 60% dos proprietários participaram em actividades de beneficência e caridade, saliente-se a este propósito a sua acção na Casa Pia e Santa Casa da Misericórdia.

Uma percentagem de 33% dos sócios -fundadores desenvolveram actividades de carácter cultural e apenas 20% dos pioneiros participaram em actividades de recreação. Acrescentamos que neste indicador, considerámos a participação dos pioneiros noutros espaços de convívio para além da Sociedade Bejense, à qual obviamente, pertenciam.

Relativamente ao grupo dos funcionários, registou-se uma participação muito similar no que se refere às actividades relacionadas com o sector económico, de beneficência e de carácter cultural, sem que se tivessem destacado em nenhuma destas em especial.

Acrescentamos ainda que 75% dos proprietários -juizes, desempenharam actividades de âmbito cultural e 62,5% assumiram particular destaque nas actividades de beneficência e caridade.

Procedemos ,seguidamente à análise da participação dos sócios-fundadores na política e administração local e nacional.No período temporal que medeia entre 1854 e 1910,assistimos a uma notória acção dos sócios neste âmbito ,o que justifica a subdivisão que foi feita em termos de funções desempenhadas.

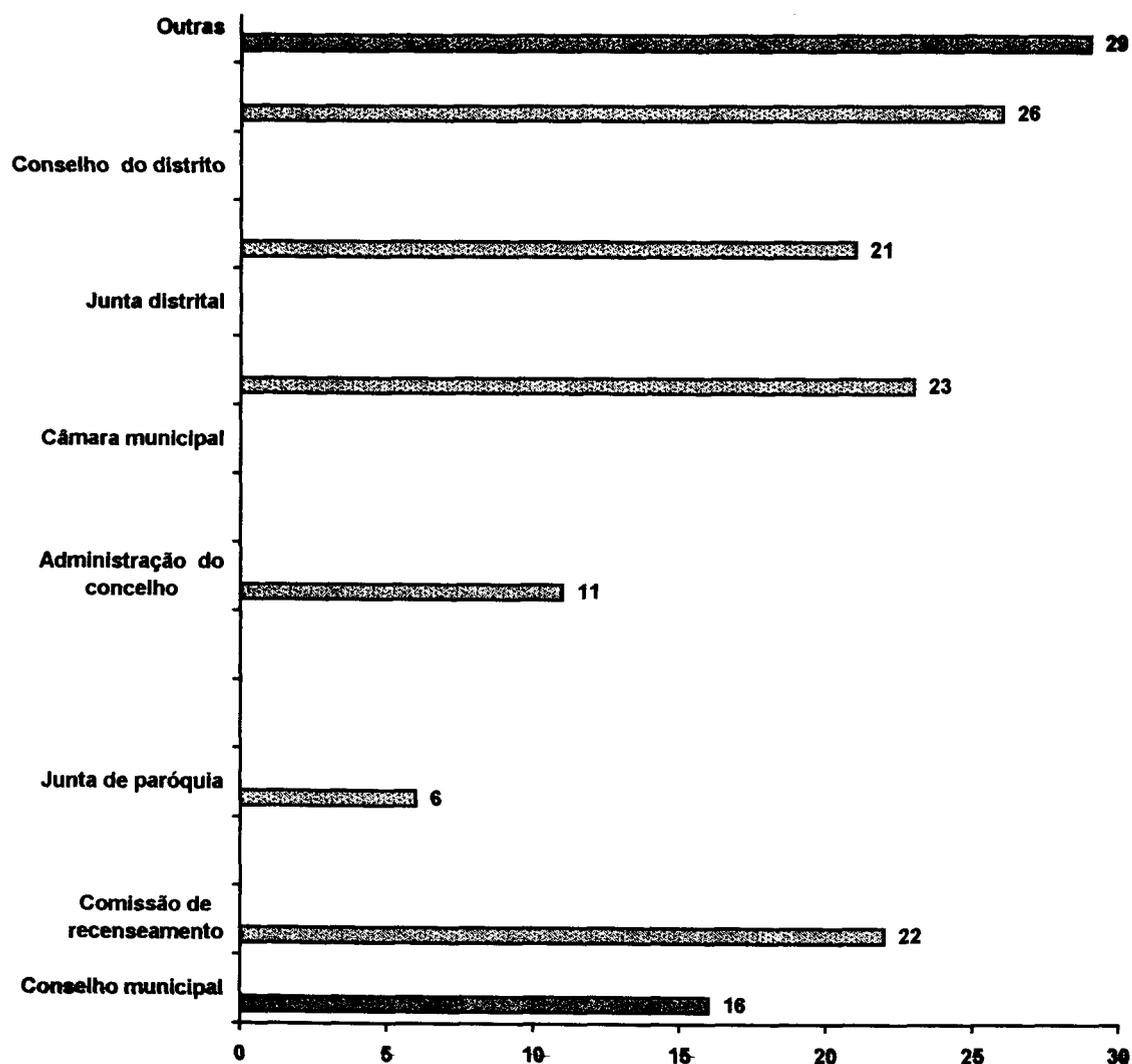
Os pioneiros tiveram uma maior participação em funções que englobamos na tabela com a designação de outras,por incluírem uma diversidade de funções como seja:Comissão Paroquial,Tribunal Correccional ,Comissão de Viacção,jurado ,entre outras funções que foram especificadas nas biografias dos sócios.

Registou-se também um acentuado número de sócios noutros sectores,como seja: Conselho do Distrito,Câmara Municipal,Comissão de Recenseamento e Junta Distrital.

O cruzamento dos dados relativos às profissões e participação na política e administração local e nacional,foram simplificados no gráfico nº13.

#### GRÁFICO Nº13

Distribuição dos sócios fundadores por funções político -administrativas  
(1854/1910)



Com base nos elementos fornecidos pelo gráfico, podemos concluir que o grupo dos proprietários se destacou, sobretudo, na Câmara Municipal, Conselho Municipal, Comissão de Recenseamento e Conselho do Distrito. Os funcionários dividiram-se numericamente, pelas diversas funções, de forma muito idêntica. No que se refere aos proprietários-juizes, estes destacaram-se em diversas áreas de acção, em termos numéricos evidenciaram-se também no Conselho do Distrito, Junta de Paróquia e na Câmara Municipal.

Estes dados servem essencialmente, para reforçar a ideia de que a Sociedade Bejense, foi fundada por “jovens”, cujo perfil social, permitiu que a sua trajectória de vida fosse marcada por uma forte acção pública.

Para a correcta compreensão do papel desempenhado pelos fundadores na vida local, no período de 1854 a 1910, não podemos descorar a análise do poder económico dos pioneiros neste período. Para reforçar a importância deste indicador, acrescentamos que com o Liberalismo a capacidade tributária passou a constituir um importante instrumento de reconhecimento externo e de proeminência social(29).

As listas de maiores contribuintes referentes aos anos de 1868, 1870/71, 1876/77 e 1881, constituíram uma fonte de extrema importância, na análise dos rendimentos auferidos pelos sócios.

Procedemos primeiro à identificação dos sócios -fundadores maiores contribuintes e seguidamente, analisamos a relevância económica que os pioneiros assumiram no universo dos contribuintes. Acrescentamos que o número de sócios-fundadores presentes nestas listas e a proeminência económica dos mesmos, não se manteve similar nos diferentes anos em análise(30).

No sentido de exemplificar o que, anteriormente, foi afirmado apresentamos a tabela nº3, na qual se encontra um conjunto de elementos que nos permitem reforçar esta constante mutação.

(29)-Helder Fonseca, *O Alentejo no Século XIX-Economia e Atitudes Económicas*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1996, pág. 192

(30)-Ver quadro nº7, anexo, pág. 396

TABELA N°3

Número de sócios fundadores presentes nas listas de maiores contribuintes dos diferentes anos e a percentagem destes em relação ao total de contribuintes

ANO	NÚMERO DE SÓCIOS	%
1868	15	37,5%
1870	14	35%
1871	14	35%
1876	12	30%
1877	12	27,5%
1881	12	27,5%

FONTE:Quadro nº7,anexo,pág.396

A partir destes dados podemos afirmar que existiu um decréscimo em termos da representatividade do número de sócios à medida que nos aproximamos do final do século XIX. A este propósito acrescentamos que em 1868, o número de sócios-fundadores presentes nas listas de maiores contribuintes era de quinze, enquanto que no ano de 1881, passou para doze.

Esta diminuição do número de indivíduos à medida que nos afastamos da data da fundação da sociedade, pode ser considerada uma consequência das transformações que se verificaram, neste longo período de tempo, em termos da trajectória de vida destes indivíduos.

Relativamente ao montante da quota de contribuição paga por cada um dos contribuintes(31), cumpre referir que os sócios fundadores pagavam os valores mais elevados, nomeadamente, acima dos quatrocentos mil réis.

Nas classes de valores menos elevadas, que se situam entre os cem e os trezentos mil réis, os restantes contribuintes que não eram fundadores ultrapassavam grandemente, os pioneiros.

Podemos acrescentar que apesar de alguns contribuintes não fundadores pagarem quotas de contribuição cujos valores medeiam entre os trezentos e quatrocentos mil réis, estes não ultrapassaram em nenhum dos anos, o quantitativo pago pelos fundadores nestas classes de valores.

(31)-Ver gráficos nº 14,15,16,17,18,19 ,anexo`pág.400/401

Salientamos o facto de os sócios fundadores ,na sua maioria ,pagarem uma quota de contribuição que se situava acima da média dos valores pagos pelos restantes contribuintes,em cada um dos anos considerados na análise,conforme verificar através da tabela nº4 .

**TABELA Nº4**

**Comparação entre a média dos valores pagos pelos maiores contribuintes não fundadores e pelos fundadores da Sociedade Bejense nos diferentes anos e correspondência dos valores em termos de classe**

Ano	Maiores contribuintes não fundadores		Maiores contribuintes fundadores	
	Média de valores	Classe de valores	Média de valores	Classe de valores
1868	135.5166	100-200	193.9364	100-200
1870	130.3204	100-200	176.9972	100-200
1871	146.7851	100-200	201.8131	200-300
1876	113.1348	100-200	156.4510	100-200
1877	109.7912	100-200	115.2219	100-200
1881	131.7955	100-200	188.9934	100-200

**FONTE:**Quadro nº7 anexo,pág.396

O facto de alguns dos pioneiros constarem nas listas dos quarenta maiores contribuintes,(entre 37,5% e 27,5%)exprime o seu elevado poder económico,sendo este um dos garantes do pendor exclusivista e do reconhecimento alcançado pela Sociedade Bejense.

A conjugação de todos os elementos presentes neste ponto do trabalho,permitem-nos considerar que os sócios -fundadores,adquiriram uma projecção social notória.Este seu destaque ficou a dever-se a um conjunto de factores ,dos quais salientamos ,a actividade ocupacional ,que na maior parte dos sócios,estava ligada à terra ,habilitação académica superior,forte acção pública.Estes dois últimos factores,acentuaram-se ao longo da tranjectória de vida seguida pelos fundadores,uma vez que se tratava de um grupo jovem em ascensão.

Com base na diversidade de elementos analisados, cumpre tecer algumas considerações finais relativamente ao perfil definido pelos pioneiros. Tratava-se de um grupo que estava, sobretudo, ligado ao sector agrícola e que se destacou também pela habilitação superior que detinha.

O aumento do número de bacharéis verificado nos anos que se seguiram à fundação da sociedade, justifica-se pelo facto de se tratar de um grupo jovem em ascensão social, para a qual também contribuiu o facto de pertencer a esta sociedade. No que se refere ao estado civil existiu uma nítida aproximação entre o número de solteiros e casados, embora estes últimos prevalecessem.

Verificámos também que os fundadores assumiram uma projecção importante em termos de acção pública, em virtude da sua participação em actividades de diversa índole, em termos locais e também nacionais. A importância económica dos pioneiros foi outro dos factores a considerar, sendo este uma das causas da sua ligação ao poder político.

## 2. Os Sócios

Consideramos importante analisar ,globalmente ,o universo dos sócios que constituíram a Sociedade Bejense. Este ponto do trabalho permite-nos conhecer, de forma genérica, o percurso seguido pelos sócios no período histórico em estudo e ao mesmo tempo integrá-los na realidade social vivida neste período histórico.

Esta perspectiva globalizante contempla os dados referentes aos sócios fundadores, membros da direcção e membros da “Sociedade do Êspeto”, uma vez que todos estes indivíduos formaram a Sociedade Bejense.

As informações disponíveis permitiram-nos caracterizar cento e vinte seis sócios, número que corresponde a 58% do total de indivíduos que constavam da relação de sócios efectuada(32).

Pretendemos, através deste ponto do trabalho, responder às seguintes questões: Os atributos que vislumbramos entre os pioneiros, na data da fundação generalizaram-se a todos os sócios no período de 1854 a 1910? Qual o perfil sociológico dos sócios recrutados? Os membros da Sociedade Bejense para além de partilharem um mesmo espaço de sociabilidade, detinham características comuns que funcionaram como elementos de coesão do grupo ?.

Importa ter presente os requisitos exigidos ,estatutariamente, para que os indivíduos possam ser admitidos como membros da Sociedade Bejense. Como já foi referido anteriormente(33), a Sociedade Bejense, distinguiu-se das restantes sociedades existentes em Beja neste período, por apresentar uma definição de sócio mais selectiva. Era exigido que os indivíduos tivessem uma decente educação e conducta e que merecessem a consideração pública(34).

Para comprovarmos se foram ou não cumpridas estas exigências, procedemos à descrição das características que marcaram o perfil dos sócios, sendo este também o ponto de partida para dar resposta às questões pertinentes formuladas anteriormente.

(32) ver lista de sócios, anexo , págs. 428/430

(33)- Ver ponto 2 do capítulo II, **Um Estatuto Elitista**, pág. 34

(34)- **Estatutos da Sociedade Bejense**, 1867, Op. Cit., pág. 6

Neste ponto do trabalho ,tal como foi feito para os sócios fundadores,reunimos um conjunto diversificado de elementos que nos permitiram traçar o perfil social destes indivíduos.

A análise de todos os elementos que contribuíram para a caracterização dos sócios,levou-nos a seleccionar os aspectos que nos pareceram mais relevantes para a definição exacta do sócio em termos sociais.

Para além dos elementos considerados para os fundadores e descritos no ponto anterior do trabalho,como seja ,a profissão,habilitação literária e acção pública destes indivíduos,explorámos ainda outros dados que nos pareceram relevantes.

Considerámos na análise as condecorações recebidas pelos sócios ,o tipo de habitações que detinham,bem como a forma como decoravam esses espaços,importante era também ,a análise da presença destes indivíduos no cemitério .Embora ,muito linearmente,explorámos o tipo de relações de parentesco existente entre os sócios.

Cumpre referir que para o estudo dos sócios fundadores não foram contemplados estes últimos elementos referidos.Foram integrados neste ponto dos sócios,por ser este o mais abrangente .

No sentido de simplificar e ao mesmo tempo ilustrar, o que foi referido textualmente ,recorremos aos elementos estatísticos ,à semelhança do que foi feito, relativamente aos fundadores.Os quadros ,gráficos e tabelas permitiram-nos também cruzar as informações e traçar com mais precisão o perfil dos sócios.

No que diz respeito aos elementos que também foram analisados no grupo de fundadores,estes permitiram-nos estabelecer comparações mais precisas

Importa referir que na caracterização dos fundadores no ano de 1854,foram analisados a idade e o estado civil,uma vez que estes elementos se referiam a uma data específica.Porém face à vastidão de anos contemplados neste ponto dos sócios,ou se de 1854/1910,não é possível controlar estes dois indicadores.

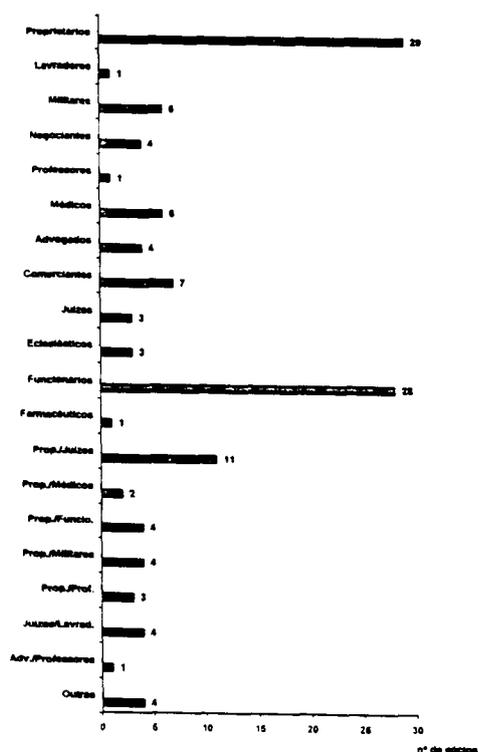
Começamos por analisar a distribuição dos sócios por categorias profissionais.neste âmbito, importa salientar o predomínio dos proprietários,funcionários e proprietários - juizes.Denotamos uma nítida aproximação entre as primeiras duas profissões,uma vez que apenas um sócio as diferencia.

No que se refere aos proprietários-juizes,é de assinalar que estes se encontram,numericamente, mais afastados dos proprietários e funcionários,seguidos do grupo de comerciantes e militares.

Realçamos que,existiu um leque mais variado em termos da ocupação dos sócios ,se tivermos presente as profissões desempenhadas pelos pioneiros na data da fundação e também posteriormente.

Registou-se um alargamento a outros sectores,comprovado através da entrada de novas categorias profissionais,como: negociantes,farmacêuticos,comerciantes e um proprietário/professor. Todavia manteve-se como similar ,o destaque assumido pelos proprietários e funcionários,embora o número de indivíduos presentes em cada uma das categorias fosse,no conjunto dos sócios,quase similar,conforme indica o gráfico nº20.

**GRÁFICO Nº20**  
**Caracterização profissional dos sócios (1854/1910)**



FONTE:Tabela nº5.anexo I.pág. 406

No entanto, a importância das três categorias profissionais que mais se destacaram, está em conformidade com a análise feita para os sócios fundadores no período que medeia entre a fundação da Sociedade Bejense e a data de implantação da República. Também os membros da direcção se distribuíram, maioritariamente, pelas categorias profissionais, anteriormente, descritas, como podemos comprovar através da análise do ponto seguinte.

No sentido de especificar a análise relativa à profissão dos sócios cumpre efectuar uma breve referência aos grupos predominantes. No que se refere aos proprietários, verificámos através das fontes consultadas, nomeadamente o **Jornal O Bejense** e os cadernos de recenseamento eleitoral, que grande parte destes indivíduos auferiram de consideráveis rendimentos. Estes eram proprietários de herdades, prédios, quintas, entre outros bens de raiz, alguns dos sócios viviam mesmo nas quintas e possuíam na cidade uma segunda habitação. Salientamos a título exemplificativo o caso de Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes que detinha inúmeras propriedades e cerca de noventa prédios na aldeia do Penedo Gordo. É de assinalar que estes bens foram, posteriormente, doados pelo proprietário aos respectivos enfiteutas e moradores(35).

No grupo dos funcionários estavam integradas diversas funções relacionadas com os serviços públicos, nomeadamente: escrivão de Direito, empregado do Governo Civil, tabelião, delegado do montesouro, oficial da repartição do fazendas do distrito, administrador do correio, entre outras funções.

O destaque assumido pelos proprietários e funcionários, constituiu um aspecto comum nas diferentes categorias de sócios, podemos contudo adiantar que, esta preponderância se assumiu como uma realidade frequente nesta época.

Com o objectivo de reforçar esta ideia, salientamos que em França os espaços de sociabilidade reservados, designados por “cercles”, reuniam sócios das classes mais elevadas e da mesma profissão: “fonctionnaires et principaux propriétaires c’est que les conditions d’admission sont strictes et les cotisations très élevées”(36).

(35)-**Guia de Beja**, 1950. Op. Cit., pág. 173

(36)G. Chaussinand-Nogaret, J.M., Constant, C. Durandin, A. Jouanha. **Histoire des Élités en France-du Séc. XVI au XX siècle**. Paris. Éditions Tallandier. 1991, pág. 313

Desta forma acrescenta-se que o carácter selectivo do recrutamento radica na preponderância assumida por estas profissões.

No caso de Espanha salienta-se, também no período histórico em estudo, a grande representatividade dos proprietários, facto que contribuiu para a especificidade dos círculos em termos profissionais, esta situação constituiu um aspecto comum a estes espaços de sociabilidade.

Destacou-se em Sevilha *O Real Círculo de Labradores y Proprietarios* constituído na sua origem, por grandes proprietários terratenentes e tornando-se num modelo a seguir pelas associações similares(37).

É notória a dominação absoluta das actividades agrícolas, no caso de Espanha esta preponderância ficou a dever-se à “*décadence mercantile sévilhane due à anéantissement du commerce*”(38).

Com base nesta análise podemos considerar que o nosso País e neste caso específico o Alentejo acompanhou a moda em voga na Europa, no que se refere ao movimento dos “clubs”(39). Estes espaços de sociabilidade reflectiram também as características da época em termos de grupos sociais predominantes nos círculos ou clubes, como eram vulgarmente denominados.

Os dados relativos a alguns destes espaços selectivos de convívio de regiões diferenciadas, como seja o caso específico do Círculo Eborense, o Círculo Montemorense e a Sociedade Círculo Mourense, permitem-nos encontrar aspectos similares em termos das principais actividades ocupacionais dos sócios, que são também concordantes com a realidade vivida na Sociedade Bejense.

No que se refere ao Círculo Eborense, no universo dos sócios registou-se uma predominância das actividades ocupacionais de proprietários, militares e funcionários, no período histórico que medeia entre 1836 e 1910 (40).

(37)-António Miguel Bernal, Jacques Lacroix, *Melanges de la Casa de Velazquez*, Paris, Éditions E. Boccard, 1975, pág. 487

(38)-António Miguel Bernal, Jacques Lacroix, 1975, Op. Cit., pág. 487

(39)-Helder Fonseca, *Economia e Atitudes Económicas no Alentejo Oitocentista*, Évora, Universidade de Évora, 1992, pág. 370

(40)-Maria Ana Bernardo, *Sociabilidades e Práticas de Distinção em Évora na Segunda Metade do Século XIX-O Círculo Eborense*, Évora, Universidade de Évora, 1992, pág. 172

Noutro dos estudos consultados foi feita a análise do Círculo Montemorense ,no qual,em termos profissionais, se concluiu que dos trinta e oito sócios que se matricularam em Dezembro de 1890 ,vinte cinco estavam ligados ao ramo agrícola,o que corresponde a 66%,sendo maioritariamente “lavradores e proprietários”(41).

A Sociedade “ Círculo Mourense” exprime uma realidade muito semelhante às restantes associações anteriormente referidas e muito particularmente à Sociedade Bejense ,uma vez que os grupos profissionais predominantes eram constituídos pelos proprietários e pelos funcionários (42).

Em todos estes espaços de sociabilidade ,bem como na Sociedade Bejense,é de notar a importância da classe terratenente ,facto que se enquadra num contexto próprio da sociedade alentejana do final do Antigo Regime e de Oitocentos,na qual “ a propriedade e a exploração da terra são considerados como principais critérios da hierarquização” (43).

Na sociedade em estudo,constatámos que a classe terratenente assumiu uma representatividade significativa ,facto que se traduziu numa percentagem de 58%,no que se refere às profissões jurídicas,estas representaram 22 % do total de membros da Sociedade Bejense.

A caracterização profissional dos sócios constitui um elemento de homogeneidade das diversas sociedades e ao promover a confluência de interesses e atitudes similares,permite também diferenciá-las relativamente às demais sociedades .

Na obra de José Cutileiro ,quando o autor descreve as sociedades recreativas existentes em Vila Nova ,salienta-se que ,entre estas, existem nítidas diferenças resultantes da estratificação social existente.

(41) -Maria da Conceição de Carvalho Reis Malta,“O Associativismo Recreativo e Cultural Oitocentista -Análise do Círculo Montemorense(1891) “ in *Almansor -Revista de Cultura* ,nº11,Câmara Municipal de Montemor-O-Novo 1993,pág.272

(42) -Informações concedidas por Carla Trindade ,cuja tese de mestrado “Elites e Eleições no Concelho de Moura -1860-1910”,se encontra em fase de conclusão.

(43) -Helder Adegar Fonseca “Sociedade e Elites Alentejanas no Século XIX” in *Economia e Sociologia* ,nº45,46,Évora, 1988,pág 65

O autor refere que “ao Clube pertencem os latifundiários ,os membros das profissões liberais ,os altos funcionários públicos e,desde data recente, ,alguns comerciantes mais endinheirados ;a Artística é frequentada por artífices de boa posição ,lojistas ,pequenos funcionários e proprietários ao passo que o Atlético se destina sobretudo aos trabalhadores rurais e operários industriais”(44).

Estes dados comparativos permitem-nos integrar a Sociedade Bejense num contexto mais alargado com características similares,na verdade,os espaços de sociabilidade, sucintamente descritos refletem uma mesma realidade sociológica .São espaços de interligação de terratenentes ,altos funcionários locais e membros das profissões liberais com ligações ao mundo agrícola.

Neste contexto,que foi traçado relativamente aos “clubes”,salientamos que apesar de existirem em Beja três espaços de sociabilidade diferenciados da Sociedade Bejense,no que se refere a dois desses espaços,a escassez de fontes impossibilitou o estudo de um conjunto de aspectos relevantes ,nomeadamente a caracterização dos seus membros .

Conseguimos apenas elementos relativos à Sociedade Artística Bejense, fundada em 1893,que resultou da dissolução da Sociedade Filarmónica,instituída em 1860,embora desde 1825 que Beja detivesse uma filarmónica(45).

As informações disponíveis permitiram-nos proceder à inventariação das diversas profissões dos sócios,no período que medeia entre 1894 e 1910,tendo desta forma uma abrangência que se enquadra,embora não totalmente, na delimitação temporal do estudo feito para a Sociedade Bejense.

Salientamos que, num total de cento e quarenta e nove sócios identificados em termos de actividades ocupacionais ,registou-se uma preponderância dos proprietários,que representando estes 28%,os funcionários públicos detiveram uma representatividade de 15% e os comerciantes assumiram uma percentagem de 13%(46).

(44)-José Cutileiro,**Ricos e Pobres no Alentejo**,Lisboa,Sá da Costa,1977,pág.122

(45)Jornal O Bejense nº293,4 de agosto de 1860,pág.3.

(46)-Livro nº2 de Matrícula de Sócios da Sociedade Artística Bejense (1887/1930),Arquivo da Sociedade Recreativa Artística Bejense

Apesar destes valores se aproximarem dos dados referentes à profissão dos membros da Sociedade Bejense, existiam algumas diferenças em termos de estrutura social que caracteriza estes dois espaços de sociabilidade.

Salientamos que nesta sociedade, ao contrário do que acontecia na Sociedade Bejense, os sócios distribuíram-se por profissões que não lhe conferiam a superioridade social que distinguia os membros da Sociedade Bejense, facto que contribuiu, simultaneamente, para imprimir à sociedade um carácter selectivo.

Para reforçar a ideia de que a Sociedade Artística Bejense, era sociologicamente mais aberta, acrescentamos que cerca de 20% dos membros desta sociedade exerceram profissões de ferreiros, doceiros, alfaiates, barbeiros, ferradores e carpinteiros.

A diferenciação entre os dois tipos de associações não se limita, obviamente, às diferentes categorias profissionais, mas integra um conjunto diversificado de aspectos, dos quais fazem parte os objectivos, critérios de recrutamento e categorização dos sócios, bem como as actividades implementadas(47).

A habilitação literária constituiu também um indicador importante na caracterização sociológica dos membros que fazem parte da Sociedade Bejense.

Antes de analisar os dados referentes à habilitação literária dos sócios, na sua globalidade, importa descrever, sucintamente, a situação de Portugal em termos de instrução no período em estudo.

No contexto do liberalismo português manifestou-se uma crescente afirmação da instrução, salientamos que foi concedida especial importância ao ensino primário, (48), no entanto estes esforços foram insuficientes para ultrapassar as elevadas taxas de analfabetismo.

(47) Ver ponto -Um Estatuto Elitista

(48) -Jornal O Bejense.n.º53, de 28 de Dezembro de 1861, pág.1

Apesar de ter aumentado a taxa de escolaridade dos jovens, no final do século XIX, no nosso país, mais de 75% da população não sabia “ler, escrever e contar”. É importante salientar que o Alentejo registava uma taxa de escolarização inferior em 40% a 50% à média do país, em 1892, facto que ficou a dever-se à precária rede escolar (49).

Num artigo do jornal **O Bejense**, foi feita referência ao estado de ignorância vivido na província do Alentejo, “Aulas, escolas, lyceus, bibliothecas, theatros... tudo falta, de tudo carece esta mísera província”(50).

A importância da instrução como factor de progresso foi uma das prioridades também referenciadas no jornal **O Bejense**: “Derramem-se os conhecimentos por toda a gente porque Beja perderá alguma inacção que tem e marchará a par das outras cidades, na civilização, nas artes e finalmente em tudo”(51).

No sentido de contextualizar a realidade expressa no parágrafo anterior, apresentamos uma breve síntese da situação vivida no Alentejo, nomeadamente no distrito de Beja, em termos de instrução no período em estudo. Importa, contudo, ter presente algumas reservas, relativamente, à qualidade das estatísticas da época.

Apesar de se registarem elevados índices de analfabetismo em todo o País, acrescentamos, porém, que entre os anos de 1878 e 1910, a região Alentejo apresenta taxas de analfabetismo superiores aos valores que se registam em Portugal.

A título exemplificativo, acrescentamos que em 1878 a taxa de analfabetismo em Portugal era de 82%, no Alentejo esse valor aumentou 1,6%, no ano de 1890 era de 79% e no Alentejo o aumento foi de 3,1%. Em 1900 registou-se no nosso País uma taxa de 78%, com um acréscimo de 2,7% para a região do Alentejo, em 1910 aos valores de 75% a nível nacional, correspondeu um aumento de 3,6%(52).

(49)- Helder Fonseca, “Sociedade e Elites Alentejanas no Século XIX” in *Economia E Sociologia*, nº45,46, Évora, 1988, pág.73

(50)- Jornal **O Bejense**, nº 53, de 28 de Dezembro de 1861, pág.1

(51)- Jornal **O Bejense**, nº53, de 28 de Dezembro de 1861, pág.1

(52)- Fernando Luís Gameiro, *Ensino e Educação no Alentejo Oitocentista*, Universidade Nova de Lisboa, 1995, pág.5

Os factores que justificam o elevado nível de analfabetismo verificado em todo o País,têm a ver com os obstáculos ao progresso e propagação do ensino primário.Estes factores foram ,essencialmente três :insuficiência do número de professores,diminuição do número de escolas públicas e pouca afluência de alunos(53).

Apesar dos esforços para aumentar as taxas de alfabetização ,nomeadamente na segunda metade do século XIX,com a expansão da rede escolar(1862/1900).Verificou-se que o aumento significativo do número de escolas não correspondeu a uma evolução das taxas de alfabetização(54).

No que diz respeito ao distrito de Beja ,o número de escolas públicas destinadas ao ensino elementar no período que medeia entre 1843 e 1899,mostra-se superior ao número de escolas existentes no distrito de Évora e nos anos de 1843 e 1884,ultrapassou a média nacional.(55)

Relativamente ao corpo docente ,principais protagonistas do ensino ,importa diferenciar a presença de professores do sexo masculino e feminino no distrito de Beja entre 1883 e 1886.

O número de professoras vitalícias ,que desempenhavam a sua função no distrito era superior aos números apresentados nos restantes distritos que integram a província do Alentejo,à excepção do biénio de 1884/85 (56).

No que concerne ao número de professores estes, no distrito em estudo tiveram menor representatividade do que em Évora e Portalegre,no entanto, apenas no biénio de 1884/85 o número de professores do distrito foi superior aos valores apresentados no distrito de Évora(57).

(53)Fernando Luís Gameiro,1995,Op.Cit.,pág.9

(54)Fernando Luís Gameiro,1995,Op.Cit.,pág.9

(55)Fernando Luís Gameiro,1995,Op.Cit.,pág.20

(56)Fernando Luís Gameiro,1995,Op.Cit.,pág.52

(57)-Fernando Luis Gameiro,1995,Op.Cit.,pág.52

Se considerarmos o número de alunos matriculados por mil habitantes, no ano de 1884, verificamos que, no distrito de Beja, estes valores eram de 46,2 no caso dos homens e 38,3 no que se refere às mulheres. Estes valores foram superiores aos que se registaram em Évora e Portalegre(58).

Apesar do destaque assumido pelo distrito de Beja, em termos de instrução, verificámos que o crescimento não foi suficiente para atenuar o fosso entre o distrito de Beja e os restantes distritos do Alentejo.

Se avaliarmos os níveis de alfabetização registados no distrito de Beja, verificamos que existiu um aumento significativo 1878 e 1911, no entanto estes valores eram inferiores aos de Évora e Portalegre, bem como à média nacional.

No sentido de reforçar o que foi proferido no parágrafo anterior, acrescentamos que a taxa de escolarização, registada no distrito de Beja no biênio de 1863/64, ou seja 9,1%, também foi inferior à que se verificou nos distritos de Portalegre e Évora.

Após esta breve contextualização, cumpre acrescentar os dados relativos à habilitação literária dos membros da Sociedade Bejense.

Os dados referentes à habilitação dos sócios provém, essencialmente, dos cadernos de recenseamento eleitoral e do jornal **O Bejense**, no entanto é de salientar o elevado número de sócios, aos quais não foi possível identificar a habilitação literária (61%), em virtude da ausência de referências a este indicador nas fontes consultadas.

Registou-se uma predominância do número de bacharéis, o que correspondeu a 30% do total de sócios, no entanto, se a percentagem for feita tendo por base unicamente o número de sócios, cuja habilitação literária foi identificada, a representatividade dos sócios com curso superior atinge os 77%.

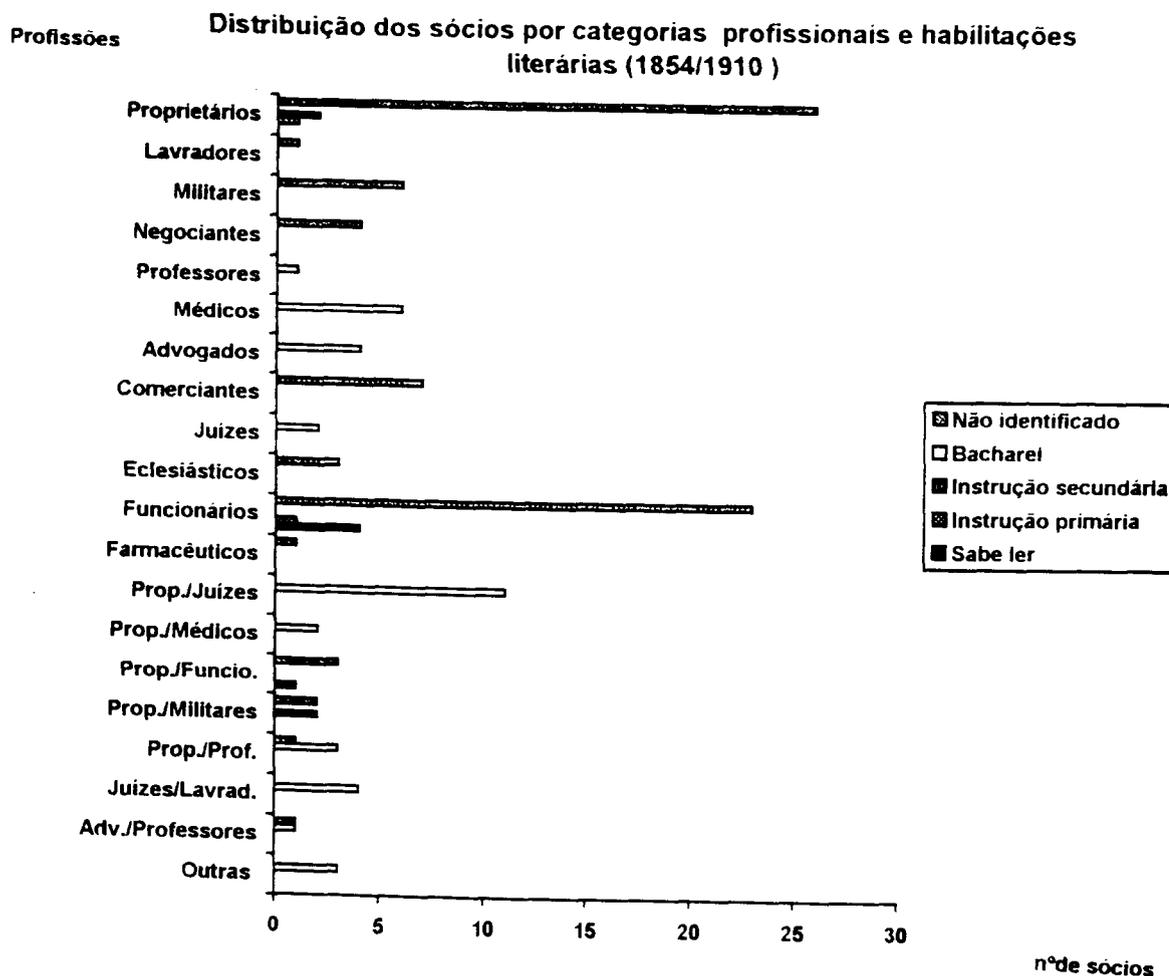
Os restantes sócios assumiram uma representatividade muito diminuta nas categorias restantes, desta forma acrescentamos que 4% sabiam ler, 3% detinham a instrução secundária e apenas 2% frequentaram a instrução primária.

(58) Fernando Luis Gameiro, 1995, Op. Cit., pág. 111

Ao efectuarmos o cruzamento das variáveis habilitação literaria e categoria profissional, é de salientar que os bachareis que se distribuíram pelas profissões relacionadas com o Direito, ensino e saúde. Consideramos importante referir que num total de trinta e sete bachareis, vinte e um exerceram simultaneamente a actividade de proprietários, o que corresponde a uma percentagem de 57% dos bachareis. No que diz respeito aos restantes graus de habilitação, encontramos apenas dois proprietários com ensino secundário e apenas um frequentou o ensino primário.

Quanto aos sócios que apenas sabiam ler, acrescentamos que quatro eram funcionários e um era proprietário/funcionário, registou-se ainda um funcionário com instrução primária. É de salientar que dois dos proprietários -militares frequentaram o ensino secundário( gráfico nº21).

GRÁFICO Nº21



FONTE: Tabela nº5, anexo pag 406

A partir dos dados disponíveis, sistematizamos as diversas actividades implementadas pelos membros da Sociedade Bejense em seis categorias diferenciadas, ou seja, actividades de beneficência e caridade, culturais, participação em instituições que promovem os interesses materiais e o desenvolvimento económico, ensino, actividades de recreação e outras.

Importa referir que a grande maioria dos socios desenvolveu, simultaneamente, várias actividades, facto que se ficou a dever ao dinamismo destes indivíduos e que ao mesmo tempo, reflectiu e reforçou a sua imagem em termos sociais.

As actividades de beneficência assumiram grande preponderância no âmbito das diversas actividades consideradas na análise, facto que se enquadra, perfeitamente, na realidade da época.

Os grupos considerados de estatuto económico superior “compreenderam que só lhes respeitariam as fortunas se se esmerassem em passar por membros úteis da sociedade e assim o demonstravam as filantrópicas filiações e os serviços civicos da maioria deles”(59). Foi nos possível concluir a partir da análise do periódico local, que estes princípios de solidariedade foram também seguidos pelos membros da Sociedade Bejense.

As instituições de beneficência como a Casa Pia, Santa Casa da Misericórdia e Hospital Civil, Associação dos Bombeiros Voluntários, resultaram da acção de muitos socios da Sociedade Bejense(60), que desempenharam funções importantes em termos da administração destas instituições.

Em muitos casos constituíram os principais promotores destas instituições, o que era um meio de afirmar a sua preponderância, caso esta não fosse ainda notória, e se esse prestígio já existisse seria, desta forma, reforçado. A sua acção funcionava também como uma segurança para a própria instituição, conferindo-lhe estabilidade económica e credibilizando-a em termos sociais.

Outra das vertentes que exprimem o carácter filantrópico dos membros da Sociedade Bejense foi a participação em subscrições que, geralmente, vinham publicadas na imprensa como atestados de civismo.

(59)-Rui Reis, “O Estado e o Patriotismo” in **História de Portugal**, Vol. VI, Círculo de Leitores, 1994, pág. 72

(60)-Ver quadro nº1, anexo, pag. 387

No periódico local , **O Bejense**, foram publicadas inúmeras listas de subscritores que participavam em comissões realizadas para solucionar problemas a nível internacional ,nacional e também de âmbito local.

Com o objectivo de clarificar esta análise, acrescentamos alguns testemunhos de solidariedade que por terem sido publicados,conferiram aos membros que participaram um reconhecimento social acrescido.

As listas que continham a relação dos participantes, e também o contributo monetário auferido, das diversas notícias publicadas seleccionámos dois problemas de âmbito internacional que contaram com o auxílio de muitos habitantes da cidade de Beja, nomeadamente dos membros da Sociedade Bejense.Destacamos os donativos efectuados para ajudar os feridos da guerra franco-alemã (61)e também a subscrição feita em favor das vitimas dos terremotos em Andaluzia(62).

Para além dos contributos monetários ,também era comum oferecerem donativos de diversa índole ,os quais eram enumerados no periódico local ,salientamos uma das ofertas,feita por um dos membros da Sociedade Bejense, José Cláudio de Andrade,destinada à Casa Pia a qual constou de tecidos para as roupas dos alunos.

Esta iniciativa foi ,como muitas outras,destacada na imprensa,facto que funcionava como meio de reconhecimento social perante as acções desenvolvidas,desta forma foi noticiado que “actos de beneficência como este serão sempre mencionados nas columnas d’este jornal com a maior satisfação ”(63).

Os membros da Sociedade Bejense contribuíram também ,monetariamente,para ajudar a realização de algumas festas religiosas e para fins culturais como seja a subscrição para o teatro Baquet no Porto(64).

Salientamos outras iniciativas ,a título individual ,que mereceram também destaque na imprensa ,estas acções não se limitaram às instituições de caridade ,acrescentamos que um dos membros da Sociedade Bejense,Miguel de Oliveira Fernandes ,ofereceu cem contos à Caixa Agrícola para emprestar aos agricultores mais necessitados.

(61)-Jornal **O Bejense** ,nº 601,de 6 de Julho de 1872,pág.2

(62)-Jornal **O Bejense**,nº1257,de 31 de Janeiro de 1885,pág.1

(63)-Jornal **O Bejense** ,nº407,10 de Outubro de 1868,pág.2

(64)-Jornal **O Bejense**,nº1425,de 21 de Abril de 1888,pág.3

Outros contributos fizeram sentir-se aquando da ocorrência de catástrofes que exigiam avultados capitais para a sua resolução,eram também comuns as ofertas feitas para auxiliar o hospital da cidade,o qual deve a sua implantação a sócios da Sociedade Bejense.Nesta instituição foi de notar que um dos sócios da Sociedade Bejense António Anacleto Paes ,deu como esmola para o hospital o seu ordenado como cirurgião interino ,correspondente aos meses de Fevereiro e Março.

Podemos acrescentar mais alguns exemplos significativos que nos permitem completar a análise desta vertente solidária dos membros da Sociedade Bejense,embora muitos outros casos fiquem por descrever.

Referimos ,ainda ,algumas iniciativas individuais feitas por membros da sociedade em estudo,salientamos que ,Francisco de Paula Vilasboas,fundou a Casa Pia ,também Bernardo António Poças da Mata se destacou como fundador de uma creche.Deve-se a Mariano Joaquim de Sousa Feio a criação do albergue designado de D.Mariana,em homenagem a sua mãe,D.Mariana Teresa Ribeiro de Sousa(65)e que Manuel Gerardo de Castro Ribeiro impulsionou a fundação da Associação dos Bombeiros Voluntários.

Encontrámos também referência a uma comissão dos expostos e a uma associação distrital de beneficência, a qual contou com a presença de membros da Sociedade Bejense na sua direcção,estes implementaram também uma associação humanitária, que desenvolveu iniciativas várias,nomeadamente a formação de um bazar para recolha de auxílios.

Consideramos importante referir que a relação de subscritores que participaram num determinado acto de beneficência era sempre acompanhada no jornal **O Bejense**,pelo valor da quantia oferecida para que pudesse ser valorizado o tipo de contributo e reconhecido publicamente.

(65)-Guia de Beja,1950,Op.Cit.,pág.178

Desta forma, no início da lista ,encontravam-se os indivíduos que em virtude do seu significativo poder económico ,ofereciam os donativos mais elevados,salientamos o caso de dois sócios maiores contribuintes ,Mariano Joaquim de Sousa Feio e Manuel Eleutério de Castro Ribeiro,que se destacaram relativamente aos restantes subscritores ,pela importância avultada das suas ofertas(66).

Para além da participação dos sócios nestas subscrições ,cumprе acrescentar que no espaço da Sociedade Bejense foram realizadas actividades com objectivos de beneficência ,nomeadamente os designados bailes de caridade ,um dos quais foi organizado pela subcomissão de socorros aos inundados ,à qual pertenciam muitos membros da sociedade em estudo como membros da direcção(67).

Podemos concluir que estas acções de solidariedade refletiram uma hierarquia de prestígio e de riqueza ,a participação dos indivíduos nestes eventos de carácter filantrópico constituía um factor de distinção social.A imprensa assumiu também um papel importante no sentido de projectar a imagem dos subscritores ,promovendo desta forma o reconhecimento social face a estes actos .

Estes gestos de generosidade eram recompensados de forma notória e distinta ,a título exemplificativo referimos que Manuel Duarte Laranja Gomes Palma recebeu a medalha de prata por mérito de filantropia e generosidade no ano de 1881.

Em termos numéricos podemos acrescentar que cinquenta e seis sócios desenvolveram actividades de beneficência ,seguidamente destacam-se as actividades de carácter cultural e económico e com uma menor adesão por parte dos membros da Sociedade Bejense,encontramos as actividades recreativas,de ensino e outras,conforme indica o gráfico nº22 apresentado de seguida.

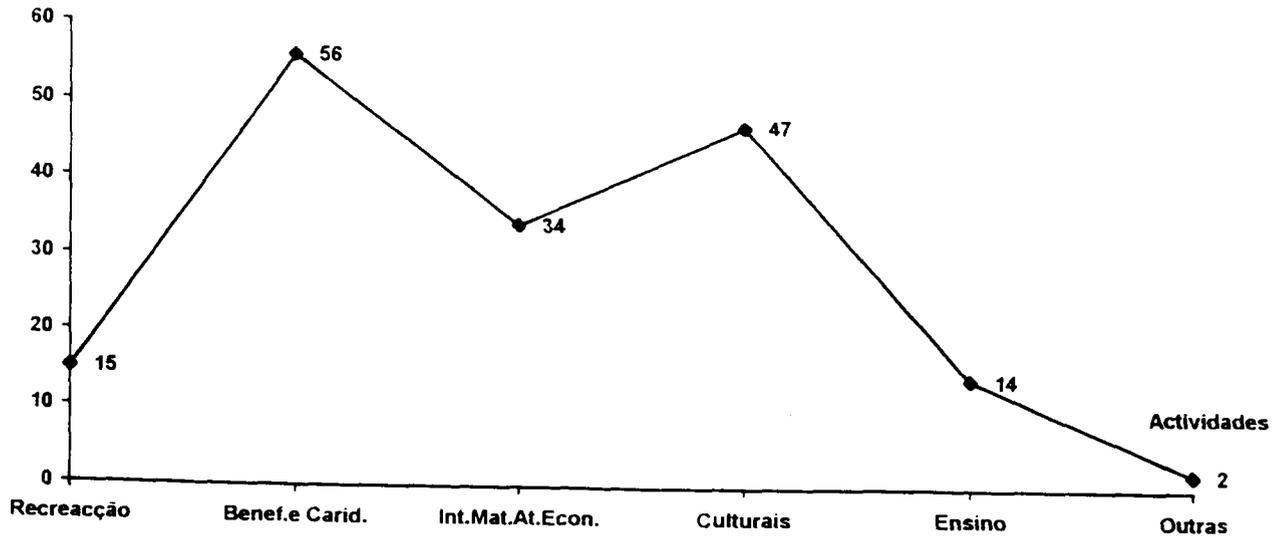
(66)-Jornal **O Bejense**,nº 549,de 8 de Julho de 1871,pág.1

(67)-Jornal **O Bejense**,nº836,de 6 de Janeiro de 1877,pág.2

GRÁFICO Nº22

Nº de socios

Distribuição dos sócios por actividades (1854/1910)



LEGENDA: Benef. E Carid.-actividades de beneficência e caridade

Int. Mat. At. Econ.-actividades que promovem interesses materiais e atitudes economicas

FONTE: Tabela nº 5. anexo .pág. 406.

As actividades culturais abarcam ,pela abrangência do termo ,um conjunto de manifestações diversas,uma vez que a cultura não se encontra apenas no teatro e na música ,está nas associações recreativas ,profissionais ,políticas ,nas bibliotecas ,nos cafés, divulga-se pelo livro ,pelo jornal ,pela revista (68).

Com o objectivo de delimitar a investigação em campos de análise específicos.efectuamos a subdivisão das actividades em recreativas ,ensino e actividades culturais ,pelo que as primeiras embora façam parte das actividades culturais ,foram analisadas separadamente.

Entre os membros da Sociedade Bejense cultivou-se bastante o gosto pelo teatro,participaram em diversas associações relacionadas com a implantação do teatro na cidade .Desta forma fizeram parte da Associação Construtora do Teatro,da Sociedade Exploradora do Teatro Provisório,posteriormente da Sociedade Teatral Bejense e Sociedade Dramática .

(68)-Luis Reis Torgal ,Isabel Nobre Vargas .Produção e Reprodução Cultural em História de Portugal ,Vol.V.Circulo de Leitores.1993.pag.696

Podemos concluir que a nobre missão de conceder à cidade o tão desejado teatro, ficou a dever-se a um grupo de indivíduos activos e economicamente favorecidos que, embora auxiliados pelo poder local, disponibilizaram recursos para a concretização do projecto.

O teatro era conotado como um espectáculo que “proporcionará aos homens abastados um bom recreio para passarem o tempo com prazer”(69), os membros da Sociedade englobavam-se neste público distinto que impulsionou e frequentou os espectáculos teatrais.

A participação de alguns membros da Sociedade Bejense no periódico local, foi também considerada uma actividade de carácter cultural de extrema importância, quer pelo facto da imprensa ser considerada um dos factores de cultura urbana, quer por permitirem uma maior projecção da Sociedade Bejense.

Os sócios assumiram funções muito díspares no jornal **O Bejense**, desempenharam o cargo de directores Manuel Eleutério de Castro Ribeiro, José Augusto Guerreiro de Aboim, João Benardo Neto Doria. Como redatores destacaram-se Joaquim Baptista Ribeiro e Francisco Ferreira Nobre de Carvalho, José Umbelino Palma, este último também foi director.

Como colaboradores do jornal salientaram-se José Maria Ganso de Almeida e Manuel da Mata Janeiro e como tesoureiro António Maurício de Vargas. Este número significativo de sócios com funções importantes, no único periódico da cidade, constituía um factor que prestigiava esta associação e ao mesmo tempo garantia a divulgação de notícias referentes a esta distinta sociedade.

Relativamente às acções de carácter cultural destacamos ainda o facto de um dos sócios, Francisco de Sousa Feio, pertencer à Sociedade Geográfica, e também de se encontrar entre os membros da Sociedade Bejense, um sócio da Assembleia de Arqueólogos Portugueses que assumiu, simultaneamente, a função de vogal do extinto Conselho Superior de Belas -Artes.

(69)-Jornal **O Bejense**, n.º18, de 31 de Julho de 1860, pág.1

Este indivíduo ,Diogo Francisco Pereira de Castro e Brito ,escreveu duas obras de carácter etnográfico(70)e salientou-se ainda por ter implementado o restauro da igreja da Sé ,facto que mereceu a condecoração pelo Papa Pio XII e impulsionou também a criação do museu arqueológico na cidade.

Em termos da participação dos sócios nas instituições de promoção dos seus interesses materiais e também do desenvolvimento económico, importa fazer referência ao papel que assumiram em diversas instituições de carácter económico ,como seja o Celeiro Comum,o Banco Rural,o Monte Pio.

Começamos por referir que o Celeiro Comum era também conhecido como Monte Pio dos Lavradores e foi convertido em Banco Rural.Este tinha como objectivo “prestar auxílio a todo o género de Lavradores ,emprestando-lhes dinheiro para costear as despesas da cultura ...se as forças do Banco o permittirem ,ou se elle chegar a augmentar-se em recursos e credito,poderá tambem estender o seu beneficio a outras pessoas ,seja qual fôr o seu genero de vida;assim como entrar em operações de outra ordem”(71).

Todas estas instituições foram implementadas graças à acção de alguns dos membros da Sociedade Bejense,que se empenharam no negócio do dinheiro.O dinamismo económico implementado justifica a criação de modernas instituições intermediárias do dinheiro e difusoras dos meios de pagamento.

Saliente-se,também,a existência de um Celeiro Comum na vila de Serpa e posteriormente, a criação de um Banco Rural que contou com o sócio Francisco de Paula e Costa como director efectivo,no ano de 1896.

As vantagens destes bancos para o Alentejo eram também difundidas na imprensa, saliente-se que estas instituições ,quando orientadas para o crédito fundiário e agrícola, respondiam às solicitações dos agricultores “...do que mais e principalmente carecem é de capitais para a compra de instrumentos agrícolas aperfeiçoados...”(72).

(70)-As obras escritas foram:A **Doçaria de Beja na Tradição Provincial** e uma outra obra da qual não conhecemos o título ,mas que podemos acrescentar que,diz respeito a uma importante personalidade histórica da cidade de Beja-Diogo de Oliveira Fernandes

(71)-José Silvestre Ribeiro,1845.Op.Cit.,pág.79

(72)-Helder Fonseca ,1996,Op.Cit.,pág.71

É de notar que, em virtude da predominância do número de proprietários na Sociedade Bejense, muitos sócios participaram em comissões relacionadas com o sector agrícola, nomeadamente a Comissão Promotora de Vinhos e Azeites do Distrito, a Comissão de Agricultura-Liga Agrária, a Comissão Vinícola do Distrito.

Salientamos que a Comissão de Agricultura, na data de 1888, contou com o Conde de Ficalho, como presidente, como secretários e na comissão para discutir os estatutos encontravam-se alguns sócios da Sociedade Bejense.

A participação dos sócios nestas comissões denota o seu empenho e dinamismo no sector agrícola, desta forma não se limitam a utilizar as práticas rotineiras e atrasadas. Salientamos a acção dinâmica de Joaquim Filipe Fernandes, que se destacou em 1893, por ter sido o primeiro a utilizar os adubos químicos.

Acrescentamos ainda a acção de Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes que, a partir dos dados que detemos, nos permite avançar com a hipótese de se tratar do filho de Joaquim Filipe Fernandes.

O seu contributo foi extremamente valioso, uma vez que se dedicou a sistemáticos estudos da terra e a experiências com produtos químicos. Conseguiu obter uma fórmula de adubo para as terras de barro, que teve bastante sucesso em termos de utilização. Destacou-se também pelas conferências que efectuou na Associação Central de Agricultura Portuguesa(73).

Para acentuar a importância dos membros da sociedade em estudo, em termos da promoção do desenvolvimento económico, consideramos importante referir que um destes indivíduos, António Rodrigues da Costa, fundou a Associação Comercial.

Muitos sócios desempenharam também a função de júris comerciais efectivos e substitutos, no campo da acção privada é ainda de salientar o facto de José Cândido de Castro e Sousa ter assumido a função de agente do Banco de Portugal no distrito.

(73)-Guia de Beja, 1950, Op. Cit., pág. 174, 175

No que se refere às actividades de recreação, consideramos neste indicador a participação dos sócios da Sociedade Bejense noutras associações deste mesmo âmbito. Salientamos que apenas quinze membros se associaram a outras instituições de cariz recreativo, de entre as quais referimos a Sociedade Filarmónica, o Clube Artístico Bejense, a Sociedade Recreativa Artística Bejense, a Sociedade Recreativa de Serpa e a Sociedade “Círculo Mourense”.

No que se refere às actividades que visaram desenvolver o ensino, é de realçar que foram catorze os sócios que se destacaram neste âmbito, apesar de apenas dois dos cento e vinte cinco membros identificados desempenharem a função de professores.

Este facto justifica-se, certamente, pelo significativo número de bacharéis, sendo esta uma condição que credibilizava estes indivíduos para assumirem funções de responsabilidade no ensino e noutras áreas.

Em termos de actividades relacionadas com o ensino é de destacar a participação dos sócios na junta escolar e também o desempenho do cargo de júris de exames de diversos graus de ensino.

Procedemos, seguidamente, à identificação dos vários protagonistas que se destacaram na política e administração local e nacional e à descrição das funções desempenhadas pelos membros que se evidenciaram neste âmbito.

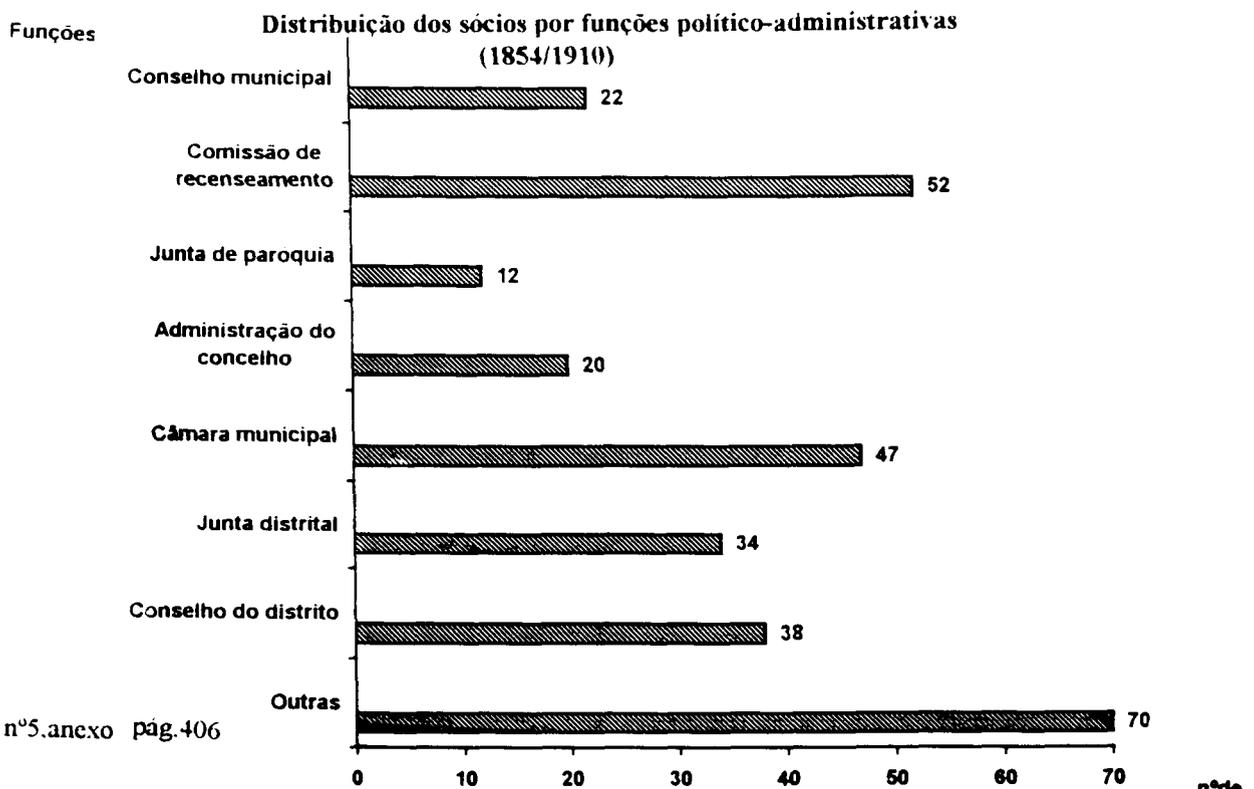
As informações disponíveis, levam-nos a concluir que existia uma multiplicidade de funções, as quais nos permitiam conhecer a hierarquização social vigente, através do perfil dos membros que ocupavam esses cargos.

Neste sentido importa acrescentar que o liberalismo introduziu como inovação relativamente ao Antigo Regime, uma administração local centralista e hierarquizada, que visava, desta forma, o controlo efectivo do território nacional (74).

No que concerne às actividades político-administrativas desenvolvidos pelos membros da Sociedade Bejense, salientamos que grande parte dos sócios exerceu mais do que uma função, conforme indica o gráfico nº23, o que contribuiu para consolidar a sua projecção social.

(74)-Nuno Gonçalo Monteiro, "A Sociedade Local e os Seus Protagonistas" in *História dos Municípios e do Poder Local* (Dir. César de Oliveira), Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pág.195

GRÁFICO Nº23



NTE: Tabela nº5, anexo pág. 406

Podemos concluir que a maior dos sócios, ou seja, setenta dos cento e vinte seis sócios, implementou actividades várias que designámos por outras funções. Neste grupo integram-se, sobretudo, as actividades desenvolvidas nas assembleias eleitorais, tribunal de polícia correcional, tribunal administrativo, comissão de recrutamento e comissão de viacção.

Seguidamente, como actividades preponderantes implementadas pelos sócios, encontram-se os cargos desenvolvidos na Comissão de Recenseamento, com cinquenta e dois sócios, na Câmara Municipal encontravam-se quarenta e sete sócios. O Conselho do Distrito, Junta Distrital, Conselho Municipal, Administração do Concelho e Junta da Paróquia, contaram com um número de sócios que variava entre os trinta e oito e os doze.

O estudo dos cargos político-administrativos, desempenhados a nível local pelos membros da Sociedade Bejense, não pode ser entendido independentemente dos respectivos fundamentos sociais inerentes ao processo de recrutamento dos protagonistas.

Acrescente-se a este propósito, que o poder local se assumiu como um prolongamento de um poder social, que teve por base o poder económico, a ascendência familiar ou o prestígio das actividades profissionais. Estas eram exercidas em complementaridade com os cargos político-administrativos que eram consideradas funções electivas ou de nomeação de carácter temporário.

É de referir ainda que a sociedade local como estrutura de poder ou hierarquia de posições sociais, é composta por uma série de grupos cujos membros julgam e decidem os assuntos importantes da comunidade, bem como as questões mais amplas do Estado e da Nação(75).

Circunscrevemos a análise das funções político-administrativas desempenhadas pelos membros da Sociedade Bejense, ao estudo das exigências que estavam subjacentes ao recrutamento dos sócios para os diferentes cargos. A descrição destes requisitos tem inerente o conceito e caracterização do grupo de elite, cuja abordagem teórica foi feita no primeiro ponto do trabalho(76).

Desempenharam a função de procuradores à Junta Distrital, trinta e quatro sócios, para este cargo eram recrutados os candidatos elegíveis para deputados da nação e com residência fixa no distrito, era um órgão de importância nas matérias tributárias, orçamental e obras públicas(77).

Acrescentamos ainda que para que os cidadãos pudessem ser elegíveis era-lhes exigido que usufruissem de uma renda anual líquida no valor de quatrocentos mil réis e no caso específico da eleição para deputados esta importância poderia ser substituída pela exibição de um título ou grau académico (78).

Estas exigências eram também tidas em conta na nomeação dos indivíduos que constituíam o Conselho do Distrito, no entanto deveriam ter residência política na “capital de distrito”. Quatro vogais do Conselho do Distrito tinham assento no Governo-Civil, eram nomeados pelo rei sobre proposta da Junta Geral do Distrito(79).

(75)-C. Wright Mills. *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1981. pág.49

(76)-Ver II capítulo, pág.19 à 23

(77)-Helder Fonseca, 1988. Op. Cit., pág.95

(78)-Pedro Tavares de Almeida, 1991. Op. Cit., pág.40

(79)-Helder Fonseca, 1988. Op. Cit., pág.95

No que se refere aos sócios eleitos deputados, apenas nove desempenharam este cargo, apesar de alguns dos quais terem exercido esta função por diversos anos, embora não consecutivos.

Salientamos o caso de Mariano Joaquim de Sousa Feio que acumulou o cargo de deputado às Cortes, durante quatro anos, e também a condição de Par do Reino. Também António Guerreiro Faleiro foi deputado às Cortes, sendo esta função conotada como um dos actos mais solenes e mais importantes na vida constitucional.

Os restantes sete sócios desempenharam o cargo de deputados em representação do Círculo de Beja e, necessariamente, associaram os seus interesses a uma localidade específica.

O poder económico era um factor importante como condição de recrutamento dos sócios, o liberalismo valorizou a “condição” material em detrimento da “qualidade” (80). Para reforçar o que anteriormente foi referido, acrescentamos que cinquenta e dois sócios que constituíam a comissão de recenseamento, pertenciam necessariamente à lista de maiores contribuintes, sendo esta uma condição de recrutamento dos mesmos para estes cargos.

Para caracterizar a participação dos sócios nos cargos de poder local, importa também considerar o papel assumido na Câmara Municipal, este era um órgão importante na política e administração local, no qual participaram quarenta e sete membros da Sociedade Bejense.

No conjunto de sócios que desempenharam funções na Câmara Municipal, um número significativo, ou seja, vinte e seis sócios, assumiu o cargo de vereadores, por períodos temporais que variaram entre um e seis anos. Nesta última situação encontrava-se apenas Mariano Joaquim de Sousa Feio.

Assumiram o cargo de Presidente da Câmara, quinze sócios, embora por períodos temporais bastante curtos, como vice-presidentes encontramos apenas seis membros da Sociedade Bejense.

(80)-Helder Fonseca, 1988, Op.Cit., pág.100

Importa ainda acrescentar que os sócios também implementaram actividades no Governo -Civil do Distrito,nomeadamente secretários e também Governadores-Civis, é de salientar que dez membros da Sociedade Bejense desempenharam esta importante função,facto que aliado aos cargos, anteriormente,referenciados ,nos permite avaliar a importância assumida por estes indivíduos em termos de poder local.

A caracterização das atribuições do Governador-Civil é efectuada,na obra de Pedro Tavares de Almeida ,a partir da descrição de alguns aspectos presentes na literatura da época ,nomeadamente na obra de Eça de Queiroz ,**A Ilustre Casa de Ramires**.

O autor considera que o governador-civil detém um papel importante na política local, uma vez que funciona como agente do poder central ,o que não o impede de exercer a autoridade com alguma autonomia e capacidade de manobra (81).Assumindo um papel de extrema importância como intermediário entre os propósitos do Governo e os interesses da sociedade local.

Os titulares de cargos no Governador Civil eram nomeados pelo Governo ,o mesmo sucedia com os membros da Administração do Concelho ,embora estes fossem, obrigatoriamente ,recrutados entre “os elegíveis para cargos municipais”(82).É de salientar que os Administradores do Concelho ,considerados efectivos,tinham obrigação de residir na sede da respectiva repartição a fim de satisfazer ,prontamente as exigências do serviço público(83).

Ao efectuarmos o cruzamento dos dados referentes aos cargos exercidos e às categorias profissionais dos sócios(gráfico nº24),relacionamos dois atributos importantes de diferenciação social.

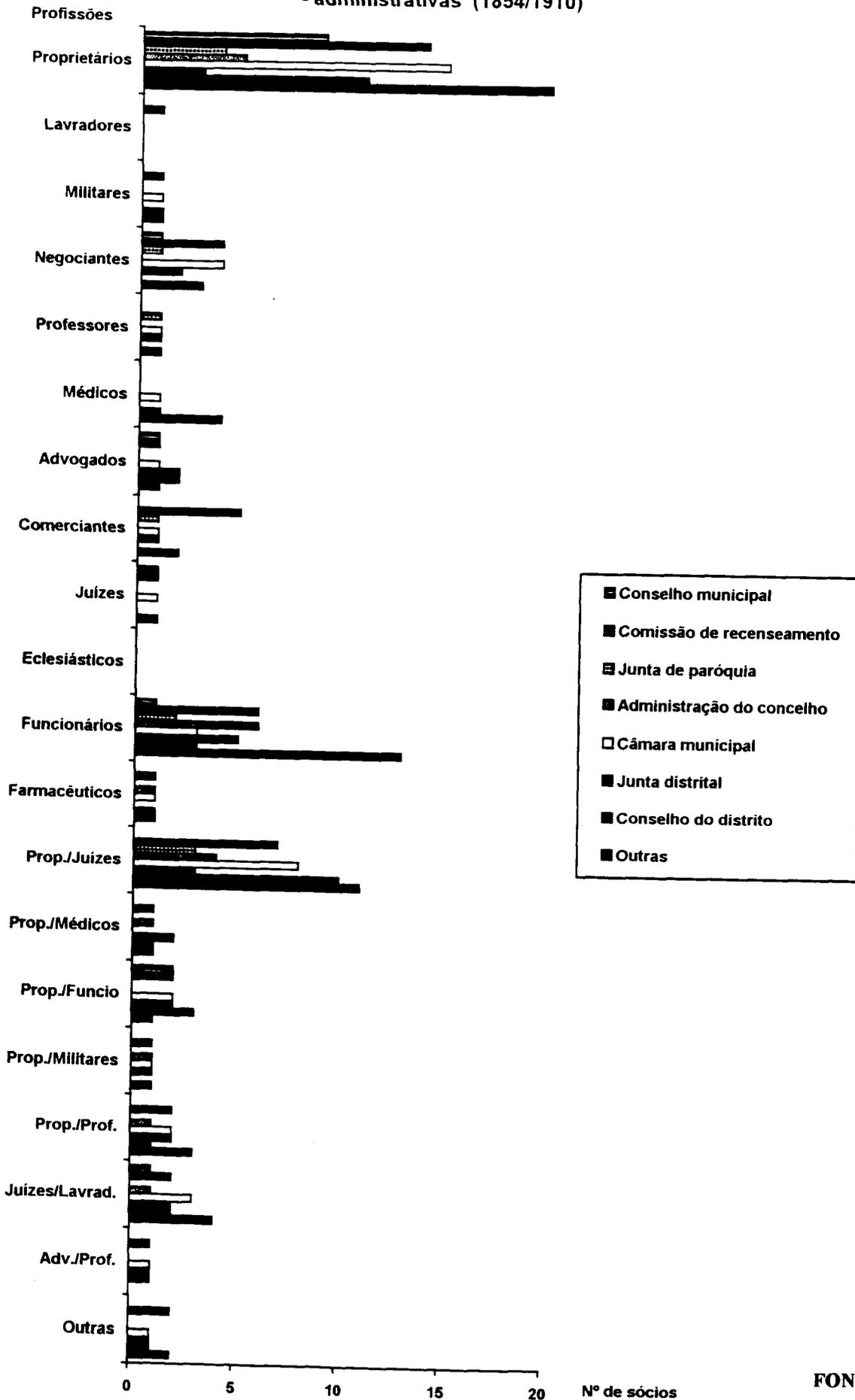
(81)-Pedro Tavares de Almeida,1991,Op.Cit.,pág.110

(82)-Helder Fonseca,1988,Op.Cit.,pág.100

(83)-António Joaquim Lopes da Silva,Reportório Jurídico Português.,B.P.E,1885,pág.87

GRÁFICO Nº24

Distribuição dos sócios por categorias profissionais e funções político-administrativas (1854/1910)



Os elementos presentes no gráfico permitem-nos concluir que os proprietários salientaram-se na categoria denominada outras funções, o que também sucedeu com os funcionários e proprietários-juizes, médicos, comerciantes, proprietários-professores, esta categoria consta de diversas actividades já descritas anteriormente. É de salientar que quinze dos vinte e nove proprietários também exerceram cargos na Câmara Municipal, Comissão de Recenseamento (catorze sócios) e Conselho do Distrito (onze sócios).

Os funcionários assumiram maioritariamente, as funções político-administrativas na Comissão de Recenseamento e Administração do Concelho (seis sócios) e Junta Distrital (cinco sócios).

A distribuição dos sócios por funções político-administrativas na categoria profissional dos proprietários/juizes denota uma aproximação entre o número de sócios que integram cada uma das funções consideradas.

Desta forma dez sócios implementaram a sua acção no Conselho do Distrito, nove na Junta Distrital, oito desenvolveram funções na Câmara Municipal, sete na Comissão de Recenseamento e seis no Conselho Municipal.

É de notar a preponderância da classe terratenente no exercício dos cargos político-administrativos locais, facto que lhes conferia também um elevado grau de influência. José Cutileiro retrata esta realidade ao referir que "Os organismos administrativos eram totalmente controlados pelos latifundiários, que tinham a possibilidade de intervir directamente a todos os níveis ou indirectamente junto dos seus clientes mais importantes, ou seja os membros das profissões liberais e os funcionários públicos superiores" (84).

Os titulares das funções político-administrativas consideradas de maior importância a nível local como seja o caso dos Governadores-Civis e Presidentes da Câmara, desempenharam, maioritariamente, a função de proprietários ou outra actividade associada ao mundo agrário, acrescentamos ainda que alguns destes indivíduos não desempenharam a actividade de proprietários como profissão única.

(84) José Cutileiro, 1997, Op. Cit., pág. 259

A abordagem que foi feita relativamente à acção pública dos membros da Sociedade Bejense remete-nos, necessariamente, para a análise dos rendimentos auferidos pelos sócios, uma vez que o poder económico se traduziu como um indicador importante a considerar no exercício da actividade politico-administrativa.

A presença dos sócios na lista de maiores contribuintes do concelho, constituiu um elemento que denota o protagonismo económico e foi, simultaneamente, um factor de reconhecimento social. Começamos por efectuar uma análise comparativa entre o número de sócios fundadores presentes nas listas de maiores contribuintes e o número total de sócios considerados maiores contribuintes.

Os dados analisados evidenciam um acréscimo pouco significativo do número de sócios da Sociedade Bejense, relativamente, à representatividade assumida pelos fundadores na lista dos maiores contribuintes do concelho (85). Este facto leva-nos a concluir que a maior parte dos membros da sociedade considerados maiores contribuintes, eram fundadores.

Importa também avaliar a representatividade dos membros que compunham a Sociedade Bejense no conjunto dos quarenta maiores contribuintes do concelho. Estes dados foram simplificados na tabela nº6, a qual nos permite concluir que os sócios não integravam toda a elite do concelho, representavam uma percentagem que se aproximava dos 50% nos anos de 1868, 1870, 1871. Estes valores foram diminuindo, gradualmente, nos três últimos anos considerados na análise, facto que se ficou a dever às alterações na trajectória de vida dos indivíduos.

**TABELA Nº6**

**Número de membros da Sociedade Bejense presentes nas listas de maiores contribuintes nos diferentes e a percentagem destes em relação ao total de contribuintes**

<b>ANO</b>	<b>NºDE SÓCIOS</b>	<b>%</b>
1868	18	45%
1870	18	45%
1871	18	45%
1876	17	42,5%
1877	17	42,5%
1881	15	37,5%

**FONTE:**Quadro nº8.anexo Pág. 402

(85)-Ver gráficos nº25 .26.27.28.29.30.anexo págs.413,414

Consideramos importante estabelecer a comparação entre a média dos valores das quotas de contribuição pagas pelos membros da Sociedade Bejense relativamente aos restantes contribuintes.

Com o objectivo de clarificar a análise efectuada a partir dos gráficos anteriormente apresentados, construímos a tabela nº7.

**TABELA Nº7**

**Comparação entre a média dos valores pagos pelos membros da Sociedade Bejense e pelos não sócios ,nos diferentes anos e correspondência dos valores em termos de classe.**

	<b>Não Sócios</b>	<b>Não Sócios</b>	<b>Sócios</b>	<b>Sócios</b>
<b>ANO</b>	<b>Média de valores</b>	<b>Classe de valores</b>	<b>Média de valores</b>	<b>Classe de valores</b>
<b>1868</b>	123.4957	100-200	178.1813	100-200
<b>1870</b>	109.9647	100-200	211.3838	200-300
<b>1871</b>	102.1916	100-200	241.8519	200-300
<b>1876</b>	120.1505	100-200	117.7576	100-200
<b>1877</b>	119.8530	100-200	108.3377	100-200
<b>1881</b>	132.3515	100-200	172.8038	100-200

**FONTE:Quadro nº 8.anexo Pág.402**

Com base na tabela,podemos concluir que os maiores contribuintes não fundadores pagavam valores de contribuição , cuja média se situava entre os cem e os duzentos mil réis,acrescentamos ,no entanto que o valor médio mais elevado foi 132.3515,no ano de 1881.

No que diz respeito aos membros da Sociedade Bejense ,os anos de 1870/71 corresponderam aos valores mais elevados em termos de média,o que corresponde a valores que se situam na classe que medeia entre os duzentos e trezentos mil réis.

Nos restantes anos contemplados na análise ,a média de valores pagos corresponde à classe de valores que se situa entre os cem e os duzentos mil réis.É de salientar que em dois destes anos ,respectivamente ,em 1868 e 1871,as quotas de contribuição atingiram uma média que se aproxima dos 180.000 réis.

Os dados permitem-nos concluir que existe uma nitida preponderância económica dos membros da Sociedade Bejense,relativamente aos restantes contribuintes .

Este destaque ,em termos de poder económico,foi também visível nos sócios fundadores, ,como verificámos através da análise comparativa que foi feita entre estes sócios fundadores e o número total de sócios (86).

Os elementos analisados permitem-nos avaliar o poder económico dos sócios ,no entanto,importa salientar que estes ocuparam,na estrutura social um comando estratégico ,com base no qual centralizavam em si os meios efectivos de poder, riqueza e status social ,conferindo-lhes desta forma ,a categoria de elite(87).

Os cadernos de recenseamento eleitoral,constituíram também fontes importantes na análise dos rendimentos dos sócios ,sendo esta a base em que radica a definição de eleitores e elegíveis.

Os dados apresentados referem-se aos mesmos anos que foram contemplados no universo dos sócios fundadores,ou seja 1853,1856/57 e 1859.Procurámos ,desta forma, estabelecer a comparação entre o número de fundadores considerados elegíveis e /ou eleitores e o número de sócios que reuniram essas mesmas condições.

No que concerne ao número de sócios que se assumiram como elegíveis ,no ano de 1853,verificámos que se tratavam de vinte e nove sócios ,o que corresponde a uma percentagem de 23%. Em 1856 existiram sessenta e cinco sócios considerados eleitores e trinta e sete como elegíveis,números que correspondem,respectivamente ,a 52% e a 29% dos sócios .No ano de 1859 ,reuniram a condição de eleitores para deputados cerca de sessenta e quatro sócios,ou seja 51%.

Comparativamente ao número de fundadores considerados elegíveis e/ou eleitores nestas mesmas datas,é de salientar que foi pouco significativo o acréscimo de outros sócios.Embora importe registar que, nos anos de 1856/57 e 1859,se registou um aumento de doze e treze sócios ,relativamente ao conjunto de fundadores.

Apesar da média dos rendimentos ,colectados pelos sócios em 1856 /57 e 1859,se situar também na escala de valores entre zero e cem ,registou-se um aumento em relação ao valor da média dos rendimentos auferidos pelos fundadores.

(86)-Ver Tabela nº8.anexo, .pág. 407

(87)-Wright Mills,1981.Op.Cit..pág.12

Para completar esta análise abrangente do conjunto de sócios que constituíram a Sociedade Bejense, consideramos relevante incluir neste ponto do trabalho uma breve referência a outros elementos que caracterizam e, simultaneamente, promovem o reconhecimento social do grupo de sócios.

Referimo-nos à atribuição de títulos nobiliárquicos, às habitações luxuosas, a presença distintiva no cemitério, bem como às relações de parentesco que se traduziram num importante elemento de coesão.

A superioridade social destes indivíduos passa também pela concessão de títulos, é de assinalar que durante o século XIX foi enorme a proliferação destes distintivos sociais. No período liberal aumentou a concessão de graus das ordens honoríficas, em 1876 havia cerca de trinta mil titulares de condecorações, de entre as quais se salientam as grã-cruzes, grandes oficiais-títulos, comendadores, oficiais e cavaleiros(88).

A concessão de títulos funcionou como um dos elementos de afirmação social e assegurou o prestígio e reconhecimento sociais. Desta forma acrescenta-se que assumiram um valor de distinção simbólica, faziam parte do nome, antecedendo-o nos documentos sempre que o indivíduo é mencionado (89).

O reconhecimento e notariada pública podiam conduzir a titulação, este grau de distinção foi ambicionado por muitos indivíduos. Na verdade os títulos foram concedidos com o objectivo de criar novas elites e reforçar o regime, recentemente, constituído.

Cumpramos salientar que a concessão de títulos assumiu, no período histórico em estudo, um carácter inflacionário que acabaria por os desvalorizar(90). Para consolidar esta ideia acrescentamos que entre os anos de 1831 e 1890, foram concedidos oitocentos títulos (91), facto que levou a que alguns escritores da época se pronunciassem sobre esta temática. Ramalho Ortigão refere o seguinte: "Há uma coisa que está sendo tão vulgar como ter febres: é conceder um título"(92).

(88)-Irene Vaquinhas, Rui Cascão, "Evolução da Sociedade em Portugal: Alenta e Complexa Afirmação de Uma Civilização Burguesa" in *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pág. 448

(89)-Rui Santos, "Senhores da Terra, Senhores da Vila: Elites e Poderes Locais em Mértola no Sec. XVIII" in *Análise Social*, Vol. XXVIII, 1993, Nº121, pág. 346

(90)-Irene Vaquinhas, Rui Cascão, 1993, Op. Cit., Pág. 447

(91)-Oliveira Martins, pág. 40, (citado por Irene Vaquinhas, Rui Cascão, 1993, Op. Cit., Pág. 449)

(92)-Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Vol. VI, 1990, pág. 161 (citado por Irene Vaquinhas, Rui Cascão, 1993, Op. Cit., Pág. 449)

No total de indivíduos considerados na análise cerca de oito sócios auferiram de títulos nobiliárquicos ou de outras condecorações diversas.No conjunto dos membros da Sociedade Bejense destacou-se ,Mariano Joaquim de Sousa Feio ,que acumulou o título de Visconde da Boa Vista em 1869 e posteriormente em 1883 foi-lhe atribuído o título de Conde da Boa Vista.

Distinguiu-se também como fidalgo cavaleiro da Casa Real,comendador das Ordens de Cristo e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa.Foi titular da Cruz de S.Gregório Magno e Gran Cruz de Mérito Agrícola.

Salientamos ainda Manuel Eleutério de Castro Ribeiro como Visconde da Corte e Francisco de Sousa Feio ,que recebeu o título de Visconde da Boa Vista ,por ser filho de Mariano Joaquim de Sousa Feio.

Como fidalgos da Casa Real evidenciaram-se Mateus Lobo de Brito Godins e Fernando Guilherme Guedes Pimenta,este último acumulou também o título de comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa .Neste contexto acrescentamos que José Augusto Guerreiro de Aboim foi agraciado com a Comenda da Conceição e foram também comendadores os sócios Manuel Martins de Santana e Manuel Santana da Lança Cordeiro.

Estes dados permitem-nos avaliar a importância de alguns dos membros da Sociedade Bejense que se assumiram como personalidades de destaque na sociedade local e também em termos nacionais.

A notariade era individual e familiar ,alcançada esta condição ,era fundamental perpetuá-lo na família.Neste sentido acrescentamos que”a casa e a terra eram considerados como um símbolo da família e uma parte fundamental da sua memória e da sua identidade...são os depósitos da sua recordação ,as fontes da sua posição social”(93).

Com base na citação apresentada no parágrafo anterior,podemos avaliar a importância das casas ,como símbolo de um estilo de vida próprio,sendo este protagonizado através da dimensão arquitectónica e também do recheio das casas.

(93)-José Manuel Sobral,“Memória e Identidades Socias-Dados de um Estudo de Caso Num Espaço Rural”in *Análise Social*,Vol.XXX,nº131,132,1995,pág.302

As informações disponíveis permitiram-nos caracterizar o modo de habitar de alguns dos sócios e de suas famílias, sendo este um dos mais fortes sinais exteriores de riqueza até aos finais do século XIX(94).

Alguns sócios habitavam em casas consideradas “nobres”, por serem protagonistas de um estilo de vida com tradição familiar. Este facto, na maior parte dos casos levava - os a partilhar a mesma moradia com a família(95). Esta situação remete-nos para a existência de um grupo de “continuidade”, que se distingue de um grupo de “mudança”, representado por aqueles que alteraram o seu lugar e modo de viver(96).

Neste contexto, salientamos a casa nobre do Visconde da Corte, Manuel Eleutério de Castro Ribeiro, situada no Largo do Salvador. Uma análise cuidada da fachada da casa, permite-nos avaliar a sua importância arquitectónica e o gosto decorativo representado.

Também o sócio Jacinto António Perdigão, residia numa casa que data do século XVIII-XIX, composto por “sóbrias frontarias, compostas por janelas de sacada de vários modelos férreos, batidos”(97).

É de assinalar que a família Penedo, se instalou também num edifício antigo com quintais e jardins, modificado nos finais de oitocentos, embora mantenha algumas características arquitectónicas dos períodos anteriores, nomeadamente os revestimentos pictóricos de óleo sobre estuques e a azulejaria(98). A família Guedes habitava, igualmente, numa casa nobre no largo do Lidador, composta por um pitoresco varandim de tradição alentejana(99).

Para além destas moradias, concentradas nos locais privilegiados da cidade, alguns membros da Sociedade Bejense eram também proprietários de habitações sediadas nas suas herdades, locais onde a família podia desfrutar de um ambiente de grande comodidade.

(94)-Helder Fonseca, 1996, Op. Cit., pág. 201

(95)-Helder Fonseca, 1996, Op. Cit., pág. 202

(96)-Helder Fonseca, 1996, Op. Cit., pág. 202

(97)-Túlio Espanca, 1992, Op. Cit., pág. 171

(98)-Túlio Espanca, 1992, Op. Cit., pág. 215

(99)-Túlio Espanca, 1992, Op. Cit., pág. 122

Foi-nos possível identificar alguns sócios como detentores de imponentes quintas localizadas nas proximidades da cidade. Começamos por descrever, brevemente, esses espaços que reflectiam os padrões de vida social preconizados pelos seus proprietários.

Relativamente à Quinta do Mongeraldo, pertencente ao sócio Alfredo Padinha, foi feita a seguinte descrição: "frescura de sítio, ouvindo com delícia, o correr da larga bica de pedra para o vasto tanque... cenário tão risonho, tão tranquilo" (100). Tivemos conhecimento de que muitos outros sócios eram proprietários de quintas, nomeadamente José Eduardo da Costa Rosa (Quinta do Tanque), Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes (Quinta da Faleira) e Mateus Lobo de Brito Godins (Quinta dos Britos), porém não obtivemos dados que nos permitissem descrever estes espaços.

Fazemos também referência à Quinta da Suratesta, pertencente aos morgados de Ferreira do Alentejo, os *Afonseca Viviam Passanha*, cujo último donatário foi Diogo Francisco (101), membro da Sociedade Bejense.

É importante salientar também que o sócio António Rodrigues da Costa Soares, proprietário da Quinta do Alcoforado, implementou esforços para transformar a propriedade, pelo que auxiliado por sua esposa efectuou uma magnífica vivenda. Esta era composta por um "amplo pátio ajardinado, aonde rosas raras espreitam por entre a folhagem farta, é magnificamente impressionada pelo tom de cuidado e carinho que emana dessa propriedade... ninho tão confortável tão bem disposto" (102). Estas descrições mostram-nos que existia uma maior preocupação em termos de comodidade, facto que se reflecte na organização espacial e também no mobiliário.

Cumprе referir que ao longo do século XIX, verificaram-se melhorias nos espaços de residência, que corresponderam a alterações no estilo de vida. Estas transformações operaram-se através da renovação de mobiliário e na funcionalidade dos espaços. Esta mudança de gostos reflecte influência das elites francesas (103).

(100)-Ernesto de Carvalho, *O Espeto*, 1914, pág. 60

(101)-Túlio Espanca, 1992, Op. Cit., pág. 123

(102)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág. 61

(103)-Helder Fonseca, 1996, Op. Cit., pág. 206

Acrescentamos que aumentou a área das casas e tornou-se mais complexa a organização dos espaços ,tendo em vista responder às novas necessidades mundanas e privadas da vida familiar(104).

A insuficiência de elementos relativos à decoração das casas dos sócios,levou-nos a apresentar apenas uma breve descrição que nos parece reforçar a ideia exposta no parágrafo anterior.No que se refere à residência de Alfredo Padinha foi referido o seguinte:”as salas ... transformando-se por um surpreendente efeito de magia em salas de refeição”(105).Também se acrescentou que “as salas de banquete estão, artisticamente,decoradas ...cristaes..flores ...mimo das toalhas”(106).

Após esta breve análise do modo de habitar de alguns sócios,que constituiu como um suporte da memória,faz sentido efectuar uma descrição,embora sucinta da forma como se instalaram na sua última morada,sendo esta também uma forma de dar continuidade à memória.

O lugar na cidade dos mortos contribuiu para perpetuar a posição distintiva dos indivíduos e de suas famílias.Para consolidar esta ideia elaborámos uma planta do cemitério,a qual nos permite localizar,especialmente,as magníficas construções tumulares pertencentes aos sócios em estudo.Pretendemos comprovar se existiu ou não,no cemitério, uma reprodução da organização espacial e da estrutura da sociedade que o habita, para a evitar o anonimato da morte(107).

A ocupação do espaço no cemitério traduz-se também num importante elemento de consolidação da coesão social deste grupo de indivíduos que se destacaram socialmente .Para reforçar esta ideia acrescentamos a seguinte citação:”el lugar en donde mejor se conjuga el sentido de la propiedad y el sentimiento de cohesión y de clase es en las criptas o panteones que encontramos en los cementerios del siglo XIX”(108).

(104)-Helder Fonseca,1996,Op.Cit.,pág.215

(105)-Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit.,pág.92

(106)-Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit.,pág.94

(107)-Luis Miguel Nunes Carolino ,”A Cidade dos Mortos-Um Espelho da Sociedade dos Vivos .Estratégias de Afirmação Social no Cemitério de N° Sr° dos Remédios de Évora .1840-1910”in **Actas do 2° Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre** ,Lisboa ,A.P.H.,Lisboa,1996,pág.271

(108)-Anacleto Pons y Justo Serna,1992,pág.1444(Citado por Helder Fonseca “As Elites Económicas Alentejanas,1850/70:Anatomia Empresarial”in **Análise Social**,vol.XXXI,n°136,137,1996,pág.728)

As famílias destacam-se com importantes monumentos funerários ,através dos quais mantêm a sua presença distintiva,desta forma ,divulgavam uma imagem de prestígio e majestosidade.É notório que a grandiosidade e exuberância das construções evidenciava uma preocupação pela exibição do poder,constituindo,assim um importante sinal exterior de riqueza.

Era frequente encontrar nos mausoléus elementos decorativos ,nomeadamente elementos de significação emblemática ,como por exemplo, os signos profissionais e também de significação simbólica,cristã e heráldica(109).

A construção de imponentes jazigos nas zonas centrais dos cemitérios assumiu-se como uma realidade posta em prática pelas famílias mais influentes durante o século XIX em toda a Europa.Traduzem-se numa visão de fausto e autoridade e têm como objectivo exhibir uma imagem.Este propósito era, facilmente ,conseguido ,uma vez que o que impressiona as pessoas e fere a sua imaginação não é o vigor dos raciocínios ,mas o contágio das sugestões e a força das imagens(110).

No cemitério de Beja encontramos majestosos jazigos e variadíssimas sepulturas individuais e colectivas,pertencentes a alguns dos sócios da Sociedade Bejense e a suas famílias.

As “últimas moradas”dos sócios situavam-se nos lugares nobres do antigo cemitério,embora alguns dos jazigos se encontrem na alameda central,se considerarmos a entrada actual do cemitério.

De uma forma muito genérica,podemos acrescentar que se encontram, magnificamente, representadas as memórias de trinta e três sócios e de suas ilustres famílias.Esta distribuição pelo espaço do cemitério,pode ser convenientemente,analizada a partir da planta do cemitério,apresentada em anexo(111.),a qual contempla a parte mais antiga ,onde se concentram a maior parte dos túmulos dos sócios e também a parte actual .

(109)-Luis Miguel Carolino .1996.Op.Cit.pág.272

(110)-António Teixeira Fernandes ,**Os Fenómenos Políticos -Sociologia do Poder**,Porto .Edições Afrontamento.1988,pág.259

(111)-Ver planta do cemitério de Beja,anexo, pág.431

É de salientar que os títulos e graus honoríficos atribuídos a estes indivíduos eram também expostos no jazigo como sinal distintivo .Acrescente-se a este propósito que nos jazigos de ,Mariano Joaquim de Sousa Feio e de Manuel Eleutério de Castro Ribeiro ,encontram-se na fachada central das construções tumulares os títulos de Visconde da Boa Vista e Visconde da Corte ,respectivamente.

Também encontrámos as seguintes referências”Jazigo de Família do Conselheiro José Augusto Guerreiro de Aboim”e “Jazigo de Família do Comendador José Manuel Guedes Pimenta”.

As construções mortuárias revelam ,pela sua decoração e grandiosidade ,o desejo de afirmação social e cumprem três funções sociais relevantes:a distinção na sociedade ,a integração no grupo de elite e a perenidade da família (112).

Resta-nos efectuar uma breve súmula das relações familiares que nos foi possível vislumbrar.A análise aprofundada das relações de parentesco estabelecidas entre os sócios,implicava,necessariamente,um trabalho de investigação específico nesta temática,o que foi impossível de implementar face à abrangência deste estudo.

Nos registos paróquias consultados e também no jornal **O Bejense**,embora de uma forma menos acentuada,encontrámos dados que nos permitiram perceber algumas relações de parentesco entre os sócios da Sociedade Bejense.

É de sublinhar que,as frequentes repetições de apelidos, permitem antever relações de parentesco ,no entanto a investigação efectuada não nos permitiu confirmar todas estas ligações.

Importa referir que a pertença a um mesmo espaço de sociabilidade funcionava como um meio de promoção das relações inter-familiares,desta forma, as famílias enquadram os seus filhos num círculo social específico, que pela sua selectividade e abrangência reduz a procura de contactos e relações exteriores ao grupo.

Acrescentamos que as actividades implementadas pela Sociedade Bejense,como sejam ,os bailes e as reuniões,obedeciam a procedimentos impostos pela posição social e serviam também para favorecer os contactos entre os jovens .

(112)-Helder Fonseca,1996,Op.Cit.,pág.729

Os jovens conviviam apenas com membros do seu próprio grupo social e as ligações matrimoniais entre os diversos grupos sociais eram quase inexistentes, facto que resulta da segregação generalizada existente entre eles (113).

No que se refere aos membros da Sociedade Bejense verificámos que existiram algumas ligações matrimoniais entre os filhos dos sócios. A título exemplificativo referimos o casamento efectuado entre o filho de Francisco José Ferreira Nobre de Carvalho e a filha de Francisco António Penedo .

Acrescentamos que a filha de Mateus Lobo de Brito Godins casou com Francisco Mateus Palma Júnior e o sócio António José de Sousa contraiu matrimónio com a filha Manuel Eleutério de Castro Ribeiro.

Podemos concluir que, os casamentos estreitavam as relações entre as famílias e promoviam a coesão entre grupos da mesma condição social, pois era comum neste período promover os casamentos entre pessoas de igual condição (114).

A possibilidade de sobrevivência da sociedade passava ,necessariamente, pela presença dos filhos dos sócios ,que muitas vezes ,davam continuidade à função dirigente assumida pelos seus progenitores na Sociedade Bejense.

Para exemplificar o que foi referido anteriormente, acrescentamos que Francisco de Sousa Feio ,tal como o seu pai Mariano Joaquim de Sousa Feio, desempenhou na sociedade funções de director. Também é de salientar o caso de Constantino Feliciano de Menezes que assumiu cargos directivos na sociedade e seu filho Bernardo César de Menezes continuou essas funções.

Para colmatar a insuficiência de dados relativos às relações de parentesco entre os sócios acrescentamos alguns casos de sócios que são irmãos ,como seja :Bernardo César de Menezes e Francisco Xavier de Menezes ,filhos de Constantino Feliciano de Menezes. Como irmãos referimos também António Henriques Doria Júnior e João Bernardo Neto Doria ,filhos de Antonio Henriques Doria Senior.

(113)-José Cutileiro,1977,Op. Cit.,pág.122

(114)-Deumard Adeline,Os Burgueses e a Burguesia na França,S.Paulo,Martins Fontes,1992,pág.149

Relativamente às ligações familiares acrescentamos que a família Passanha descendia de uma das mais nobres famílias italianas do século XVI-os Fallomonicos.Para além desta descendência descobrimos apenas nesta família que Diogo Francisco da Fonseca Vивиão Passanha era pai de José Carlos Infante Passanha.

A repetição de apelidos pressupõe a existência de relações familiares entre os sócios, no entanto como foi referido anteriormente ,não reunimos informações que confirmassem todas as ligações de parentesco ,neste sentido apresentamos as repetições de apelidos que nos foi possível identificar no conjunto dos sócios (115).

(115)-Ver anexo . págs.432,433

### 3. A Liderança da Sociedade

Neste ponto do trabalho pretendemos identificar os membros que assumiram cargos directivos na Sociedade Bejense e caracterizar este grupo de indivíduos que se assumiram como os protagonistas desta distinta instituição.

Para proceder à sua caracterização recorreremos aos mesmos indicadores que foram considerados para os restantes grupos de sócios anteriormente analisados. As informações retiradas do jornal **O Bejense**, permitiram-nos também conhecer a evolução dos sócios em termos de actividades implementadas na direcção da sociedade, ao longo dos diversos anos.

Procurámos também estabelecer a relação entre a liderança assumida por estes sócios no âmbito da Sociedade Bejense e o seu poder ou influência a nível da sociedade local.

No que diz respeito à profissão desempenhada pelos membros da direcção, tal podemos concluir que se regista um maior número de proprietários, seguidos pelos funcionários e proprietários-juizes, embora exista uma nítida aproximação entre estas três categorias profissionais (115).

A habilitação literária é outro dos indicadores que nos permite avaliar a importância social dos membros da direcção, desta forma, tal como nas restantes categorias de sócios analisados, regista-se um número acrescido de sócios cuja habilitação literária não foi identificada. Salienta-se uma maior percentagem de bacharéis, com a instrução secundária não encontramos nenhum dos sócios da direcção, enquanto que é diminuto o número de indivíduos que sabem ler e que detém o ensino primário (116).

O desempenho de actividades e funções na sociedade local e nacional, consistiu num dos indicadores mais importantes de afirmação social dos indivíduos. Verificámos que ao contrário do que aconteceu com a totalidade dos sócios, os membros da direcção destacaram-se no desempenho de actividades de carácter cultural e só depois se evidenciaram as práticas de beneficência, actividades económicas e relacionadas com o ensino (117).

(115)- Ver gráfico nº31 anexo, pág.415/Tabela nº9, pág.408

(116)- Ver gráfico nº32 anexo, pág.415/Tabela nº9, pág.408

(117)- Ver gráfico nº33 anexo, pág.416/Tabela nº9, pág.408

As funções político -administrativas implementadas pelos membros da direcção englobaram-se no grupo denominado por outras funções,facto que está em conformidade com os dados referentes à totalidade dos sócios.Seguidamente,em termos de importância numérica,registou-se um predomínio das funções implementadas na Comissão de Recenseamento , Câmara Municipal,Junta Distrital e Conselho do Distrito(118).

É de salientar que o número acrescido de sócios(trinta e cinco),que constituíram a Comissão de Recenseamento,merece um destaque especial ,uma vez que era condição-base de recrutamento a pertença à lista de maiores contribuintes.Esta situação contribuiu para comprovar a realidade que define o Alentejo no século XIX, identificação da elite municipal com a elite económica (119).

Importa salientar que num total de sessenta e dois sócios que desenvolveram cargos directivos 56% eram maiores contribuintes,o que evidencia o poder económico destes indivíduos .

Relativamente às funções implementadas na Câmara Municipal ,acrescentamos que treze dos membros da direcção ,desempenharam o cargo de vereadores ,quatro assumiram-se como vice-presidentes e oito destacaram-se na função de Presidente da Câmara .

Acrescente-se ainda que quatro dos sócios com funções directivas reuniam as exigências de recrutamento ,que eram tidas em conta, para que pudessem desempenhar a função de deputados .Um destes membros mereceu destaque por implementar a função de Par do Reino ,considerado um dos cargos dignos de destaque.

Importa ainda referir que cinco dos membros da direcção assumiram a função de Governadores-Civis.Por se tratarem de mediadores entre as decisões estatais e os interesses da sociedade local ,este cargo conferiu aos seus titulares uma projecção social notória.

Não procedemos a uma análise detalhada de todos os atributos exigidos para cada uma das funções ,por ter sido feita no ponto anterior do trabalho uma breve descrição das condições exigidas no recrutamento dos sócios .

(118)-Ver gráfico nº34.anexo .pág.417

(119)- Helder Fonseca .1988.Op.Cit..pág.93

Com base no que foi referido podemos concluir que o desempenho de cargos directivos na Sociedade Bejense foi conferido a indivíduos que se destacaram em termos sociais, em virtude do grau académico que detinham e profissão que desempenharam. Relativamente à actividade profissional importa acrescentar que a maior parte dos sócios dedicavam-se a actividades ligadas ao controle da terra, o que lhe conferia um triplo poder: económico, social e político (120).

O desempenho de actividades a nível local e o protagonismo assumido em termos de funções político-administrativas, conferia-lhe um reconhecimento social notório. Importa referir que existia uma relação de complementaridade entre o prestígio social dos membros da direcção da Sociedade Bejense e a projecção deste espaço de sociabilidade.

Para clarificar a ideia anterior acrescentamos que o estatuto social dos membros da direcção, conferiu à Sociedade Bejense uma maior projecção como espaço selectivo e distinto, demarcando-o, relativamente às restantes sociedades existentes em Beja neste período. Sendo esta importância social um dos factores que estava na origem da sua eleição para cargos directivos na sociedade.

Por outro lado, o facto de pertencer à direcção desta distinta sociedade, conferia ou acentuava a sua influência na sociedade local. Os elementos presentes no jornal **O Bejense**, o qual publicava, o nome dos membros eleitos em cada semestre para o exercício de cargos directivos, permitiram-nos identificar este grupo.

Estas notícias surgiam no jornal com relativa frequência, uma vez que alguns dos membros da direcção da Sociedade Bejense exerceram cargos importantes no jornal local, o que contribuiu para projectar a imagem da sociedade em termos jornalísticos.

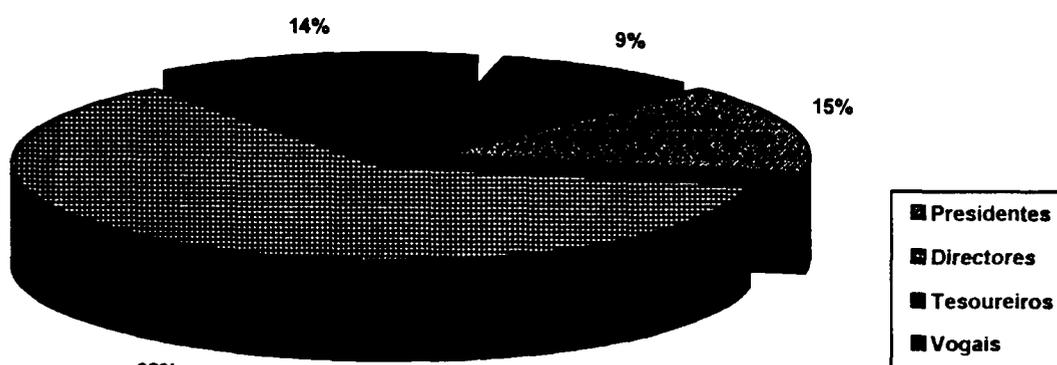
Registaram-se, no entanto, insuficiências de elementos em períodos temporais específicos, nomeadamente, nos anos cinquenta por não existir ainda este periódico. Para esta data encontramos apenas referência à comissão provisória que implementou a sociedade. Nos anos oitenta rarearam os dados, apenas dispomos de elementos para os anos de 1880, 1882, 1883, 1888. A partir do ano de 1895, não dispomos de informações, de salientar que a partir de 1897 e até 1910, não existem exemplares do jornal **O Bejense**.

(120)-Helder Fonseca, 1988, Op. Cit., pág. 93

Apesar da relatividade dos dados, efectuamos uma síntese dos elementos disponíveis e construímos uma tabela(121), a partir da qual extraímos as conclusões a seguir expostas. Começamos por analisar o tipo de cargos exercidos pelos membros da direcção e a preponderância de uns relativamente aos restantes. Neste sentido cumpre-nos acrescentar que 62% exerceram a função de directores da sociedade, 15% assumiram-se como presidentes, 14% como tesoureiros e apenas 9% como vogais, conforme podemos verificar a partir do gráfico.

**GRÁFICO Nº34**

**Análise percentual dos cargos directivos exercidos pelos sócios  
(1854/1910)**



**FONTE:** Ver tabela nº10, anexo ,pág. 412

Relativamente ao número de anos em que ocuparam os cargos e à variedade de cargos desempenhados, podemos concluir que Augusto Pereira L.P. de Ortigueira Negrão se destacou por ter desempenhado durante oito anos o cargo de director da sociedade.

Existiu uma especialização no desempenho dos cargos directivos exercidos, verificámos também, que Fernando César Penedo e José Manuel Guedes Pimenta exerceram durante seis anos o cargo de directores. Num período que teve a duração de cinco anos foram directores, José Gomes da Fonseca, José Cândido Colaço Paes e Manuel Eleutério de Castro Ribeiro.

Um dos membros da direcção que se salientou por ter desenvolvido diversas funções directivas na sociedade, foi Rafael da Cunha Barradas, assumiu-se como director durante cinco anos e desempenhou o cargo de presidente e tesoureiro por apenas um ano.

(121)-Ver Tabela nº10..Anexo ,pág. 409

Num conjunto de sessenta dois membros da direcção ,cerca oito implementaram funções directivas durante quatro anos ,doze individuos exerceram estes cargos apenas por três anos.

Um total de treze individuos implementaram funções directivas durante dois anos e o maior número,ou seja vinte e dois sócios exerceram cargos directivos apenas durante um ano(tabela nº11) .

**TABELA Nº11**

**DISTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS PELO NÚMERO DE ANOS EM QUE EXERCERAM CARGOS DIRECTIVOS**

Anos	1		2		3		4		5		6		7		8	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
	22	35%	13	21%	12	19%	8	13%	3	8%	2	10%	1	11%	1	13%

**FONTE:** Ver Tabela nº10,anexo pág.409

Ao considerarmos a relação entre os dois indicadores:profissão e cargos directivos implementados na Sociedade Bejense ,podemos concluir que no conjunto das profissões predominantes ,ou seja proprietários ,funcionários e proprietários-juizes,verificámos um acentuado número de directores.

É de salientar que o maior número de presidentes se encontra no grupo dos proprietários -juizes,facto que se justifica pela formação superior destes aliada à importância económica .O cargo de tesoureiro não foi atribuído aos proprietários-juizes ,manteve-se com uma representatividade idêntica no grupo dos funcionários e nos proprietários.O número de vogais foi também menor nos proprietários -juizes e idêntico nas outras duas profissões referidas.

Podemos concluir que o protagonismo assumido na Sociedade Bejense,em termos de cargos directivos desempenhados , reproduz a condição social dos seus membros, pelo que às categorias sociais de maior importância social, correspondem as funções directivas consideradas superiores,como seja o cargo de presidente,conforme podemos ver a partir do gráfico em anexo(122).

(122)-Ver gráfico nº35,anexo , pág.418

## IV CAPÍTULO

### As Actividades : Reflexo de uma Imagem de Esplendor

#### 1.Reuniões de Aparato

Antes de proceder à análise das actividades implementadas pela Sociedade Bejense,cumprer referir que estas refletiram,necessariamente,o perfil distinto dos sócios,traçado anteriormente.

Como actividades privilegiadas por esta associação,salientamos as reuniões e os bailes,cuja organização primorosa tinha em vista proporcionar aos participantes um ambiente selecto.Todos estes procedimentos respondiam às exigências veiculadas por sócios considerados distintos e qualificados ,que gozavam de uma imagem exterior conceituada e em tudo compatível com o esplendor que caracterizava as actividades em que participavam.

No espaço da Sociedade Bejense ocorreram vários tipos de reuniões tendo estas, necessariamente,assumido um carácter diferente consoante os objectivos a que se propuseram.A pesquisa efectuada no Jornal **O Bejense**,permitiu-nos tomar conhecimento desta diversidade de encontros .

Podemos considerar que, para além da existência de reuniões da assembleia geral de sócios e da direcção,tendo em vista a resolução de todos problemas inerentes à sociedade,existiram também, reuniões que se efectuaram nesta sociedade cujos propósitos nada tinham a ver com esta instituição.Nesta última situação, este espaço foi disponibilizado para alguns eventos de importância local e também a nível nacional.A título exemplificativo ,acrescentamos que,no ano de 1864,ocorreu na sociedade uma reunião para inauguração da via -fêrrea que ligou Vendas -Novas a Beja(1).

Relativamente ao que foi referido no parágrafo anterior ,cumprer salientar que o grande período do associativismo ,compreendido entre 1851/72,acompanhou o crescimento urbano e a construção das primeiras linhas fêrreas (2)

(1)-Suplemento do Jornal **O Bejense** ,nº163,6 de Fevereiro de 1864,pág.5

(2)-Costa Goodolphim, A **Associação**,Lisboa,Seara Nova,1974,pág.17

Para além dos dois tipos de reuniões já descritos, iremos dedicar especial atenção às reuniões de família, uma vez que estas assumiram grande relevo a nível social.

Como indicador desta projecção a nível da sociedade local, consideramos oportuno referir que estas reuniões foram com maior frequência noticiadas na imprensa, constituindo-se como um meio de projecção dos membros participantes nestes encontros.

As reuniões de famílias conferiram à Sociedade Bejense uma imagem de prestígio, traduziram-se em festas aparatosas que proporcionaram o convívio entre os sócios e convidados, que muitas vezes contavam com a participação de mais de duzentas pessoas (3).

Nos estatutos da Sociedade Bejense, datados de 1867, nomeadamente no artigo dezasseis, ficou estabelecido que a realização das reuniões era determinada pela assembleia geral e a periodicidade das mesmas era designada pelos membros da direcção.

Foi igualmente estabelecido, neste corpo de leis, que seriam admitidas nas reuniões, como convidadas, as senhoras da família dos sócios, “podendo também ser apresentadas as que, sendo hospedes, ou vivendo em sua companhia, estiverem nas circunstancias de frequentar a sociedade”(4).

Os sócios podiam também apresentar nestas reuniões os seus filhos, irmãos ou parentes que tivessem idade compreendida entre os dez anos e os dezoito anos, desde que vivessem em sua companhia e estivessem submetidos ao seu poder.

Os membros da direcção tinham o poder de convidar “as senhoras em cuja companhia não houver homem nas circunstâncias de ser sócio, e podem ser acompanhadas de seus filhos, irmãos ou parentes, menores de dezoito annos, e maiores de dez, que viverem em sua companhia”(5).

(3)-Jornal O Bejense ,nº390,13 de Junho de 1868,pág.3

(4)-Estatutos da Sociedade Bejense ,Beja ,Typografia de Sousa Porto & Vaz.,1867,pág.11

(5)-Estatutos da Sociedade Bejense ,Op.Cit.,pág.11

Existia uma selecção rigorosa ,no que diz respeito aos participantes destes encontros,os convites eram ,rigorosamente ,controlados tendo em vista demarcar socialmente , um círculo de eleitos que tinham acesso a este espaço de convívio com pendor exclusivista.

A participação dos jovens nestes eventos era extremamente importante,uma vez que lhes facultava o contacto com um grupo de elite ,ao qual estava inerente todo o cerimonial pautado pelo bom gosto.

Desta forma os jovens estavam socializados com um estilo de vida cujo sentido e valor dependiam ,quer dos que aprendem esses ritos ,quer daqueles que os produzem e transmitem (6).

A participação dos jovens nestes encontros funcionou como um elemento de integração social ,as aprendizagens feitas pelos jovens permitiram-lhes valorizar o seu próprio meio ,concedendo-lhes ,simultaneamente , a oportunidade de se demarcarem da sociedade exterior ao grupo em que estavam inseridos.

Estas reuniões de famílias traduziram-se em esplêndidos momentos festivos eram, geralmente ,acompanhadas por grandiosos bailes e concertos musicais,apesar de nas cartas de convite não aparecerem discriminadas estas práticas,por ser feita apenas referência às reuniões de famílias(7).

A partir da segunda metade do século XIX ,eram extremamente,frequentes o tipo de reuniões dançantes ,também designadas por “balancés”(8),nas quais para além do convívio e da dança,eram também fornecidas,aos participantes,comida e bebida diversificadas.

O empenho dos directores constituiu,sem dúvida , um elemento fundamental como garante do sucesso destas reuniões,esforçaram-se por dinamizar estes encontros,acção esta que foi salientada na imprensa local,a notícia refere que os directores promoveram “ por todas as formas a vida naquele excelente instituto”(9).

(6)-José Machado Pais ,”Lazeres e Sociabilidades Juvenis- Um Ensaio de Análise Etnográfica” in **Análise Social** ,Vol. XXV, nº108/109, 1990,pág.600

(7)-Jornal **O Bejense** ,º 309 ,13 de Junho de 1868,pág.3

(8)-Rui Casção ,”Vida Quotidiana e Sociedade ” in **História de Portugal** ,1993,Círculo de Leitores,Vol.V,pág.528

(9)-Jornal **O Bejense**,nº151,14 de Novembro de 1863,pág.4

A decoração primorosa do edifício ,com o recurso ao requinte das luzes e flores, demonstrou também o seu empenho, com vista a atingir resultados superiores aos alcançados pelas direcções que os antecederam.

Esta nítida preocupação dos directores gerou uma concorrência salutar ,que se traduziu na forma cuidada com eram organizados estes encontros .

A animação destas reuniões passou ,igualmente ,pela participação dos sócios nestes encontros,estes,muitas vezes, proporcionaram verdadeiros espectáculos,através de interpretações musicais de grande exuberância,nomeadamente com recurso ao piano ou ao violoncelo.

A partir da segunda metade do século XIX,proliferou ,rapidamente ,o gosto pela música ,esta expressão artistica constituiu um meio de socialização entre os indivíduos.Destacou-se como instrumento musical o piano,alcançado uma importância indiscutível nesta época(10).

A presença de artistas famosos nestas festividades, constituiu também um factor de animação e ao mesmo tempo de distinção social , protagonizado nestes encontros entre sócios e convidados.Estas reuniões obtiveram resultados surpreendentes ,pautaram-se pela animação ,os salões apresentaram-se ,de uma maneira geral ,repletos de gente e dotados de serviços profusos.

Estes encontros prolongavam-se sempre até de madrugada ,eram servidos o chá,champagne,gelados , refrescos ,por volta das vinte e três horas ,mais tarde a ceia volante,cerca das três da manhã, e os doces acompanhavam a festa até por volta das cinco ou seis da madrugada,hora que geralmente marcava o final das reuniões quando estas eram bem sucedidas.

Os dados disponíveis no jornal **O Bejense** permitem-nos considerar,que estas reuniões foram ,de uma forma geral ,bem sucedidas ,no entanto é de salientar que em determinados jornais consultados,nomeadamente ,no de dezasseis de Novembro de 1878 e no de quatro de Junho de 1881,existiram informações relativas ao pouco sucesso das reuniões.

(10)-Rui Casção ,1993,Op.Cit.,Pág.524

No primeiro foi referida a supressão destes encontros , o segundo apresenta apenas uma sugestão para suprimissem as reuniões, porque estas tornaram-se tristes e pouco convidativas, características que assumiram não só nesse ano ,mas em alguns dos anos anteriores. Acrescentamos que o decréscimo, em termos do sucesso conseguido nestes encontros ,começou a manifestar-se a partir do ano de 1872,este facto ficou a dever-se à limitada concorrência das senhoras.

O número de senhoras constituía um garante do êxito de determinada festividade, desta forma o reduzido número de senhoras que se notou em algumas reuniões, nomeadamente, de dezasseis de Fevereiro , sete de Dezembro de 1872 , catorze de Junho de 1873 e seis de Junho de 1885,foi a causa apresentada no periódico local para justificar a pouca animação destas reuniões.

Para reforçar o papel fundamental das senhoras nestes encontros ,salientamos que estas ,através da sua presença distinta ,da riqueza das suas vestes e respectivos adereços,projectavam uma imagem de brilhantismo.

A participação das senhoras nas reuniões era feita em grande número ,uma vez que o jornal **O Bejense** referiu que, na reunião de cinco de Junho de 1874, “não estiveram muitas senhoras ,foram apenas quarenta”.Esta referência permite-nos concluir que estavam ,habitualmente,nestes encontros ,um número significativo de elementos do sexo feminino que seria,decerto,muito superior a quarenta senhoras .

O sucesso das reuniões não passava apenas pelo número de participantes ,tinha também a ver com o envolvimento dos participantes nestes encontros,cumprir referir que existiram reuniões que, embora muito concorridas,estiveram pouco animadas, nomeadamente a que se realizou no dia catorze de Fevereiro de 1874.

Encontramos ainda referências a reuniões que se realizaram por subscrição feita entre os sócios,o que nos permite concluir que teriam existido alguns problemas económicos na Sociedade Bejense,uma vez que foram os sócios a suportar, directamente,as despesas das reuniões.

Curiosamente, estas reuniões ocorreram nos meses de Fevereiro e Março dos anos de 1877/78 ,facto se ficou ,seguramente,a dever a um empréstimo de mil réis,efectuado para melhoramentos no edificio da Sociedade em 1875.

Consideramos ser esta também a causa da dispensa concedida à direcção nos meses de Novembro e Dezembro desse mesmo ano, não sendo obrigada a promover reuniões.

É de salientar que no dia dois de Março de 1878, ocorreu uma reunião que se destacou pela sua originalidade, por ser promovida pelas senhoras, no entanto não foi feita no jornal a descrição deste encontro. Poderemos considerar que se tratou de uma inovação, que teve decerto o objectivo de promover o dinamismo das reuniões, uma vez que, como foi referido anteriormente, estas tornaram-se “uma coisa triste e sem sabor” (11).

Esta pouca animação das reuniões, foi mais evidenciada nas datas atrás referidas constituindo, desta forma, casos pontuais e pouco significativos no total dos cerca de trinta e seis da vida da Sociedade Bejense, analisados neste trabalho.

As reuniões de famílias obtiveram uma importância determinante na projecção da Sociedade Bejense, estes encontros correspondiam, geralmente às expectativas dos seus participantes e da população em geral, pois existia à partida uma ideia de sucesso que era transmitida na imprensa local.

No jornal **O Bejense**, foram efectuadas, por diversas vezes, notícias muito breves, mas que refletem esta ideia pré-concebida de sucesso, inerente a todas as actividades efectuadas pela Sociedade Bejense.

Esta valorização resulta, necessariamente, da condição social dos membros que eram dotados de uma legitimidade e reconhecimento notórios, o que lhes conferiu à priori, um grau de perfeição em tudo o que realizaram. Foi noticiado em diversos números do jornal consultado, que a reunião de famílias “esteve como costumam ser as festas d’aquella casa, muito concorrida e animada” (12), as descrições, embora muito sintéticas, permitem, através do seu conteúdo, conceder elevado destaque a estas actividades.

Com o objectivo de especificar melhor esta ideia acrescentamos uma outra referência que prima por acentuar a imagem de êxito conferida à Sociedade Bejense:

“a reunião de famílias foi como costumam ser as festas dadas n’aquella casa, esplendida” (13).

(11)-Jornal **O Bejense**, nº1068, 18 de Junho de 1881, pág.2

(12)-Jornal **O Bejense**, nº 1419, 10 de Março de 1888, pág.1

(13)-Jornal **O Bejense**, nº 1314, 6 de Março de 1886, pág.2

Este caracter de distinção que era conferido através da imprensa local demarcava, claramente, a Sociedade Bejense das demais sociedades existentes em Beja neste período.

As reuniões e outras actividades desenvolvidas pelo Clube Bejense ou pela Sociedade Recreativa Artística Bejense, vinham igualmente noticiadas nos jornais, no entanto a periodicidade das referências e o destaque concedido aos eventos era muito inferior ao protagonismo alcançado pela Sociedade Bejense.

Com o objectivo de reforçar a distinção existente entre a sociedade em estudo e as restantes sociedades recreativas existentes em Beja neste período, analisámos, comparativamente, a distribuição semanal das reuniões de famílias realizadas no conjunto das três sociedades(14).

Esta análise foi feita a partir das informações recolhidas no jornal **O Bejense**, pelo que temos que ter em conta a sua relatividade. Os dados originais foram, necessariamente, sujeitos às interpretações dos redatores e também aos interesses dos protagonistas que constituíam o jornal. Como já foi referido anteriormente, muitos sócios da Sociedade Bejense, assumiram cargos importantes na direcção e redacção do jornal local(15).

Consideramos, desta forma, que este espaço de sociabilidade beneficiou de uma situação vantajosa, relativamente, à Sociedade Artística Bejense e ao Clube Bejense, uma vez que as informações disponíveis, relativamente a estas associações não nos permitiram identificar qualquer tipo de relação entre os seus membros e o jornal local.

Salientamos, no entanto, que a preponderância da Sociedade Bejense, em termos e referências na imprensa, não foi condição única da influência dos seus sócios no jornal **O Bejense**. Sem dúvida que o prestígio social alcançado por este espaço e a maior frequência e aparato destes encontros, foram factores que justificaram o elevado número de notícias.

Relativamente, ao que foi referido no parágrafo anterior, cumpre-nos acrescentar que o número de reuniões noticiadas na imprensa, pode não ter sido, necessariamente, consentâneo com o número de reuniões realizadas.

(14)- Ver quadros 9, 10 e 11, pág.403/405

(15)- ver pág.89

Para além do factor subjectividade ,que determina a selecção das noticias,também importa referir que era prática comum que os membros da direcção das sociedades convidassem os redatores dos jornais para noticaír os eventos considerados de maior destaque,salientamos a título de exemplo o momento solene da inauguração da biblioteca do Clube Bejense(16).

Importa também considerar que a divergência entre o número de informações disponíveis no periodo em estudo,contribuiu para acentuar a relatividade dos dados.Desta forma a inexistência de fontes que nos permitissem estudar os anos anteriores a 1860 e posteriores a 1897,constituiu um factor comum a todas as sociedades,no entanto,importa salientar que as informações relativas à Sociedade Bejense predominavam,relativamente às demais sociedades.

No que concerne à distribuição das reuniões pelos diferentes dias da semana,simplificámos as informações no quadro que se segue.

#### QUADRO N°12

**Distribuição das reuniões de família ,implementadas nas diversas sociedades ,tendo em conta os dias da semana em que ocorreram**

Dia da semana/ Sociedades	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sáb.	Dom.	Total
Soc.Bejense	17	10	9	16	21	51	19	143
Club Bejense	1	4	3	1	2	7	4	4
Soc.Artística	0	2	1	0	3	5	2	12

**FONTE:** ver quadros 9,10,11,pág.403/ 405

O quadro anterior ,permite-nos concluir que o Sábado se assumiu nas três sociedades como o dia em que ocorreram mais reuniões.Este facto ficou a dever-se,certamente,à maior disponibilidade dos sócios para participar nestes encontros.

Para além do Sábado ,os dias que foram,preferencialmente,ocupados com reuniões foram a Sexta e o Domingo,no caso da Sociedade Bejense e Sociedade Artística Bejense.No que se refere ao Clube Bejense foram os dias de Domingo,Terça e Quarta-Feira,sublinhe-se que os dados se referem apenas às reuniões de famílias,apesar destas serem,geralmente,acompanhadas por bailes ,espectáculos musicais e outras iniciativas.Em virtude da indiscutível importância alcançada pelos bailes e por todas as outras actividades de entretenimento desenvolvidas pela sociedade ,consideramos oportuno conceder-lhe um tratamento específico nos pontos seguintes deste trabalho.

## 2.Os Bailes Como Encontros de Requite

Como foi referido no ponto anterior deste trabalho ,as reuniões de família eram,geralmente, animadas pelos grandiosos bailes da Sociedade Bejense.

Estes adquiriram uma projecção notória,constituíram-se como uma actividade de distinção social a qual ,em virtude de todos os procedimentos que lhes eram inerentes,reflectiu o esplendor e carácter elitista da Sociedade Bejense.

A nível do Sul do País as classes superiores eram mais propensas a estas práticas, no Alentejo existia uma complexa rede de relações sociais,muitas vezes alicerçadas no parentesco,que facilitava o intercâmbio entre as mais abastadas famílias da província ,facto a que Beja não constituía excepção.

Nas regiões do Norte do país ,nomeadamente na região entre Douro e Minho, estas práticas festivas não obtiveram grande índice de sucesso ,a raridade dos bailes, justifica-se entre outros motivos ,pelo grande peso assumido pela fidalguia rural (17).

Relativamente ao que foi referido no parágrafo anterior,e para especificar melhor o seu conteúdo ,consideramos oportuno comparar ,embora muito linearmente os espaços de distracção próprios da burguesia e da nobreza na época em estudo.

Acrescentamos que a difusão do movimento associativo ,as academias literárias, e científicas ,as tertúlias e outros espaços de sociabilidade ,como os cafés e o passeio público ,evidenciam a ascensão da burguesia e a nova mentalidade veiculada por este grupo.

Por sua vez a nobreza começou a perder importância ,não acompanhou o novo estilo de vida ,marcadamente urbano,próprio da burguesia e ,desta forma,proclamou-se a partir de 1820,a necessidade de acabar com a “ordem velha”.A nobreza era considerada pouco elegante,em termos de maneiras ,frequentava,como espaços de distracção ,as feiras,procissões,passaios no rio e também as corridas de touros (18).

Nos hábitos burgueses considerados inovadores ,devemos incluir também os bailes que,através do cerimonial envolvente e do seu carácter distinto ,permitiram a demarcação social da burguesia,relativamente aos demais grupos sociais existentes .

(17)-Rui Casção ,”Vida Quotidiana e Sociedade” in **História de Portugal** ,Vol.,1993,pág 529

(18)-Maria de Lourdes Lima dos Santos ,1983,Op.Cit.,pág.16

Os bailes que se realizaram em Portugal, no terceiro quartel do século XIX, enquadravam-se, num movimento europeu que se traduziu no gosto pela música e pela dança. Porém, importa salientar, que os bailes englobavam um ritual mais complexo, no qual a parte gastronómica assumiu um lugar obrigatório(19).

Desta forma uma recepção, que primasse pela elegância, deveria apresentar uma diversidade de iguarias, que seriam servidas em horário próprio e acompanhariam a festa até ao seu término.

Para comprovar que a Sociedade Bejense não se afastou destes procedimentos adoptados a nível nacional, salientamos que a preparação dos bailes era feita com todo o requinte, estes eram acompanhados por um excelente serviço, feito sempre em abundância.

Eram servidos o chá, champagne, refrescos, gelados, doces e também a ceia volante, respeitando as ementas e respectivos horários estabelecidos previamente e organizados, tendo em vista abrilhantar, gastronomicamente, a festa, até que esta terminasse, quase sempre pela manhã.

Estas informações, recolhidas no jornal local, demonstram-nos que existia uma notória exibição pública destes acontecimentos considerados aparatosos, esta projecção consistia num garante do reconhecimento social desta associação e também dos seus frequentadores.

Os bailes da Sociedade Bejense contavam com um vasto número de participantes, chegaram a ultrapassar as duzentas pessoas, entre estes contavam-se os sócios e convidados, seleccionados rigorosamente, a partir dos requisitos previstos nos estatutos e descritos no ponto anterior do trabalho.

Os bailes constituíram também uma das actividades mais solicitadas pelas senhoras. Para comprovar esta ideia, acrescentamos que, relativamente à primeira festividade promovida na Sociedade Bejense, foi referido no jornal **O Bejense** que “as damas anseiam as danças e os homens os petiscos”(20).

(19)-Rui Cascão, 1993, Op. Cit., pág. 527

(20)-Jornal **O Bejense**, nº 151, 14 de Novembro de 1863, pág. 4

No Sul do País era comum participarem nestes encontros,cerca de trinta ou quarenta elementos do sexo feminino(21).Neste contexto consideramos importante salientar que foi feita referência que as reuniões,na sua maior parte ,acompanhadas por bailes ,o número de senhoras ,normalmente ,ultrapassava os quarenta,pelo que estava acima da média estabelecida a nível do país.

É de notar que o número de senhoras presentes no bailes ou reuniões da época, determinava o êxito da festividade em questão,quer pela convivialidade proporcionada, quer mesmo pelo brilhantismo da sua presença conseguido através de um extremo cuidado em termos de imagem.

Os bailes assumiram-se como momentos especiais de divertimento e de sociabilidade e traduziram-se ,simultaneamente , em ocasiões propícias para comparar o guarda -roupa ,exibir as jóias assim como os últimos modelos de penteados e de calçado,desta forma ,foram considerados como “a estatística do mundo elegante”(22).

A ostentação do vestuário das senhoras ,que se apresentavam vistosas distinguindo-se com toilettes caríssimas e com valiosos diamantes ,corresponde a um sinal de distinção social e também evidenciou a necessidade de afirmação dos membros que constituíram este espaço de sociabilidade .

Relativamente à apresentação das senhoras nos bailes ,importa acrescentar que foi feito no jornal um apelo à simplicidade no vestuário utilizado em algumas ocasiões,”que haja pouca concorrência na ostentação de sedas ,veludos e diamantes”(23).Porém ,em ocasiões especiais como por exemplo na Quinta-Feira de Corpo de Deus,podiam vestir luxuosamente.

Salientamos que era prática corrente nesta época apelar à moderação,receava-se a excentricidade e a originalidade nos vestidos e adornos ,no entanto,seguiam-se as modas europeias ,embora com relativa modéstia,sem causar grande aparato,ninguém deveria celebrar-se pelo modo de vestir.

(21)-Rui Casção ,1993,Op.Cit.,pág.528

(22)-Rui Casção,1993,Op.Cit.,pág.526

(23)-Jornal **O Bejense**,nº51,21 de Junho de 1873 ,pág.2

Os comportamentos do grupo de elite ,não podiam destacar-se pela originalidade ou extravagância,estes desafios eram incompatíveis com um ideal de vida regido pela moderação e pela razão ,valores que constituíam um sinónimo de requinte (24).

Todo este comedimento era ,por vezes ,esquecido quando ocorriam os desafios entre as senhoras que participavam nos bailes.Para melhor exemplificar estas atitudes fazemos referência a um relato curioso apresentado no diário de um agricultor de Serpa, João Maria Parreira Cortez,relativamente a um baile que ocorreu no club da sua terra.Este membro da elite alentejana ,tinha regressado de Lisboa com sua esposa, local onde adquiriram o vestuário de luxo condigno da sua posição e que foi usado no baile do club ,nos inícios do ano de 1869.

Os trajos apresentados pela esposa de José Maria, “criaram imerecidamente invejas nas suas amigas de província ,que um tanto a incomodaram .Imerecidas pois que,tendo fortuna e meios independentes,em nada ofendia nem ofuscava ninguém ... o caso é que alguns maridos foram levados na corrente e criaram-se ,senão alguns inimigos ,pelo menos algumas contrariedades...a inveja em geral causou-nos algum desgosto ,não pelas pessoas mas pelas inconveniências que se fizeram...tratavam-na com securá”(25).

Este testemunho reveste-se de grande importância,porque evidencia todo um conjunto de intrigas inerentes às relações pessoais e que se transportam também para os espaços de sociabilidade considerados distintos .Para além deste aspecto,o relato permite-nos também considerar que existia em Serpa um clube que,provavelmente,teria características semelhantes à Sociedade Bejense ,em termos de actividades e membros constituintes.

Existiu, no entanto,uma preocupação e nítido esforço para pôr em prática este princípio da simplicidade.Procurou-se estabelecer um equilíbrio entre as senhoras, evitando situações desagradáveis de competitividade o que ,de certa forma ,alcançou alguns resultados. Estes efeitos foram evidenciados através da imprensa da época ,a qual noticia que numa das festividades que se realizou em Junho de 1874,foi referido que “a riqueza de umas toiletts casava-se perfeitamente com a singileza de outras, havia completa harmonia”(26).

(24)-Maria de Lourdes Lima dos Santos ,1983,Op.Cit.,pág.33

(25)-A.C.Matos,M.C.Andrade Martins,M.L.Bettencourt,Diário de Um Agricultor Alentejano (1832-1889),1982,pág.146

(26)-Jornal O Bejense,nº701,6 de Junho de 1874,pág.2

Existiram ,no entanto,ocasiões dignas de destaque ,nas quais as senhoras manifestaram uma preocupação determinante em termos de vestuário,nomeadamente aquando da visita do rei D.Carlos à cidade em 1893.

A vinda do monarca foi abrilhantada com um grandioso baile na Sociedade Bejense,embora as senhoras não tivessem de acordo com a sua realização,pois argumentaram que “não tem tempo de mandar fazer as toilettes”(27).

No jornal **O Bejense**,foi descrita com relativo pormenor toda a cerimónia que teve lugar na Sociedade Bejense concedendo ,desta forma,o merecido destaque a esta instituição por ter sido palco deste grandioso acontecimento.

Foi também descrito o vestuário usado pela rainha e estabelecida uma comparação com as restantes participantes na aparatosa festividade,a rainha destacou-se pela sua rigorosa toilette de baile e as senhoras apresentaram-se ligeiramente vestidas(28).

Decerto que, perante a rara oportunidade de conviver num mesmo espaço com as digníssimas majestades ,todas as participantes primaram no luxo ,no entanto, face à exuberância da rainha ,toda a ostentação se aproximou da simplicidade.

No que concerne ainda ao vestuário feminino a utilizar nos bailes ,cumpre-nos acrescentar que todos os elementos já referidos têm inerente,como regra-base, a preservação do decoro feminino,sendo este sinónimo de elegância .

Importa ter também presente que os bailes,tal como as reuniões e outras festas , assumiram -se como espaços exímios nas relações conviviais ,permitindo a existência de um clima propício à aproximação entre pessoas de sexos diferentes.A escolha destes espaços traduziu a inviabilidade de uma convivência frequente entre rapazes e raparigas ,sem a fiscalização de adultos (29).

No que se refere aos jovens,que acompanhavam os seus pais,nestas festividades,salientamos que todo este ambiente de requinte permitiu inculcar -lhe critérios de bom gosto e determinadas maneiras de estar que acabaram por reduzir as possibilidades de escolhas afectivas fora do seu meio social,situação que se verificou na Sociedade Bejense.

(27)-Jornal **O Bejense**,n.º 1690 ,27 de Maio de 1893 ,pág.1

(28)-Jornal **O Bejense** ,n.º1692,10 de Julho de 1893,pág.2

(29)-**Maria de Lourdes Lima dos Santos**,Op.Cit,pág.51

Consideramos relevante fazer referência a todo um conjunto de procedimentos que tinham em vista preservar o decoro feminino e ao mesmo tempo distinguir o grupo de elite que participava nestas festividades .

Alguns dos acessórios considerados indispensáveis eram o leque para as senhoras e as luvas para os cavalheiros, estes objectos assumiram a função de mediadores entre a mulher e um exterior de que necessita defender-se permanentemente .As luvas isolavam as senhoras do contacto das mãos masculinas e o leque servia para ocultar algumas fraquezas com que poderiam comprometer-se(30).

Todos os comportamentos, adoptados pelas damas eram comedidos e o mais reservado possível, regra esta que foi tanto mais respeitada , quanto menos privada fosse a cerimónia .

Os preceitos enunciados pautaram-se pela moderação e apesar destes princípios serem respeitados nos bailes , não impediram que tivesse reinado a animação e grande concorrência nestas festas, pelo que foram eleitos como espaços de convívio exímios na socialização dos indivíduos.

Importa acrescentar que esta animação era conseguida através da participação de bandas musicais e orquestras. Destacaram-se a Filarmonica, a orquestra do Regimento de Infantaria Dezassete e também dos Caçadores Seis.

A participação de alguns sócios ou convidados nas actividades musicais, serviu também para animar estes encontros, contribuiu para evidenciar os seus atributos. Estas actuações eram feitas, geralmente, em períodos estabelecidos como momentos de pausa , ou seja nos intervalos dos bailes.

Assim, foi noticiado , no periódico consultado , que num dos bailes realizados no ano de 1868” dançou-se animadamente e apenas houve descanço , enquanto se fizeram ouvir a Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup>. D. Lysie e os Srs. Gazul José e Francisco. Tocou violoncello o Sr. Francisco Freitas e piano o Sr. José Cândido de Castro e Sousa”(31).

A partir de 1850 o piano assumiu uma importância indiscutível , integrando-se desta forma num ambiente em que imperava o gosto pela música esta correspondia a uma profunda necessidade dos cidadãos e servia os interesses da sociedade da época(32).

(30)- Maria de Lourdes Lima dos Santos, Op. Cit., pág. 43

(31)- Jornal O Bejense, n.º 390 , 13 de Junho de 1868, pág. 3

(32)- Rui Casção, 1993, Op. Cit., pág. 525

Existia uma selecção muito cuidada em termos dos músicos convidados para abrilhantar o baile ,bem como dos reportórios executados pelas filarmónicas e até mesmo por parte dos sócios que concordavam em demonstrar as suas capacidades musicais .

No que se refere à periodicidade dos bailes ,assumiram particular destaque os bailes realizados na época do Carnaval,tendo estes decorrido com todos os perceitos próprios desta época festiva.Também se realizavam bailes mais solenes na Quinta - Feira de Corpo de Deus e os outros bailes realizaram-se para comemorar a visita de algum ilustre a esta cidade ou também com propósitos de benemérito.

Como foi referido,existiram na Sociedade Bejense bailes considerados de caridade, nos quais concedemos particular destaque ao papel importantíssimo assumido pelas senhoras,salientamos ainda que num destes bailes responsabilizaram-se por todas as despesas.

Era próprio dos grupos sociais privilegiados a participação em actividades de beneficência,esmeravam-se em passar por membros úteis da sociedade.Estes seus contributos eram publicados na imprensa como atestados de civismo e sinais seguros de distinção social(33).

A importância dos sócios em termos económicos ,permitia que muitos deles concedessem donativos avultados e participassem activamente em comissões formadas com fins filantrópicos ,consequindo desta forma adquirir protagonismo social .

O Jornal consultado refere que um destes bailes foi organizado pela subcomissão de socorros aos inundados ,da qual faziam parte muitos dos sócios da Sociedade Bejense,tendo por objectivo angariar fundos para ajudar , as vítimas dos últimos temporais(34).

Consideramos importante enumerar alguns dos bailes que foram efectuados,no espaço da Sociedade Bejense ,com o propósito de homenagear determinadas individualidades importantes que visitaram a cidade ,assumiu particular destaque o baile dado em honra do rei em 1893 que já foi descrito, anteriormente , neste mesmo ponto do trabalho.

(33)- Rui Ramos,"O Estado e o Patriotismo " in *História de Portugal* ,(Dir.José Mattoso),Vol.VI,1993,pág.73

(34)- Jornal *O Bejense*,nº 836,6 de Janeiro de 1877,pág.2

No ano de 1895 ,foi também oferecido um baile ao comandante e oficiais das forças de artilharia da Escola de Vendas Novas ,que visitaram a cidade (35).No ano seguinte, e no que se refere ainda ao campo militar ,importa destacar também a recepção feita ao tenente Sanches de Miranda na Sociedade Bejense.Esta individualidade foi, magnificamente, homenageada com uma soirée e um baile ,tendo-lhe sido conferido o diploma de sócio honorário desta Sociedade(36).

Podemos concluir que a sociedade facilitava a integração de alguns dos indivíduos dignos de destaque,que visitavam a cidade ou que nesta se fixavam, temporariamente,permitindo-lhes também usufruir de alguns momentos de lazer.

Relativamente ao sucesso destes encontros festivos,apesar de bastante acentuado,não decorreu de forma linear e foi interrompido por alguns rasgos de impopularidade,que serão analisados de seguida.

Como foi referido no ponto anterior,relativo às reuniões ,existiu uma quebra de animação e concorrência nestes encontros ,o que também se reflectiu nos bailes ,uma vez que muitos destes acompanhavam as reuniões.

Cumprе acrescentar algumas informações que justificam o decréscimo em termos de participação e animação nos bailes.Assim,no ano de 1878,foi determinada a sua supressão (37), como não existiu referência a estas festividades até final desse ano,consideramos que estes só teriam ocorrido em 1879,embora com pouca animação, como foi referido na imprensa local(38).

Os factores que contribuíram para este esporádico insucesso,como já foi referido no ponto anterior ,tinham a ver com a relativa participação das senhoras nestes encontros e também em virtude de problemas económicos na Sociedade,tendo esta contraído um empréstimo em 1875 para melhoramentos no edificio.

Existiu uma preocupação em renovar o espaço físico,a que correspondia a Sociedade Bejense ,este foi alvo de uma decoração primorosa, nomeadamente ,no salão de baile,considerado como local privilegiado,por nele terem ocorrido todo um conjunto de festividades dignas de relevo.

(35)-Jornal O Bejense,nº1803,27 de Julho de 1895,pág.1

(36)-Jornal O Bejense,nº1878,28 de Novembro de 1896,pág.2

(37)-Jornal O Bejense ,nº927,5 de Outubro de 1878,pág.2

(38)-Jornal O Bejense,nº963 ,14 de Junho de 1879,pág 2

O esplendor dos bailes passou também por todo um rigor decorativo ,que teve como objectivo responder às solicitações de uma clientela seleccionada e ao mesmo tempo projectar uma imagem de bom gosto que os distingue dos restantes grupos sociais existentes.

Relativamente a esta projecção e requinte auferidos pela sociedade, importa acrescentar uma descrição deste espaço feita por um viajante que esteve na cidade em 1867 :“Continuando o nosso passeio,fomos ao Club,que é de muito gosto e muito bem mobilado,a caza é própria ,tem um bom bilhar e uma salla de bayle formidavel,os socios são em extremo obzequiadores,o que acontece quasi em todos os habitantes de Beja”(39).É de notar que era comum encontrar a designação de “Club”,referente à Sociedade Bejense,por ser este um termo,vulgarmente,aplicado na época e que ainda hoje se utiliza para identificar este espaço.

Os elementos que participavam nos bailes da sociedade gozavam do reconhecimento social,para comprovar este facto ,acrescentamos uma frase , retirada de um periódico local ,na qual foi feita a descrição de um dos bailes da Sociedade Bejense,considerando que nele estava “ o melhor de Beja”(40).

Curiosamente foi utilizada esta mesma expressão ,relativamente ao Club Lisbonense,que se destacou também por ter a finalidade de iniciar a época dos bailes no mês de Janeiro,desta forma assumiu também um carácter exclusivista ,por abrir a porta apenas “ à melhor sociedade”(41)

(39)-Carlos Basto,Vlagem a Beja e Évora em 20 de Junho de 1867(manuscrito inédito),pág.20

(40)-Jornal O Bejense.nº701,6 de Junho de 1874,pág.2

(41)-Rui Cascão,Op.Cit.,pág.528

### 3.A “Sociedade do Espêto”:Um Espaço de Convívio Selectivo

#### 3.1-Objectivos e Estatutos

O estudo da “Sociedade do Espêto”, como um espaço de convívio que se encontrava integrado na Sociedade Bejense, foi fundamentado numa obra da época, escrita por um dos sócios que participava nestes encontros (42). Esta fonte revestiu-se de extrema importância, uma vez que nos retrata, primorosamente, todas as actividades desenvolvidas pela “Sociedade do Espêto”, descreve também todo o ambiente social envolvente, identifica os membros constituintes, bem como a origem e objectivos que presidiram à formação desta sociedade entre os anos de 1908 a 1914.

Importa referir que estes encontros, tão peculiares, surgiram por iniciativa de um dos sócios da Sociedade Bejense que, numa Terça -Feira de Entrudo, decidiu organizar um convívio em sua casa, para o qual convidou todos os outros sócios. Desconhecemos a data desta iniciativa, contudo a descrição presente na obra de Ernesto de Carvalho, e apresentada seguidamente, permite-nos concluir que teria sido bastante remota: “Perde-se na nebulosidade do tempo o ano em que Manuel Santana da Lança Cordeiro... teve idêa de, pela primeira vez... dizer na sala do bilhar desse Club: Eh! Rapazes, quem quizer comêr e bebêr venha d’ái, a mêsá lá está posta em casa”(43). Com base nesta citação, podemos concluir que esta ideia originária surgiu de forma espontânea, facto que a diferencia, claramente da Sociedade Bejense, ou “Club” como também foi designado nesta obra, (44) cuja fundação implicou reuniões prévias entre os sócios fundadores.

A identificação do perfil sociológico do sócio que implementou a fundação da “Sociedade do Espêto” e daqueles que, posteriormente, o seguiram constitui um elemento importante na determinação do carácter distinto, que foi apanágio das actividades desenvolvidas por este grupo de sócios. O patriarca das ceias, designação com que ficou conhecido Manuel Santana da Lança Cordeiro (45), destacou-se pelo seu elevado prestígio adquirido a nível social.

(42)-Ernesto de Carvalho, *O Espêto*, Lisboa, Tipografia Universal, 1914

(43)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág. 14

(44)-Importa diferenciar de um outro espaço de sociabilidade existente em Beja, designado Club Artístico Bejense

(45)Ver biografia, anexo, pág. 358

Esta condição dignificante ficou a dever-se ao seu elevado poder económico, proveniente da acumulação das funções de juiz, proprietário e lavrador. Para reforçar a sua preponderância, acrescentamos que este sócio participou nas actividades político-administrativas implementadas a nível local. Foi também agraciado com a Comenda da Conceição, condecoração esta que mereceu destaque na imprensa local e nacional, uma vez que foi noticiada também no jornal **Diário Popular**.

O carácter de requinte atribuído a estes encontros, evidenciava claramente, todo um estilo de vida próprio do grupo de sócios que implementou estas actividades. Todos os cuidados implementados nestes encontros visavam uma organização exímia, característica que foi implementada, primeiramente, pelo sócio considerado fundador da “Sociedade do Êspeto” e continuada pelos restantes sócios que o sucederam como anfitriões das festividades.

Importa referir que, apesar de ter tido origem num acto espontâneo, esta sociedade assentou numa organização estatutária bem definida que passamos, seguidamente, a analisar. Os estatutos revestiram-se de uma importância determinante para compreender o funcionamento de toda a sociedade. Em 1910 foram realizados os primeiros estatutos, considerados provisórios. Estes contavam com apenas três artigos e foram feitos, espontaneamente, no decorrer de uma ceia oferecida por Ernesto de Carvalho.

Posteriormente, foram aprovados os estatutos considerados definitivos, que contavam com um total de sete artigos, tendo esta aprovação decorrido no primeiro dia do mês de Maio de 1911, na Quinta do Mongeraldo, local onde se realizou o piquenique, oferecido pelo sócio Alfredo Padinha.

Procedemos, de seguida à análise do conteúdo dos estatutos, tendo em vista permitir uma melhor compreensão de todos os procedimentos inerentes a esta sociedade.

Consideramos importante começar por justificar a designação de “Sociedade do Espêto”, atribuída a estes encontros entre sócios. Esta denominação surgiu no artigo segundo dos estatutos provisórios e fundamentou-se no facto do “Espêto”, constituir o símbolo desta sociedade. Acrescentamos que no artigo primeiro dos estatutos definitivos, foi feita uma breve, mas muito curiosa, análise que caracteriza o espírito animador destes encontros.

Desta forma foi referido que a “Sociedade do Espêto” ,foi considerada anónima “porque ninguém neste mundo se conhece”(46) e de responsabilidade ilimitada ,uma vez que o sócio que foi responsabilizado para dar a festa ,pode escolher qualquer ementa.Também ficaram explícitos nos estatutos ,os propósitos que presidiram à formação deste espaço de lazer ,foi referido que “esta *sociedade* só tem por fim passar alegremente algumas horas da noite destinada à esturdia ,confraternizando os seus sócios ,alheios ,por momentos ,a coisas sérias ,por principio algum será admitida a nota política”(47).

A concretização dos objectivos supra -citados ,implicava a realização de encontros, festas e outras actividades, que contribuíram para estreitar os laços de amizade,entre os sócios, tornando estas relações quase familiares.Estes princípios eram, necessariamente,similares aos que foram estabelecidos na Sociedade Bejense,à qual pertenciam todos os membros da “Sociedade do Espêto”.

Como foi referido, em cada uma das ceias realizadas ,era escolhido o sócio responsável para oferecer a ceia do próximo ano.Esta escolha não era feita de forma aleatória,implicava a formação de um júri .Em termos da composição do júri ,esta sofreu alterações ,relativamente ao que ficou estipulado nos estatutos provisórios, assim este passou a ser composto,por mais uma pessoa ,ou seja ,pelos três sócios que deram a última ceia ,também designados por *espetados*.

Foram também especificados nos estatutos ,nomeadamente na alínea a,do artigo primeiro,alguns pormenores tidos em conta no acto da nomeação feita pelo júri.Estava consignado que “esse júri reunirá nessa casa a um cantinho ,logo que veja jeito do champagne entrar em acção ,e quando julgar oportuno baterá trez vezes as palmas,gritando:*a nós catitas*”(48).

A minuciosa organização dos procedimentos adoptados na escolha do indivíduo a quem coube presentear os outros sócios com a próxima ceia ,celebrizou-se pelo rigor e solenidade.

(46)-Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit. .Pág.68

(47)-Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit..Pág.70

(48)-Ernesto de Carvallho.1914,Op.Cit.Pág. 30

Nos estatutos provisórios ficou estabelecido que era feito um cortejo através do qual o sócio que se destacasse pelo bom humor e animação entregava ao eleito, o “Espêto” enfeitado com um ramo, assumindo desta forma a designação de “Ramo - Espêto”. Estes procedimentos adoptados na cerimónia de entrega do espêto, foram alterados nos estatutos de 1911, desta forma, no artigo sétimo dos estatutos, foi estabelecido que “o *espetano* futuro receberá o “Espêto” da mão do *Espetano* - presente”(49).

No artigo terceiro dos primeiros estatutos, foi estabelecido que os sócios, contemplados nesta escolha, não deviam apresentar desculpas para não oferecer a ceia, pelo que o indivíduo que entregava “o Espêto” usava sempre uma linguagem persuasiva, procurando desta forma convencer os eleitos.

Outro aspecto considerado inovador, relativamente aos primeiros estatutos, relacionou-se com a nomeação de três sócios como possíveis anfitriões das ceias, assim um destes sócios constituía o membro efectivo e os outros dois substitutos, tendo em vista garantir a realização da ceia, caso existisse impossibilidade por parte de qualquer um dos eleitos. Salientamos que não existia qualquer obrigatoriedade na aceitação do “Espêto”, no entanto uma vez aceite “só o suicídio ou futilidade d’egual jaez o póde livrar do *Espetano*”(50).

Quanto ao local e data referidos para realização das ceias, estas teriam que ocorrer sempre na cidade de Beja, na Terça -Feira de Carnaval, podendo ser realizadas na casa do *Espetano* ou num hotel, conforme a sua vontade. A data e local da festa só eram alterados, mediante acordo do júri e do indivíduo eleito para realizar a ceia, o que evidencia a excelente organização e rigor destes encontros.

O simbolismo inerente a estas festividades revela o pormenor e ostentação que distinguiam estes encontros. Como foi referido no parágrafo anterior as ceias só podiam ser realizadas em espaços que proporcionassem esta selectividade, desta forma, consideraram, unicamente, como locais apropriados, a casa do sócio eleito ou então um hotel. Todo o ambiente de aparato que envolvia a “Sociedade do Espêto”, refletia o carácter distinto dos seus membros, aspecto, necessariamente, similar ao que se passava na sociedade Bejense, a que todos estes sócios pertenciam.

(49)-Ernesto de Carvalho. 1914. Op. Cit., pág. 70

(50)-Ernesto de Carvalho. 1914. Op. Cit., pág. 69

Acrescentamos,todavia,que a representação simbólica assumiu um papel determinante na “Sociedade do Espêto”,constituiu ,por si só ,um instrumento de imposição ou de legitimação da classe dominante ,distinguindo-os das outras classes .

Neste contexto importa referir que esta necessidade de afirmação ,implica ,muitas vezes , uma luta simbólica estabelecida entre os diferentes grupos sociais,tendo em vista a imposição de um mundo social mais conforme aos seus interesses,reproduzindo, desta forma as suas próprias posições sociais(51).

No que concerne ao “êspeto”este símbolo,para além de fundamentar designação atribuída à sociedade,foi também valorizado como elemento que consolidou a projecção social destes encontros e dos seus membros constituintes.

Com base no que foi referido, e para reforçar a importância simbólica desta sociedade ,acrescentamos uma citação bastante elucidativa deste facto : “símbolo augusto ,que atravessando a sociedade de Beja, vai “ assar “ em cada Terça-Feira gôrda um dos seus membros, como se êle fôsse peça de porco,como se ele fôsse peça de caça...”(52).

A importância assumida pelo símbolo no seio da sociedade ,foi também evidenciada através do conjunto de recomendações ,concedidas aos sócios a quem foi entregue o “Espêto”.Assim ,foi referido no sétimo artigo dos estatutos que o” Espêto”,deve ser guardado com extremo cuidado,deveriam proceder à sua limpeza e mandar gravar a data e o nome do *Espetado* que deu a ceia ou juntar uma fita com esses elementos.

Como nota final dos estatutos foi estabelecido que, caso se procedesse à dissolução da sociedade ,”o individuo ,que em seu poder tiver o *Espêto*,deverá dele fazer entrega ao Museu desta cidade,para que os vindouros ,admirando o nosso bom gôsto e o fundo moral e social que ha nestas nossas festas,ao olharem esse simbolo,cobrem fôrças para entrar no bom caminho por nós seguido”(53) .Consideramos que esta citação evidencia o pendor exclusivista que envolvia esta sociedade ,que se distinguiu pelo bom gosto e requinte .

(51)-Pierre Bourdieu . *O Poder Simbólico* .Lisboa ,Difel ,1989,pág.11

(52)-Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit.,pág.35

(53)-Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit.,pág.71

Todo este contexto embuído de valores morais e sociais próprios de um grupo de elite, deveria ser transmitido e continuado pelas gerações seguintes.

Existia a necessidade de perpetuar esta tradição e ao mesmo tempo inserir os jovens neste ambiente de sumptuosidade para o qual deveriam estar dispertos.

Os membros da sociedade assumiram um papel importante na renovação da sociedade ao implementar a participação dos jovens nestes encontros .

A imagem dos sócios mais antigos e as actividades implementadas por este grupo de indivíduos ,facultavam aos jovens o contacto com os critérios de bom gosto e atitudes distintas ,aprendiam desta forma a valorizar o seu próprio meio e a reconhecer as suas fronteiras.

### 3.2-Actividades Desenvolvidas

A importância e projecção social adquiridas pela “Sociedade do Espêto”, ficaram a dever-se à acção dinâmica de um grupo de indivíduos que se distinguiram, socialmente, e que desenvolveram actividades marcadas por um cerimonial rigoroso, no qual estavam implícitos imperativos sociais distintos.

Esta sociedade não se constituíu com o objectivo de desenvolver actividades concorrencias, relativamente à Sociedade Bejense, sendo nesta instituição que radica a sua origem.

As actividades promovidas pela “Sociedade do Êspeto” ,restringiram-se às profusas ceias e piqueniques , uma vez que, as outras actividades mais formais, como os bailes e reuniões eram implementados pela Sociedade Bejense.

No ponto anterior do trabalho, relativo aos objectivos e estatutos referimos muito genericamente ,alguns dos procedimentos inerentes a estas actividades .

Iremos analisar, seguidamente, toda a organização subjacente à realização das ceias e piqueniques, quer em termos da periodicidade das mesmas, da projecção social alcançada ,bem como dos valores que estão implícitos a estas actividades.

Em 1910, quando foi aprovado o projecto de estatutos da autoria de Ernesto de Carvalho, foi , igualmente , proposto por este sócio que se realizassem duas ceias por ano ,uma na Terça-Feira de Carnaval e outra por ocasião das festas do Sacramento.

Este calendário foi alterado no ano seguinte por iniciativa do júri composto pelos senhores :Manuel Gerardo, Ernesto de Carvalho e Dr. Castro e Brito, decidiram que uma das ceias anuais ,fosse substituída por um piquenique ,a realizar no dia um de Maio , numa quinta ou qualquer outro local escolhido na ceia do Carnaval.

Importa sublinhar que estas festividades eram interditas aos elementos do sexo feminino ,no entanto muitas das esposas dos indivíduos a quem competia oferecer a ceia ou piquenique, participavam na preparação destes banquetes e recebiam elogios e agradecimentos pelo trabalho prestado.

Consideramos oportuno fazer referência às palavras de Ernesto de Carvalho, proferidas num destes encontros :”As boas senhoras aqui fica consignado o reconhecimento dum dos *sócios do Espêto*, visto que não é permitido nessa sociedade que elas venham a estas festas receber as homenagens e saudações respeitadas “(54).

(54)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit. pág.27

O elemento feminino foi considerado responsável pelo progressivo aperfeiçoamento e requinte que as ceias e piqueniques alcançaram, conferindo-lhe, igualmente, um espírito de competição notória, no que se refere à organização destas festividades.

No sentido de reforçar o que foi dito, no parágrafo anterior, acrescentamos uma citação de Ernesto de Carvalho: “de ano para ano, essas ceias *requintam*, esmeram-se as boas donas de casa para que a festa dada por seus maridos, aos *sócios do Espêto*, em nada desmereça das transactas(55).

Esta competitividade era própria de uma mentalidade pautada pela necessidade de reconhecimento social e que para este efeito, estava embeuza de todo um ambiente sumptuoso, o qual permitia a projecção da sua imagem.

As ceias refletiam pelos procedimentos adoptados, pelo pormenor da escolha das ementas e os cuidados decorativos dos espaços toda a distinção que era apanágio dos membros da “Sociedade do Espêto”.

Como foi referido no ponto anterior deste trabalho, a primeira ceia, foi realizada pelo sócio Manuel Santana, ao qual se seguiram, como organizadores, Manuel Bravo Gomes e Manuel Gerardo.

O último indivíduo instituiu o uso de convite(56), que reflete, pela dose de humor subjacente, o espírito de animação que caracteriza estes encontros. Constituiu um novo meio de expressão do código de civilidade, reflectindo a selectividade destes encontros e exprimindo, desta forma a separação entre esta sociedade e a vida mundana (57).

À realização das ceias e piqueniques, estava inerente, um conjunto de elementos que constituíram a simbologia desta sociedade. Como já foi referido, existia o famoso “Espêto”, porém é de salientar que para além deste símbolo, foi inventado também um hino.

O primeiro hino considerado “estrombótico”(58), foi apresentado por João Fonseca e constituía um dos pontos solenes do programa de todas as ceias carnavalescas, este foi substituído em 1913, por um novo hino, intitulado *Hino do Espêto*.

Na ceia oferecida pelo sócio Joaquim Carvalho que teve lugar, numa sala, devidamente, ornamentada de um hotel, estreou-se, solenemente, com acompanhamento de orquestra, o hino oficial da sociedade.

(55)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág. 27

(56)-Os convites descreviam, com originalidade o programa das ceias e com o recurso a uma linguagem apelativa, procuravam convencer os sócios a participar nestes encontros, apresentamos em anexo três exemplos de convites utilizados, com características muito diferentes, mas que exprimem o espírito animador destas actividades, ver anexo, pág. 435

(57)-Maria de Lourdes Lima dos Santos, 1983, Op. Cit., pág. 44

(58)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág. 18

Este hino foi composto pelo distinto músico ,o alferes Francisco Vargas e,apesar do seu rigor e perfeição, ”Essa peça musical há de lutar com grandes dificuldades porém *para deitar por terra* o seu antecessor o *Velho hino do Espêto*... feito por todos os sócios *músicos e não músicos*,nascido num *momento d` inspiração*,n` aquela célebre noite da *Ceia do Manuel Gerardo*(59).

A relação entre o aspecto simbólico e o poder económico era, facilmente, evidenciado através das actividades implementadas. As ceias e piqueniques estavam envolvidos por toda uma exuberância e luxuosidade, que constituíam elementos identificadores de um grupo social específico e restrito. Os sinais exteriores de riqueza manifestaram-se na decoração cuidada dos espaços e em todo o cerimonial envolvente.

A referência aos cristais utilizados à mesa ,o champagne, a existência de criados e piano, presentes em grande número das casas onde se efectuaram as festividades, constituíram alguns símbolos de distinção ,inerentes à “Sociedade do Espêto”.

Nestes encontros acentuava-se a necessidade de receber com grandeza, desta forma, as ceias constituíram um “pretexto de ostentação, iluminação, baixella, argenteria, roupas de mesa ,vinhos, serviço de cozinha e copa ,tudo deve corresponder à fortuna e ao gosto dos amphitryões”(60).

Ao longo da obra de Ernesto de Carvalho deparamos com magníficas descrições que evidenciam todas estas práticas de etiqueta e luxuosidade presentes nas festas, seleccionámos uma citação, que nos pareceu bastante elucidativa:”As mesas cintilantes de pratas e cristais , policromas belas flores coroadas os solitários lapidados, tentadoras pelas iguarias que sorriam nas travessas enormes de loiças caras...”(61).

Existia por parte dos *Espetados* uma preocupação pelo rigor que era, sobretudo, evidenciada na decoração dos espaços , assim as salas surgiam artisticamente decoradas, proporcionando aos presentes um convívio de requinte.

Estas festas nem sempre ocorreram na casa dos sócios ,em 1913, Joaquim de Carvalho por estar a residir em Lisboa ofereceu a ceia num hotel da cidade, ”a mesa muito bem posta pelos criados dum *restaurant* de Lisboa que forneceu a ceia , estava linda pelos cristais e flores que a ornamentavam.”(62).

(59)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág. 156

(60)-Maria de Lourdes Lima dos Santos. 1983, Op. Cit. , Pág. 45

(61)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., Pág. 42

(62)-Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág. 146

Esta referência evidencia a selecção cuidada do local ,onde se realizavam as ceias,e a importância da etiqueta nestes encontros,valorizando ,sobretudo, o aspecto decorativo .Desta forma o sócio,Joaquim de Carvalho , primou pelo requinte,uma vez que recorreu a um restaurante da capital,cujos serviços se destacaram

A relação estabelecida entre a “Sociedade do Espêto”e alguns elementos vindos da cidade de Lisboa,demonstra que estes encontros adquiriram uma projecção notória e ultrapassaram o espaço local.

Os jornais locais da época,nomeadamente **O Bejense** e a **Folha de Beja**,<sup>(63)</sup> contribuíram para aumentar a projecção das festas desenvolvidas por esta sociedade.Estes periódicos noticiavam todas as actividades desenvolvidas e faziam referência aos atributos sociais dos participantes.

O jornal **A Folha de Beja**,na notícia que apresentou relativamente à ceia oferecida pelo sócio ,Manuel Gerardo,referiu que esta contou com a presença de”grande número de cavalheiros da nossa primeira sociedade”,foram recebidos com “os máximos requintes d’amabilidade e fidalguia” <sup>(64)</sup>

Referências similares , foram feitas,relativamente a outras actividades implementadas,o que denota a importância social deste grupo específico que constituiu a Sociedade Bejense e neste caso particular a “Sociedade do Espêto”.

Os comportamentos ponderados,valores e apresentação cuidada destes indivíduos, considerados pelos periódicos da época ,como a *melhor sociedade de Beja*,eram também dignos de destaque na imprensa .

Cumpre-nos salientar que os periódicos constituíram preciosos repositórios informativos que,por sua vez ,nos permitiram identificar e conhecer o percurso de vida dos grupos dominantes em termos locais,bem como difundir a cultura própria de um grupo burguês em ascensão,o que imprimiu à sociedade oitocentista novos hábitos de sociabilidade.

Acrescentamos que, o padrão de comportamento próprio deste grupo de elite ,foi digno de destaque ,por parte da imprensa,desta forma na sua obra Ernesto de Carvalho,faz referência a uma notícia do jornal **O Bejense**,na qual foi descrita uma das ceias da sociedade ,como apanágio de ”gente educada que sabe ,por isso mesmo,

(63)-Relativamente a este jornal,apenas tivemos acesso às informações presentes na obra de Ernesto de Carvalho,uma vez que não se encontram disponíveis exemplares deste periódico na Biblioteca Pública ou Arquivo Distrital da cidade.

(64)- **A Folha de Beja**,s/d,(citado por Ernesto de Carvalho,1914,Op.Ct.,pág.22)

coniliar as manifestações d'alegria, ainda as mais ruidosas com as exigências d'educação ,de pessoas que se présam, mantendo uma linha de conduta irrepreensível mesmo na Terça-Feira d' entrudo”(65)

Esta citação permite-nos concluir que os sócios da “Sociedade do Espêto” adoptaram comportamentos moderados, não lhes sendo, eticamente, permitido manifestar atitudes originais ou extravagantes, consideradas incompatíveis com um tipo de vida regido pelo trabalho e pela moderação (66)

Estas atitudes também passaram ,necessariamente ,pelo vestuário ,como já tivemos oportunidade de descrever num dos pontos anteriores do trabalho(67). Desta forma, o requinte distinguiu os elementos da elite, dos demais membros da sociedade, constituindo-se, desta forma ,como um grupo fechado ,com padrões elitistas aos quais era difícil ascender.

Testemunho da coesão existente neste grupo de indivíduos, que fizeram parte da “Sociedade do Espêto” ,foi ,sem dúvida, a forte amizade que reinou entre eles ,o que proporcionava um convívio honesto e saudável. Na sua obra ,Ernesto de Carvalho evidenciou este aspecto ,quando descreveu uma das festas realizadas: “ceia opípara, na qual do principio ao fim reinou a maior animação ,a maior alegria, a mais bela fraternidade” (68)

Ainda no que diz respeito aos hábitos comedidos e veiculados por este grupo de elite, e na sequência do que foi dito relativamente à moderação a respeitar mesmo na Terça -feira de Carnaval ,cumpre-nos acrescentar que esta data festiva ,correspondeu a “uma época de anarquia social controlada (69)

No entanto, e apesar desta quadra ter perdido ,durante a segunda metade do século XIX, muita da agressividade própria do período anterior, que “só haviam deixado vestígios entre os indivíduos das classes baixas da sociedade ”(70) o Carnaval da década de setenta ,manteve a sua espontaneidade e alegria .

Prova deste facto ,foram ,sem dúvida as manifestações carnavalescas, desenvolvidas pelos membros da “Sociedade do Espêto”, das quais destacamos uma das práticas que assumiu maior importância ,por ter conciliado a animação e divertimento com os fins filantrópicos .

(65)- Ernesto de Carvalho, 1914, op. cit., pág. 194

(66)-Irene Vaquinhas, Rui Casção, “Evolução da Sociedade em Portugal :A Lenta e Complexa Afirmção de uma Civilização Burguesa 2, Op. Cit., pág. 451

(67)-Ver pág. 126

(68)- Ernesto de Carvalho, 1914, op. cit., pág. 18

(69)-Rui Casção, “Vida e Quotidiana e Sociedade”, 1993, Op. Cit., pág. 538

(70)- Ernesto de Carvalho, 1914, op. cit., pág. 16

Suscitou a curiosidade de toda a população local uma “mascarada que em 1909, se tornou notável ,percorreu as ruas da cidade -era a dos *Espiritistas* (estava ,então, mais uma vez em moda a *ciencia oculta...*),representada por três homens vestidos de fantasmas ,metidos num trem e sob uma mesa de pé de galo... muitas pessoas lançavam das janelas sobre essa mēsa o que a generosidade lhes pedia ,sendo assim recolhidos setenta mil réis com que ...mandaram fazer para o Hospital Civil de Beja ,um belo fogão de cosinha”(71)

Esta citação evidencia o esforço implementado pelos sócios para passarem por membros úteis da sociedade,esta sua participação em actividades de beneficência era, geralmente ,noticiada na imprensa ,o que demonstra a necessidade de reconhecimento social evidenciada por este grupo de elite.

Também é de salientar a originalidade das máscaras ,face aos anos anteriores ,existia uma notória procura de bom gosto ,que também era evidenciado nos famosos bailes de máscaras , realizados na Sociedade Bejense.Facto que veio contrariar a ideia de muitos escritores da época ,que consideravam que “os Portugueses nunca tinham tido graça nem originalidade para se mascararem ,até pelo facto de andarem disfarçados (daquilo que não eram )durante todo o ano”(72)

Outra das actividades que celebrizaram a “Sociedade do Êspeto” foram ,sem dúvida ,os habituais piqueniques,os quais tal como as ceias , eram interditos às senhoras.

Apesar da “Sociedade do Espêto” não permitir a presença feminina nas diversas actividades implementadas,consideramos oportuno referir que os piqueniques eram considerados um hábito extremamente perigoso,descritos como “excursões que só são recomendáveis para as senhoras quando *entre familia*,como nestes passeios reina uma certa liberdade devem mostrar-se reservadas e não se isolarem”(73)

Estas actividades contribuíram para a dinamização da própria cidade de Beja ,uma das situações que evidencia o que anteriormente foi referido, diz respeito ao primeiro piquenique .

Este ocorreu na Quinta do Mongeraldo ,pertencente a Alfredo Padinha, e desencadeou grande azáfama à porta da Sociedade Bejense ,”trens e automóveis,criados e patrões ,aqueles vergados ao peso d`enormes cestos de lanche, d` encantadoras *corbeilles* de rosas finissimas ...”(74)

(71) Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit.,Pág.16

(72) -Rui Cascão ,1993,Op.Cit.,Pág.539

(73) -Maria de Lourdes ,1983,Op.Cit.Pág.42

(74) -Ernesto de Carvalho,1914,Op.Cit.,pág.54

A citação remete-nos também para o papel submisso dos criados , neste sentido acrescentamos que a relação estabelecida entre os amos e os criados diferiu do século XVIII para o século XIX, impuseram-se novas regras que se caracterizaram pelo afastamento físico e maior reserva na comunicação com os criados.

Uma das novas regras de etiqueta dos grupos distintos, consistia na demarcação das distâncias , no espaço social , entre os que se fazem servir e os que servem (75).

Nas diversas actividades desenvolvidas , os membros constituintes da “Sociedade do Espêto “, eram também acompanhados pelos fotógrafos (76) , estes assumiram um papel importante nestes encontros , uma vez que contribuíram para a perpetuação das imagens que marcaram estes momentos requintados de lazer.

A fotografia funcionou como um instrumento de legitimação do poder, permitia que na memória dos sócios, e de toda a sociedade, permanecessem estas festas , sempre recordadas pela profusão que lhe estava inerente.

Ernesto de Carvalho evidenciou, na sua obra, toda a projecção alcançada por estes encontros referiu que “Passados dias , em Beja , ainda se falava na sumptuosidade desta festa e principalmente na amabilidade do seu anfitrião ...” (77)

O requinte na organização e comportamento distinto, também se manifestaram nos piqueniques , embora estes proporcionassem uma maior liberdade de acção por parte dos participantes.

Com base no que foi referido , relativamente , ao ambiente destes encontros, podemos concluir que estes não se organizavam , de forma espontânea , os sócios a quem competia oferecer o banquete ou piquenique , faziam todos os preparativos com a antecedência de um ano.

Todo este período de preparação conduzia a magníficas festas, compostas pela ceia ou banquete e também por um programa de actividades que visava o animação dos sócios .

(75) -Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., Pág.31

(76) -Ver fotografias no anexo . pág.434

(77) -Ernesto de Carvalho, 1914, Op. Cit., pág.157

### 3.3.Membros Constituintes

Com base nas descrições efectuadas nos pontos anteriores ,podemos depreender a importância social dos membros que constituíram a “Sociedade do Êspeto”, através de todo o aparato que envolvia estes encontros . A organização de requinte e a projecção alcançada pelas actividades desenvolvidas,refletia ,indubitavelmente,todo o reconhecimento social inerente ao grupo que protagonizava estes convívios peculiares . Os dados disponíveis permitem-nos caracterizar os membros que faziam parte da “Sociedade do Êspeto”,recorremos, para o efeito e quase exclusivamente,aos elementos fornecidos pela imprensa local , cadernos de recenseamento e registos paroquiais .

A reconstituição biográfica dos indivíduos em questão,à semelhança do que foi estabelecido no primeiro ponto deste trabalho,foi feita, com base nos seus atributos sociais ,ou seja ocupação profissional ,habilitação literária,acção pública em termos locais e muitas vezes nacionais.

A “Sociedade do Êspeto” era formada por cento e dez membros(80),número este a que tivemos acesso através das referências feitas por Ernesto de Carvalho,que procedeu à identificação dos sócios que participaram nos diversos encontros.

Deste total de sócios foi feita a reconstituição biográfica de apenas trinta e oito ,o que corresponde a uma percentagem de 34,5% dos membros que constituíam a “Sociedade Bejense”,a inexistência de dados impediu a caracterização dos restantes membros.

Em termos profissionais podemos concluir que existiu um maior número de proprietários,o que corresponde a 24% ,os funcionários representaram 13%,imediatamente seguidos dos militares que representaram 11% e com uma percentagem de 8% ,estavam os comerciantes ,médicos e proprietários /juizes. O predomínio exercido pelos proprietários e funcionários está em conformidade com os dados referentes,quer aos sócios fundadores, membros da direcção ou no que respeita à totalidade dos sócios.É de salientar a importância numérica dos militares,que se assumiu como um facto específico da “Sociedade do Êspeto”(81).

(80)-Ver lista total de sócios ,anexo ,pág. 436

(81)- Ver gráfico nº 36 anexo, pág. 419/tabela 11, pág.412.

No que concerne aos dados relativos à instrução literária dos membros da “Sociedade do Êspeto”, importa salientar que a 66% dos sócios ,não foi possível identificar a formação literária,o que corresponde a um total de vinte e cinco membros.

Os bacharéis assumiram um destaque considerável ,uma vez que 32% dos sócios reuniam este grau superior de instrução literária ,o que correspondia a doze dos trinta e oito sócios analisados(82).

Os membros da “Sociedade do Êspeto”,no que se refere à preponderância em termos de acção pública, não se afastam dos dados correspondentes aos sócios fundadores e também à análise total dos sócios,uma vez que ambos registaram o domínio das actividades de beneficência e caridade,seguidas das actividades culturais e interesses materiais e atitudes económicas(83),embora estas digam respeito à acção privada. Neste sentido importa salientar o pendor filantrópico dos membros que compõem esta sociedade em particular e a Sociedade Bejense em termos gerais. Esta faceta humanitária constitui um dos meios utilizados por este grupo social ,para conseguir legitimação social.

Relativamente às funções político -administrativas desempenhadas ,importa acrescentar que existiu uma preponderância de funções diversas ,designadas, genericamente ,por outras funções,estas englobavam uma multiplicidade de aspectos da vida político -administrativa local,distrital e também nacional.

Desta forma ,estavam englobadas, neste indicador ,actividades relacionadas com as assembleias eleitorais ,tribunal de polícia correcional e tribunal administrativo,comissão de recrutamento e comissão de viacção.Estavam também incluídos nas outras funções ,os cargos de delegado do procurador régio e de deputado ,função esta que assumiu uma projecção notória em termos nacionais e foi desempenhada por apenas um dos membros constituintes da “Sociedade do Êspeto”.

Assumiram também particular destaque nesta sociedade ,dois dos seus sócios, Manuel de Santana da Lança Cordeiro e Mariano Joaquim de Sousa Feio,que adquiriram uma projecção em termos nacionais .

(82)- Ver gráfico nº37 anexo, pág.420/Tabela nº11, pág.412

(83)- Ver gráfico nº38 anexo, pág.420/Tabela nº11, pág.412

É de salientar que, os referidos sócios, mereceram ser noticiados no jornais **Diário Popular e Diário de Notícias**, tendo dignificado a cidade através das referências efectuadas. A sua importância em termos nacionais ficou a dever-se ao facto de ambos terem sido comendadores e um deles acumulou ainda outros títulos e condecorações(84), que consolidaram o seu destaque.

Para além da diversidade de funções ,anteriormente ,descritas nas quais participaram dezanove dos trinta e oito sócios, assumiram particular destaque os cargos exercidos em termos da comissão de recenseamento , câmara municipal, junta distrital e conselho do distrito.

Relativamente à comissão de recenseamento ,na qual participaram dezasseis membros da “Sociedade do Êspeto”, cumpre referir que esta era composta pelos quarenta maiores contribuintes ,assim podemos concluir que para além da sua importância social ,grande parte dos sócios detinha também um elevado poder económico.

Todos estes elementos relativos ao exercício de funções políticas e administrativas por parte dos membros da “Sociedade do Êspeto” foram simplificados no gráfico que figura em anexo (85).

(84)-Ver biografia de Mariano Joaquim de Sousa Feio ,anexo pág.363.

(85)- Ver gráfico nº39anexo, pág.421/Tabela nº11, pág.412

#### 4. Outras Actividades Implementadas

A Sociedade Bejense desenvolveu um conjunto diversificado de actividades, as quais conferiram prestígio a esta associação. Para além das reuniões de famílias, bailes, e as peculiares ceias e piqueniques, promovidos pela “Sociedade do Êspeto”, existiram outras iniciativas que, pela sua importância, mereceram ser noticiadas no jornal local.

Assumiram particular destaque os saraus, concertos musicais, soirées, bem como outros variadíssimos espectáculos de entretenimento, dos quais fizeram parte manifestações teatrais, ilusionismo, prestidigitação.

Todas estas actividades foram organizadas com bastante rigor e visaram proporcionar aos sócios momentos de convivialidade e animação, mantendo sempre o carácter distinto que era apanágio dos membros da sociedade e de suas famílias que também podiam participar nestes encontros (86).

Muitos destes eventos foram abrilhantados por conceituados artistas de âmbito nacional e até mesmo internacional, facto que contribuiu para evidenciar o bom gosto dos sócios e ao mesmo tempo prestigiar esta associação.

Inseridos nestes programas aparatosos, realizaram-se vários concertos neste espaço de sociabilidade, a título de exemplo referimos que um dos quais contou com a participação de um “distinto concertista de violão franceza -D. João de Jesus, sócio do Conservatório Real de Madrid”(87). Também foi digno de particular destaque um concerto realizado a quatro de Abril de 1889, no qual tomou parte Maria Benscci, do teatro Scalla de Milão.

No que se refere a outro tipo de espectáculos, encontramos, igualmente, referências à participação de artistas estrangeiros, na arte do ilusionismo. A sociedade contou com a presença do conceituado ilusionista Giordano que “satisfez os mais exigentes”(88) através de um vasto programa composto por quatro partes. Também assumiram grande importância os espectáculos abrilhantados pelos famosos prestidigitadores Fortune, no ano de 1890, e Robert no ano seguinte.

(86)-Estatutos da Sociedade Bejense, Op. Cit., 1867, pág. 12

(87)-Jornal O Bejense, n.º 1175, de 7 de Julho de 1883, pág. 2

(88)-Jornal O Bejense, n.º 1680, de 11 de Março de 1893, pág. 2

Realizaram-se outros espectáculos igualmente notórios que contaram com a presença de importantes artistas nacionais, nomeadamente da capital do País, por exemplo o grupo de amadores de Lisboa que deu um magnífico concerto na sociedade(89).

Também se evidenciaram, nestes espectáculos, os artistas de âmbito local e como já foi referido anteriormente, cumpre sublinhar que muitos destes encontros foram animados pelos próprios membros da sociedade, que desta forma evidenciaram os seus talentos (90).

As representações teatrais constituíram-se também como um elemento socializador, que reforçou o convívio entre os sócios, assumiram-se como agentes socializadores. Importa, no entanto, referir que o teatro assumiu um acentuado desenvolvimento a partir da segunda metade do século XIX.

Expandiu-se também o gosto pelo teatro de província, nomeadamente através do aparecimento de diversos “teatrinhos” particulares, a que Beja não constituiu excepção. Celebrizou-se na cidade o teatro do Sr. Sousa Porto, facto que evidencia o papel assumido pelos grupos de destaque na vulgarização do teatro a nível local.

Neste contexto acrescentamos que a partir da década de setenta do século XIX, “era de bom tom nas reuniões organizadas por membros da aristocracia recente e da alta burguesia lisbonense, presentear os convidados com a subida à cena de uma ou várias peças teatrais”(91).

A Sociedade Bejense integrou-se neste movimento de desenvolvimento teatral, muitas destas representações contaram com a presença de ilustres artistas, salientamos a presença de “artistas italianos-lírico/cómicos Elisabetta e Dagoberta Constantini, programa com bom desempenho”(92).

A existência de um espaço próprio na sociedade destinado às actividades teatrais contribuiu para o implemento desta actividade socializadora. Existiu uma preocupação em demonstrar o cuidado desenvolvido na renovação deste espaço.

(89)-Jornal O Bejense ,nº1742, de 23 de Junho de 1894, pág.2

(90)-Ver pág.119-

(91)-Rui Casção , Vol.V, 1993, Op.Cit., pág.534

(92)-Jornal O Bejense ,nº1852, de 1 de Agosto de 1896, pág.2

O jornal consultado faz referencia ao término das “obras de carpintaria no teatro salla da sociedade bejense”(93).

Outra das actividades promovidas pela Sociedade Bejense foi o jogo,este assumiu-se como uma prática social distintiva .Para reforçar esta ideia acrescentamos que “um homem de boa sociedade precisa de conhecer alguns jogos de cartas”(94).

Durante o século XIX,o jogo de cartas era um dos passatempos mais difundidos,no entanto salientamos que os jogos deveriam ser legitimos,sem propósitos de ambição e enriquecimento,atitude que diferiu dos procedimentos adoptados até ao século XVII.

A distracção constituiu o objectivo fundamental da prática dos jogos ,desvalorizava-se o dinheiro ganho através dele ,por não ter sido conseguido de forma digna.

Os jogos admitidos como prática corrente na Sociedade Bejense ,foram descritos no décimo quinto artigo dos estatutos ,do qual apresentamos citação:”Haverá uma sala destinada para o jogo de bilhar ,xadrez e gamão;e outra para carteadado ,ou de vaza - que tudo se jogará por preços módicos.São proibidos os jogos de parada ou de azar incluindo o -ecarté ”(95).

Estes jogos eram autorizados e estavam ,particularmente, indicados para o desenvolvimento do espirito ,por serem considerados jogos de cálculo,assumiram um papel importante como exercicios mentais estimulantes(96),princípios que não foram veiculados pelos jogos *de parada ou azar*,facto que levou a que fossem proibidos .

Os jogos eram apanágio de gente educada e refletiam atitudes de distinção por parte dos jogadores,estes adoptavam procedimentos próprios da sua condição ,desta forma o jogador “deve aceitar o risco ,perder com elegância ,ganhar com indiferença”(97).

A leitura foi entendida como um veículo de informação e formação ,principalmente dos grupos dominantes,desta forma assumiu-se também como uma das actividades implementadas pela Sociedade Bejense,a qual implicou a existência de um espaço próprio,o gabinete de leitura .

(93)-Jornal *O Bejense*, nº1581, de 29 de Março de 1890, pág.2

(94)-Maria de Lourdes Lima dos Santos,1983,Op.Cit.,pág.46

(95)-Estatutos da *Sociedade Bejense*, 1867, Op.cit.,Págs.10,11

(96)-Maria de Lourdes Lima dos Santos,1983, Op. Cit.,pág.47

(97)-Maria de Lourdes Lima dos Santos, 1983, op. Cit.,pág.46

O tipo de leituras mais em voga, no período oitocentista, foram a leitura política, económica e especialmente mundana (jornal, novela, romance, história, relatos de viagens e outras obras consagradas).

No décimo quarto artigo dos estatutos foram discriminadas o tipo de obras que poderiam ser consultadas pelos sócios, estas englobavam “os periódicos, folhetos de Artes, Ciências, Literatura e mesmo de política” (98).

Acrescentamos, porém que, como condição primordial, os estatutos referiam também que não se deveriam discutir assuntos políticos, embora o gabinete de leitura pudesse fornecer informações desse âmbito.

A propósito do papel desempenhado pelas associações recreativas em termos de formação, consideramos importante referir que se desenvolveu no Clube Artístico Bejense, um instituto de ensino, que promoveu um curso de dois anos destinado aos filhos e tutelados dos sócios (99). Esta associação considerou a instrução um factor importante a considerar e a desenvolver, sendo este um dos vários factores que a diferenciava da Sociedade Bejense.

Como já foi referido neste trabalho, esta associação promoveu também actividades que tinham objectivos beneficentes, mas para além destas acções a Sociedade Bejense associou-se a outros actos que lhe conferiram reconhecimento social. A título exemplificativo acrescentamos o conteúdo de uma notícia do jornal local, a qual refere que “a Sociedade Bejense, bem como os empregados do Correio d’ esta cidade, mandaram dizer missa por alma do virtuoso monarca falecido” (100).

Estas manifestações funcionavam como mecanismos de legitimação dos membros da Sociedade Bejense e permitiram também reforçar o prestígio e reconhecimento social desta associação em termos da sociedade local e nacional.

(98)-Estatutos da Sociedade Bejense, Op. Cit., pág. 10

(99)-Jornal O Bejense, n.º 1419, de 17 de Março de 1888, pág. 2

(100)-Jornal O Bejense, n.º 61, de 21 de Dezembro de 1861, pág. 2

## Conclusão

A investigação efectuada permitiu-nos tecer algumas considerações importantes no que diz respeito à temática em estudo. Como elementos conclusivos podemos avançar com a confirmação da hipótese inicial do trabalho, ou seja, durante a segunda metade do século XIX e primeira década do século XX, existiu em Beja um espaço de sociabilidade distinto, que resultou da acção de um grupo de elite tendo em vista perpetuar o seu poder.

Salientamos um conjunto de questões que orientaram esta investigação e às quais pretendemos responder: Os membros da Sociedade Bejense reuniam atributos que nos permitem considerá-los um grupo de elite? Este era ou não um grupo coeso? Os sócios formam uma elite ou várias elites? O perfil dos fundadores foi condicionado o recrutamento de novos sócios?

Pretendemos esclarecer algumas destas questões no decorrer do trabalho, apresentamos, para o efeito, uma breve sùmula da noção de elite, com base na qual podemos considerar que o termo elite se aplica a situações de liderança, de destaque social, independentemente da proveniência desta hegemonia.

A maior parte dos sócios da Sociedade Bejense pertenciam a este grupo distinto da elite. Esta condição ficou a dever-se sua ligação ao mundo agrário, salientamos que em todos os grupos de sócios analisados, o número de proprietários prevaleceu, relativamente às outras categorias ocupacionais. Também é de salientar que, nas listas dos quarenta maiores contribuintes analisadas, verificámos que os membros da sociedade, nomeadamente os sócios-fundadores, pagam as quotas de contribuição mais elevadas, o que evidencia o seu elevado poder económico, sendo este um dos garantes do reconhecimento social.

O protagonismo assumido pelos sócios na sociedade local e também, em alguns casos, a nível nacional, resultou do desempenho de actividades de diversa índole beneficência e caridade, culturais, de ensino, recreativas, promoveram acções de carácter privado, que tinham a ver com os seus interesses económicos.

É de notar que as actividades de carácter filantrópico foram implementadas por um maior número de sócios, pois estes esforçavam-se para passarem por membros úteis da sociedade, sendo estes actos publicados na imprensa como atestados de civismo.

Esta necessidade de projecção e reconhecimento sociais fez com que estes indivíduos desempenhassem um número diversificado de funções e actividades para consolidar o seu poder.

O desempenho de cargos importantes na administração e política revelam a capacidade de liderança assumida pelos membros que constituem a sociedade em estudo. É de salientar que algumas destas funções exigiam padrões de recrutamento muito rígidos, os quais eram preenchidos por um número considerável de sócios.

Acrescentamos ainda que em termos profissionais, a maior parte dos sócios desempenhava actividades relacionadas com a agricultura, facto que os dignificava. Importa salientar que a terra era considerada como um símbolo socialmente valorizado, uma matéria visível de poder e de prestígio social e económico.

O facto de alguns destes sócios serem titulares de condecorações, títulos de nobreza ou outro grau de distinção também lhe conferia a projecção social pretendida.

Verificámos, igualmente, que este protagonismo, também conseguido através da imagem exterior projectada nas suas luxuosas habitações, era continuado através das construções tumulares edificadas no cemitério, que funcionavam como factores de distinção social.

Tendo presente as diversas noções de elite e a análise de todos estes elementos presentes na caracterização dos membros da Sociedade Bejense, podemos concluir que os membros que constituem a Sociedade Bejense pertencem ao grupo de elite.

Encontrámos neste grupo alguns elementos, que nos permitem falar de homogeneidade entre os seus membros constituintes, como seja, a idade jovem, as relações de parentesco, partilha de um mesmo espaço de sociabilidade, desempenho de actividades profissionais ligadas à terra e formação superior similar, dado o predomínio de um maior número de bacharéis e uma forte acção pública.

Cumpramos acrescentar um outro elemento que exprime a intensa coesão existente entre os sócios, trata-se da divisa que foi adoptada pela sociedade: "*Vis Unita Fortius Agit*(1).

(1)-O sentido atribuído a esta divisa, tem a ver com a ideia de concórdia, unidade, união, sendo esta a condição de hegemonia, de força.

Todos os factores,anteriormente,analizados contribuíram par que existisse um pendor exclusivista na sociedade,contribuiu para que a sociedade se distinguisse dos demais espaços recreativos existentes em Beja neste período.

Apesar destes elementos que considerámos de coesão ,saliente-se que estes dados não são suficientes para nos permitirem falar de homogeneidade e por sua vez, considerar a existência de uma única elite.Defendemos que no grupo de sócios encontrámos várias elites consoante a esfera em que se destacaram,ou seja,podendo desempenhar uma função cultural ,política ,económica e social.Esta posição fundamenta-se nos elementos anteriormente descritos, no que se refere ao desempenho dos sócios a nível da sociedade local .

Podemos concluir, também ,que o carácter elitista dos sócios se reflectiu também na organização e acção implementadas pela Sociedade Bejense.Acrescentamos que a exímia decoração dos espaços ,a sumptuosidade e o aparato das festas implementadas, nas quais se manifestava a riqueza deste espaço de sociabilidade e também dos seus participantes.Estes apresentavam ostentosas vestes ,as damas destacavam-se pela riqueza das jóias e pela postura distinta .

Esta ostentação visava projectar a imagem da sociedade ,recorrendo desta forma ao precioso contributo da imprensa.É de notar que alguns sócios exerceram cargos importantes no jornal local o que aumentava a projecção social desta instituição e dos seus membros.

A exímia preparação das festividades ,quer fossem bailes ,reuniões ,piqueniques era acalentada pela competição que se gerava entre os membros dirigentes ,estes esforçavam-se por apresentar resultados superiores aos seus antecedentes.Esta situação demonstra-nos a importância que a sociedade tinha como meio de projecção dos seus membros . Acrescentamos a este propósito que o facto de existir um grupo de sócios -fundadores bastante jovem,alguns dos quais ainda estudantes,permite-nos concluir que estes teriam beneficiado do facto de pertencerem a esta conceituada sociedade para se projectarem e promover a sua ascensão social.

A sociedade reflectia a acção dos seus membros constituintes,pelo que todos se esmeravam pelo cuidado bom gosto nas actividades que promoviam,pois as suas acções eram tornadas públicas.